NATURA
DEUS
UNITAS
LUX
TENEBRAE
SIGNATURA RERUM
A ASSINATURA DE TODAS AS COISAS
DE
JAKOB BOEHME
TRADUÇÃO & EDIÇÃO POR :
MATEUS RODRIGUES FAGANELLI
(OBEMELEITO)

Signatura Rerum, A assinatura de todas as coisas, Jakob Bohme.

Essa edição traduzida em português por ObemEleito, traz o texto adaptado em fevereiro de 1894 por Sédir (Paul Sédir), com base no texto original escrito por Jacob Boehme em fevereiro de 1622.

Quem foi Jakob Bohme (1575–1624);
foi um sapateiro, filósofo e místico luterano alemão cujas visões espirituais influenciaram profundamente o esoterismo ocidental, o idealismo alemão e o romantismo. Um artesão humilde sem formação acadêmica que se tornou uma das mentes mais enigmáticas e impactantes do século XVII.
Ele Defendia que o universo e a própria divindade são estruturados por forças opostas (luz e sombra, bem e mal). Para Böhme, ***a natureza e a matéria funcionam como um espelho do divino*** — um conceito sintetizado em sua teoria de que todas as coisas criadas carregam uma "assinatura" oculta de sua origem espiritual. Sua fusão de teologia, alquimia e observação da natureza inspirou pensadores como *Hegel*, *Schopenhauer*, *William Blake* e os românticos alemães de outrora e continua a encantar e inflamar corações nos tempos modernos.

"Não há nada na natureza que não declare sua forma interna no seu exterior, pois o exterior é sempre uma manifestação da assinatura do invisível."
— Jakob Böhme, Signatura Rerum (1621)

PREFÁCIO DO TRADUTOR

À Luz Eterna, princípio incriado de toda a sabedoria e fonte inesgotável de vida, elevo minha mais profunda gratidão. Foi sob o seu amparo que este trabalho tomou forma, guiando cada escolha e iluminando os caminhos da compreensão através dos mistérios aqui expressos.

Agradeço igualmente aos irmãos e mestres espirituais, guias silenciosos que sopraram a inspiração necessária para enfrentar a grandeza desta obra. Que a dedicação em traduzir estas páginas seja uma justa retribuição pelo auxílio invisível, mas constantemente sentido, ao longo de toda a jornada.

Que a luz contida nas profundas palavras de Jacob Böhme dissipe a obscuridade, expanda os horizontes do entendimento e ilumine a mente do leitor para a contemplação da Eterna Natureza e do Amor Divino.
ObemEleito,
Agosto de 2026

Prefácio *por Sedir*

A Divindade utilizou-se de apenas um caractere para dar a cada uma das criaturas o seu signo, a sua figura e a sua forma, de modo que elas aparecem como tantos milagres do Mistério celeste ou terrestre. Este caractere é a cruz universal que se estende através de todos os três princípios nas esferas e nos torvelinhos da Natureza. Tal é a ideia que se encontra no frontispício desenhado por Gichtel para o Signatura Rerum, e que os dezasseis capítulos deste livro desenvolvem.
Ele foi traduzido uma vez para o francês, por volta de 1660, por um médico, Jean Mandré, que apenas conseguiu torná-lo um pouco mais ininteligível. Mais presunçoso do que L.-C. de Saint-Martin, que teve o cuidado escrupuloso de traduzir literalmente as ideias do «seu caríssimo Boehme», julguei que, suprimindo as repetições, podando os períodos e adicionando argumentos, o leitor moderno que não dispõe de muito tempo poderá apreender melhor o sentido destes textos profundos.
Boehme, aliás, nunca pretendeu consignar coisas novas; tudo o que diz encontra-se na Escritura e na escola da Natureza. Portanto, para o compreender, é preciso realizar a verdadeira religião: imitar e seguir Jesus nos seus sofrimentos e na sua morte, a fim de renascer com ele. É precisamente este processo da regeneração simultânea da alma e do mineral que o presente livro descreve, servindo-se da terminologia alquímica. Quero tentar dar uma tradução mais concisa e liberta das repetições que abundam nas obras de Boehme por causa da insuficiência da sua cultura literária; tomei a liberdade de colocar algumas notas no rodapé para aqueles que se interessam pela arqueologia esotérica.
Sédir
Fevereiro de 1894

Prefácio do Autor ao Leitor amigo da sabedoria

As coisas que é útil ao homem conhecer são:
1º O que ele é.
2º De onde lhe vêm o bem e o mal.
3º Como ele se conduzirá nesse bem e nesse mal.
4º Como poderá conhecer a cura corporal e espiritual.
5º Como deve proceder para efetuar essa salvação.
6º O que é o seu criador.
7º Quais são os mistérios das grandes maravilhas divinas.
8º Então despertar-se-á nele o desejo do amor e da graça de Deus.
9º Cujo desejo manifestará nele a imagem de Deus pela vontade do Espírito.
2-3. — Vão-se, pois, expor estes segredos das maravilhas divinas para que o leitor se torne curioso da «pequena pérola».
Deste modo:

1º As maravilhas divinas serão manifestadas.
2º O Nome de Deus será conhecido em nós.
3º O reino de Saturno será descoberto e esmagado.
4º Todos os combates cessarão e a imagem de Deus reinará.
4. — Tudo isto parece ser sons sem significado; mas a letra exterior não é nada se a letra viva de Deus não a vier animar; esta letra viva é o Verbo proferido de Deus revelado no homem; e o leitor é o Espírito Santo.
Três ternários: Necessidade da Salvação. — O que é a Salvação. — Como efetuar a Salvação, ou as oito arestas e o centro necessários para a construção de uma pedra cúbica...
E não do Astral.
Cf. as doutrinas antigas sobre o papel do Spiritus, da Serpente, do Mercúrio (Buda, Hermes, Rafael) como intérprete grande hierofante do Mistério. Na Igreja cristã, esta função de Jano, de porta, é preenchida por São Pedro, com as chaves do porteiro; na Igreja brahmânica é o Brahatmâ que a preenche.
5. — Este livro não foi escrito para forçar todos os homens a cultivarem as práticas da regeneração, mas apenas para ajudar aqueles a quem Deus impele por esse caminho; pois o tempo se aproxima em que tudo o que esteve oculto será descoberto.
6. — Mas se alguém se extraviar por querer praticar antes de ter atingido a verdadeira compreensão, que atribua a culpa a si mesmo. Que a luz, a bênção e a proteção divina estejam conosco, e que o leitor me conceda a sua simpatia e o seu amor.
Jakob Boehme
Fevereiro de 1622

Se considerares os céus, as estrelas, os elementos e a terra, bem como tudo o que neles vive e se move, verás que tudo procede do grande mistério (Mysterium magnum), a matriz de onde surgiram todas as coisas criadas. Tudo traz em si a assinatura da sua origem e da sua essência interior.
O homem, sendo a imagem de Deus e a soma de toda a criação, traz dentro de si as propriedades de todos os mundos: o mundo das trevas (o fogo colérico), o mundo da luz (o amor divino) e o mundo exterior (o astral e o elementar). Portanto, nada está oculto ao homem que busque a sabedoria no Espírito Divino, pois ele lê o livro da sua própria natureza e, através dele, a Assinatura de todas as coisas.

...as Igrejas, a Luz vinda do Céu tinge-se sempre em um coletivo astral antes de chegar ao homem.
Indicação da lei de intercâmbios, o sacrifício Yajna ou a chuva.

DA ASSINATURA DAS COISAS

OU

DO GERAMENTO E DA DEFINIÇÃO DE TODOS OS SERES

Capítulo I

O que se diz de Deus sem o conhecimento da assinatura é mudo e insignificante; no composto humano encontra-se a assinatura segundo o ser de todos os seres

Sumário:
A assinatura — As três formas da Natureza — Os três princípios
1. — Toda palavra, todo escrito e todo ensino sobre Deus é sem valor se o conhecimento da assinatura nele não estiver encerrado: pois isso então só vem da história e do ouvir dizer em que o Espírito é mudo; mas se o Espírito desvela a assinatura, ouve-se então e compreende-se como o Espírito se manifestou fora da Essência, pelo princípio, no som e com a voz.
2. — Pois ainda que eu ouça falar, ensinar, pregar, ainda que eu leia, não compreendo completamente nem me assimilo a esses discursos e a essas leituras a menos que o seu Espírito, saindo da sua assinatura formal, entre na minha e nela se imprima; tenho então uma base sólida, visual ou auditiva: quando se tem o badalo, pode-se tocar o sino.
Sempre que um livro iniciático fala de som e de voz, trata-se do Filho do Deus vivo. Assim, o quinário: Princípio, Essência, Espírito, Som, Voz, é correspondente à escala exotérica dos Tattvas do Yoga; no Ocidente, o Verbo toma a forma do Cordeiro; no Oriente, toma a do Touro; veja-se o mito de Shiva, que é Ishvara ou o Grande Deus, Mahadeva. Cf. a este respeito o Alfabeto pentagramático da Geometria qualitativa.
Um princípio é o Pai incognoscível no estado latente, é o começo do mundo.
A Essência é a mãe da ipseidade, é como um espelho, o primeiro onde se reflete o Fogo princípio, a raiz da vida de uma coisa.
Chama-se Espírito a todo movimento de vai e vem que vai buscar as suas qualidades à natureza dos seus dois termos.
O Som é um espírito congelado; é o que se chama, numa certa escola, a cauda do dragão.
E, finalmente, a Voz é um som individualizado.
Veja-se no Samkhya e no Mimamsa uma teoria das impressões sensoriais..

3. — Assim, vê-se que todas as faculdades humanas vêm de uma única Raiz e mãe única: se assim não fosse, um homem não saberia compreender o verbo de outro.
4. — Pois é pela palavra que uma forma desperta outra, segundo o seu princípio particular. Entendem-se dando ao espírito uma forma por meio da qual ele pode entrar em outros homens e despertar neles as formas de assinatura semelhante; os dois movimentos inqualificam-se então um no outro, e então já não há senão uma compreensão, uma Vontade, um Espírito e um Entendimento.

5. — Em segundo lugar, dizemos que a assinatura ou forma não é o Espírito, mas o corpo do Espírito, do mesmo modo que uma viola que, se não for tocada nem feita vibrar, não deixará ouvir som algum; a Natureza formal ou assinatura não é senão uma Essência mudo, viola afinada com justeza que, sob os dedos hábeis do Espírito da vontade, produzirá harmonias maravilhosas, segundo a propriedade das cordas movidas.
6. — Na alma humana jaz a assinatura, segundo a Essência das Essências; não falta ao homem senão o Artista industrioso que lhe deve fazer produzir as melodias requintadas: o verdadeiro Espírito da altíssima Potência eterna; e quando ele se levanta no homem, e o move no centro, então toca o instrumento da forma humana: e a forma sai da boca com a palavra. O homem interno manifesta-se no tom da palavra, é assim que a alma toma naturalmente consciência de si mesma.
7. — O homem tem efetivamente em si todas as formas dos três mundos, visto ser uma imagem inteira de Deus ou da Essência das essências; é durante a sua gestação que ele é ordenado; há nele três arquitetos, que são...
É o mecanismo da Conjugação do subjetivo e do objetivo que tem por resultado o Conhecimento: é preciso notar bem que isto se passa no cérebro do homem sidérico, antes de chegar ao cérebro consciente.
O centro de uma coisa é o seu fundo mais interior, o meio, o coração; é o Espírito da coisa, é o lugar da pedra dos sábios.
O instrumento são aqui as faculdades de consciência e de expressão.
Trata-se aqui da palavra viva de um homem regenerado.
Reencontrar-se-á a ação destes três arquitetos na exposição dos desenvolvimentos embriogênicos: os três folhetos do embrião fornecendo as três partes do organismo e servindo de habitat às três almas de Platão.

Capítulo II

Da oposição e do combate no ser de todos os seres
Sumário: A medicina dos três reinos — As três primeiras formas no homem e no mundo físico — A alquimia — A tempestade
1. — Do número infinito das formas, produzindo cada uma a sua vontade diferente, podemos deduzir que a Adversidade existe também na Essencialidade primeira, que as peripécias desta luta onde uma essência ataca sempre a outra, e quando a rompe e a vence a introduz noutra forma, engendram as doenças e as dores.
2. — Aí está o fundamento da medicina, isto é, a arte de temperar as essências umas pelas outras, e de as conduzir todas para uma saúde harmoniosa; sem esta luta, não haveria natureza nem vontade, mas um nada eterno; pois a vontade causa o movimento, o qual tende ao repouso e se excita a si mesmo procurando-o.
3. — O papel do médico consiste em igualar as vontades: elas tendem aliás, como à mais soberana alegria, a unir-se ao seu semelhante: a igualdade da Natureza eterna é assim reproduzida, bem como a sua Paz eterna.
A Natureza eterna é formada pelos dois eternos princípios, Positivo e Negativo, que estão como se estivessem combinados numa perfeita união. Estes dois primeiros são o Purusha e a Prakriti védicos, a Energia e a substância, o yin e o yang chineses; mas a concepção de Boehme é outra; ela pode conduzir a compreender melhor a Cabala e o Tao.

A Liberdade eterna contém e é ela mesma a Vontade (Quarenta Quest., Iª). Elas compreendem as liberdades ou as vontades particulares. Cada vontade tende por definição para alguma coisa, para dela se apropriar, para nela se contemplar. É portanto para si mesma o seu espelho e o objeto do seu desejo é ela mesma (Ibid., Iª). Mas o desejo, que consiste num borbulhar e numa atração centrípeta, é a treva da vontade. É a projeção, a faculdade da vontade, se bem entendi, e eles não se podem manifestar um sem o outro; logo que a vontade deseja, encontra-se nas trevas e, por conseguinte, na angústia, «pois as trevas não são a sua morada; ela deseja pois sair delas; mas não se sente ali senão uma fonte colérica em si mesma, a qual, pela sua atração, produz a rudeza e a dureza, o que a vontade não pode suportar, e ela agita assim a raiz do fogo no raio, como foi dito acima». Daí, a vontade reconcebida reentra em si mesma e, tendo dispersado as trevas, reencontra uma alegria amável. «É esta alegria pela qual a vontade nas trevas suspira sempre; daí resulta o desejo, e é assim uma aliança eterna que nunca pode ser rompida.» (Drey. Princip., cap. XXI, 17-20, trad. Saint-Martin). Veja-se também o § 4 seguinte.

4. — Estas coisas não estão então manifestadas no exterior, só o podem ser pelo combate que travam entre si, querendo sem cessar fugir desses choques e reencontrar a tranquilidade perdida.

5. — Percebemos assim que o melhor médico da Contrariedade é a Liberdade, que é uma luz e como o desejo do espírito; e que a cobiça da essência é a igualdade: dois alimentos pelos quais a fome da Adversidade (do Combate) se pode acalmar e cessar de inqualificar.

6. — Visto que a vida humana consiste no jogo de três princípios, numa tripla essência e possui um triplo espírito de cada propriedade da essência, cujo ternário é o Fogo central, a Luz eterna e a propriedade do ser divino, a propriedade do mundo exterior; cumpre-nos considerar como cada espírito combate com a sua essência e em que consiste a cura, isto é, o remédio da harmonia.

7. — Para além da Natureza encontra-se o Nada, como silêncio e repouso eternos. Nesse Nada brota, de toda a eternidade, uma Vontade para alguma coisa; e essa alguma coisa que ela cobiça é ela mesma; visto que não há Nada senão ela...

Sobre a Essência, veja-se Clav., p. 26, ed. de 1682.

Inqualificar expressa a ação de um agente que penetra num meio e o satura.

Vê-se que, para Boehme, a criação vem do combate das sete forças da Eterna Natureza; a centenas de séculos e milhares de léguas de intervalo, Krishna ensina a Arjuna (Bhagavad Gita, cap. VIII) que todas as produções da matéria se desprendem do princípio latente quando mil eras (uma noite de Brahma) se escoaram; quando esse momento se aproxima, elas manifestam-se espontaneamente.

«Damos-vos a entender», escreve Boehme (Encarn. de J.-C., 3ª parte, V, 3), «que no eterno (eternidade) não há senão dois princípios: 1º o fogo ardente que a luz preenche; ela dá-lhe a sua propriedade, de sorte que, do tormento agudo nasce o grande reino de alegria, pois a angústia atinge a liberdade, o que faz com que o fogo escaldante não seja senão uma causa para encontrar a vida e a luz da majestade; o fogo atrai a si a propriedade da luz ou a doçura, e a luz atrai a si a propriedade do fogo, como uma vida e um encontrar-se (a si mesmo); 2º o outro princípio entende-se da luz; mas a substancialidade essencial de que o fogo queima permanece eternamente uma treva e uma fonte da furia na qual Satanás habita, tal como se vê que o fogo é outra coisa que a matéria de que queima.»

Retenhamos bem estas ideias primordiais de Natureza eterna e de primitiva dualidade cujos movimentos adversos vamos ver desenvolver-se.

Esta cobiça é a propriedade da fome que se sacia encontrando-se a si mesma; e este engolimento produz a obscuridade.
8. — A Vontade é portanto obrigada a permanecer nas trevas; e como quer sair delas, cria para si uma segunda vontade que tende para a liberdade. Esta tensão não pode resultar senão no Nada; quanto mais deseja com força a manifestação, mais a primeira vontade a refreia em si mesma, e esta luta produz três formas.
9. — A cobiça é a Astringência, que dá a dureza, a qual é um fechamento, de onde vem o frio; depois a Expansão, que aguilhoa a dureza, que causa o movimento, que luta contra a Astringência e que a reforça outro tanto. Esta luta provoca uma mistura na cobiça que é a sua essência; e desta ruptura, deste despedaçamento perpétuo, vem a terceira forma, a Angústia dolorosa.
10. — Estas três formas exaltam-se e ativam-se cada vez mais provocando-se umas às outras, de onde a Natureza, que, sendo alguma coisa, é oposta ao Nada livre, calmo e imóvel.
11. — Daí nasce a Inimizade. — Tal é o centro da Natureza. No começo, no primeiro princípio, é um Espírito; no segundo, é um Amor; no terceiro, é uma Seidade. E neste terceiro princípio, as três formas chamam-se: enxofre, mercúrio e sal.
12. — No primeiro Princípio, sul é a vontade livre como tendência do nada para alguma coisa, na liberdade extranatural; phur é a cobiça desta tendência compreendendo a génese da Natureza eterna e da Natureza exterior, pois a dureza, a atração severa aguçam as essências e perpetuam-nas. Pelo sul, a angústia tenebrosa torna-se uma luz e, no terceiro princípio, o sul é o óleo da Natureza onde queima a vida e onde crescem todas as coisas.
13. — O sul na realidade não está separado do phur: é uma única Seidade que tem duas propriedades: alegria e dor, luz e treva; — dois mundos: um de fogo sombrio na severidade, o outro de fogo luminoso na liberdade: este último faz compreender a Divindade, o primeiro faz compreender a Natureza, e estes dois são a causa recíproca da sua existência.
Cf. o símbolo do ouroboros, a serpente Ananta, no astral.
Em hebraico Hoschek, Hosh'-Ach, movimento violento, causado por um ardor interno, com contração em direção ao centro.
Lodoïk de Divonne, La voix qui crie dans le désert.
Este terceiro princípio é o mundo físico e astral.
14. — A dor é o médico do desejo de liberdade, pela Angústia que faz com que o Nada se tenha tornado uma vida e tenha tomado consciência de si mesmo, o que não teria podido fazer permanecendo na calma.
15. — E a luz, ou o sul, é o médico da cobiça da natureza tenebrosa, detendo o torvelinho de Angústia, que se converte numa sonoridade na essência.
16. — Cada uma das três propriedades permanece ela mesma e habitam contudo uma na outra; são o médico uma da outra, por meio da imaginação, pois o Eterno é mágico.
17. — A segunda forma da Natureza na Eternidade é a Irradiação das essências agudas e picantes; a essência nasce onde há perturbação, pois o Nada é aprazível. No terceiro Princípio, é o mercúrio inimigo e venenoso, causa da vida, do movimento e dos sentidos. Existe a fim de que de um saia a multiplicidade sem fim e sem fundo.
18. — Esta forma procura o repouso pela inquietação, e é para si mesma a sua própria inimiga. O seu remédio é duplo como a sua cobiça, que se dirige ao mesmo tempo para a liberdade tranquila e para a inquietação da busca de si mesma. A vontade radical procura a alegria; sai para isso do Nada, e vai para o movimento doloroso, onde essa vontade se reencontra.

19. — Esta vontade encontrada deseja de novo a paz do Nada, a fim de gozar da tranquilidade e da alegria. Assim, há duas vontades no fundo de tudo: uma tendida para o fogo irascível e a roda de angústia, para gerar a Natureza; a outra para a vida de luz e a alegria da Natureza.
Cf. sob o ponto de vista moral, as quatro verdades budistas.
Génese da sexta Forma.
Magia e Imaginação aplicam-se aqui a essa propriedade característica que possui uma Vontade qualquer de formar, no meio onde atua, imagens de si mesma, propriedade que, pervertida, se tornou o instrumento dos mágicos.
mercurius designa o som.
Toma consciência de si mesma.
20. — O médico da primeira é o desejo da liberdade; e o da segunda é a furia na cobiça esfomeada. Tais são o amor e a ira de Deus, o bem e o mal no centro de cada vida, o prazer e a dor e a sua mistura incessante.
21-22. — Há uma terceira vontade que nasce como de uma essência das duas primeiras; ela é o seu espírito e o seu mestre: pois pode provocá-las a uma ou a outra a seu bel-prazer, pois é a vida verdadeira.
23. — O desejo da liberdade é chamado Deus; o desejo da Natureza é chamado a ira de Deus; é o mundo obscuro; o primeiro princípio; e o mundo luminoso é o segundo princípio; não estão separados um do outro; vivem juntos, são a causa e a cura um do outro; e aquele dos dois que se move, manifesta-se no exterior pelo seu caractere.
24. — A terceira forma é a Angústia; ela é por si mesma o fiat; operando com as outras duas, produz a quarta que é o Fogo. No terceiro princípio, ela é o sal, segundo a sua matéria, mas segundo o seu espírito tem muitas figuras; é a força corporificante; pode ser sulfurosa, ou um raio mercurial; em si, é uma agonia aguda.
25. — Contém um fogo frio e obscuro, e um fogo quente. O primeiro engendra-se da Astringência, ou atração aguda; o segundo vem do aguilhão do movimento na Angústia; é o desejo da liberdade que o acende.
26. — As três formas que acabamos de descrever desenvolvem-se uma na outra, não têm senão uma única mãe que é a vontade cobiçando a manifestação.
27. — A angústia ou fome do espírito do Sal tem duas vontades: a primeira é aquela para a Natureza; a segunda é a filha da precedente; retorna a si mesma da manifestação para a liberdade. Pois a vida que circula na Natureza não lhe pertence essencialmente: tem em si mesma o desejo de manifestar o interno.
Drach, Harmonies de L'Église et de la Synagogue, vol. I. O bem e o mal éticos discernir-se-iam portanto pelo altruísmo e pelo egoísmo.
É por isso que na Alquimia se contam sete sais.
28. — A primeira vontade do Sal na sua busca de si mesmo constitui o centro da Natureza: é um raio e um pavor; a segunda foge da primeira, para se desdobrar num algo.
29. — Este centro em si, esta furia, é o mundo tenebroso; a saída para a manifestação é o mundo exterior; a outra vontade que sai da primeira é o mundo da luz, ou reino da alegria, a verdadeira divindade.
30. — O mundo tenebroso cobiça o mundo exterior manifestado para aplacar a sua fome; o mundo exterior cobiça a essência ou a vida que resulta da Angústia, a sua cobiça em si é o milagre da eternidade, um mistério, ou um espelho, ou o objeto da busca da primeira vontade.

31. — É o enxofre, o mercúrio e o sal; pois tal cobiça é uma fome de si mesma e a sua própria saciedade. Sul deseja o phur, o phur deseja o mercúrio; estes dois desejam o sal, o seu filho, a sua morada e o seu alimento.
32. — A imagem da inimizade produzida pelas suas cobiças é a tempestade e os raios. — Quando o Fogo do sol move a grande angústia, e esta atinge o Salniter, acende-o; pois ele é o raio ou o aguilhão do mercúrio. Este raio provoca a acidez fria do espírito do sal, que, diante do raio, se encolhe subitamente em si: daí o raio visível cai por causa do frio, pesado; e o som propaga-se por causa da leveza do Salniter.
33. — Depois o vento levanta-se, isto é, o espírito das quatro Formas: o granizo provém do frio, e a água vem do desejo da luz que atua sobre o frio espírito do sal, isto é, sobre as nuvens, que o último resolve em chuva mais tarde.
34. — Assim, o raio (Salniter aceso) começa, traz o trovão que provoca a astringência; daí o vento começa a rodopiar.
Para este universo criado.
O Sal é muito complexo: é o produto do quente, do frio, do Enxofre e do Mercúrio, no seu combate; o Salniter ou Salitre alquímico é formado pela ação predominante do Mercúrio; é a raiz ígnea de todo sal.
Cf. Malfatti, La Mathèse para uma teoria análoga da tempestade.

Capítulo III

Do grande mistério de todos os seres
Sumário: A manifestação divina — As duas formas da primeira vontade — Geração das essências pelo Enxofre, pelo Mercúrio e pelo Sal — Essências interiores e exteriores — Lugar de Lúcifer
1. — Vamos tentar mostrar a manifestação de Deus pela Natureza; como Deus tem um começo eterno e um fim eterno, a Natureza do mundo interior é também eterna.
2. — Fora da Natureza, Deus é um mistério, um Nada; esse Nada é o olho da Eternidade, abismo sem fundo; contém uma vontade, que é o desejo da manifestação para se reencontrar a si mesmo.
3. — Esta vontade antes da qual não há nada não pode procurar senão a si mesma e não encontrar senão a si mesma pela Natureza.
4. — E neste mistério pré-natural, há uma vontade para a manifestação, e outra, nascida da primeira, para a potência: é a filha da primeira, desejosa do reino da alegria.
5. — A cobiça sai; e esta saída é o Espírito da vontade, é um tecido que forma imagens espirituais no infinito do mistério.
6. — Esta mesma forma é a eterna sabedoria da Divindade, a tri-unidade cujo fundo não podemos conhecer, mas, considerando o ato da criação, separamos Deus da Natureza.
7. — Este é o arcano mais oculto; o Abismo manifesta-se; a Natureza eterna é a sua corporificação; a natureza exterior, visível, é uma geração do espírito interior em bem e em mal, uma representação dos mundos ígneo e luminoso.
8. — A alma concebe a natureza eterna; o Espírito da alma ou a nobre imagem de Deus concebe a génese do mundo de luz angélica; o espírito sidérico e elementar concebe a génese e as propriedades das estrelas e dos elementos. Cada olho contempla a mãe de quem nasceu.

9. — Vamos descrever a génese de todos os seres, indicar como estas três mães são a causa umas das outras e como isso se produz a partir do olho de cada uma das três mães.
10. — Ninguém negará que o homem seja uma semelhança de Deus, uma imagem do Ser dos seres; permaneçamos pois em Deus, visto que na luz reside a visão.
11. — Explicamos mais acima como a geração deste mundo se efetua pelo Enxofre, pelo Mercúrio e pelo Sal; vamos ver como se declaram as separações interiores, como tudo se forma a partir do Centro.
12. — No princípio eterno, o Sulphur possui duas formas, do mesmo modo que no princípio temporal deste mundo. O Sul é a tendência para a eterna liberdade, o desejo que sai do abismo, e nessa fome está o começo da Natureza, como atração em si.
13. — Sul é Deus, Phur é a Natureza, como se vê no espírito sulfuroso do corpo material deste nome. A sua essência é uma Matéria ressequida e contrita, a sua propriedade é dolorosa e de exalações ígneas: a razão disso encontra-se na sua dupla origem: vindo da cobiça que é atrativa e da liberdade que é radiante.
14. — A cobiça, sendo uma atração, produz a dureza e o fogo; a liberdade produz o brilho do fogo ou a luz. Sul é a luz; Phur é o fogo.
No sentido hindu, Parabrahman não pode ser descrito senão por Não, não (Neti, neti).
Sinónimo de primeira forma, de fonte. Cf. o hebraico Ayin (Ala).
Cf. o Sefer Yetzirah. Note-se esta andrologia desenhada em poucas linhas; será a base teórica de todo o processo de reintegração.
Veja-se La Voix qui crie dans le Désert, 3º diálogo, por Lodoïk.

Contudo, a luz e o fogo manifestam-se, não no Enxofre, mas pelo Mercúrio e no Sal, que é o verdadeiro corpo da Essência.
15. — A primeira cobiça que se declara no desejo da liberdade substancializa tudo. É a mãe única de todas as coisas criadas.
16. — O mercúrio nascido do enxofre é a separação em luz e em trevas, a roda despedaçadora causa da multiplicidade; ele separa os metais onde está a liberdade, das terras grosseiras onde atua a cobiça cupida.
17. — Ao começo da sua geração, possui três qualidades: o tremor da severidade, a angústia pela impressão da cobiça austera, e a expansão da multiplicidade, a sua vida essencial.
18. — Esta última qualidade tende, por si mesma, a sair das trevas; aguçou-se pela opressão da austeridade: é então uma vida ativa e sensível, torna-se um esplendor que é o reino da alegria.
19. — Compreendamos aqui que o espírito se separa da essência, a essência permanece na impressão e torna-se material, quer seja este ou aquele metal, segundo a qualidade da primeira compreensão no Enxofre, — quer seja terra. Nenhum metal pode ser gerado sem o salniter, que é o pavor no mercúrio, o qual se materializa pela impressão austera e se separa num enxofre, num salniter e num sal; não há corpo algum em tudo isto; não há senão o espírito do ser; o ser sai da morte por uma agonia que tem lugar na grande angústia da impressão, que é a vida mercurial; nessa dor, o pavor salnítrico faz como um raio; depois a liberdade reentra em si mesma; e o ser permanece na angústia austera e tenebrosa.
20. — Logo que a ira transborda assim, provocando o pavor, ela concebe a doçura e começa a apagar-se. Este pavor vem do mercúrio ou da angústia da morte.
Cf. Saint-Martin, Esprit des Choses, t. II, a resistência e o movimento.

O enxofre é a passagem da primeira forma para a segunda; o Mercúrio é a passagem da segunda para a terceira. É preciso recordar bem que as três e mesmo as sete formas não são sucessivas, mas simultâneas; só no mundo físico é que o Tempo e o Espaço são necessários ao seu desenvolvimento.
Cf. o Vocabulaire, La Vie de Jacob Boehme, na Ollendorff.
É preciso compreender que a luta das três primeiras propriedades se torna cada vez mais furiosa; é quando o limite de resistência do meio (da matriz) onde ela se debate é atingido, que se produz o estalo, o raio, a morte, da quarta forma, do fogo.
21. — Com ele acende-se o fogo, que separa uma parte do ser para a ira e a outra para o amor.
22. — Esta segunda parte da matéria, que quer ser liberta da Ira, rebaisa-se abaixo de si mesma: é uma água que a ira mantém prisioneira. A ira produz os minerais; e a liberdade é a água gerada com o fogo, pela morte, na doçura da luz.
23. — Como esta água se forma no pavor do Salniter, ela é múltipla; pois o pavor mortal que tem lugar produz uma vida essencial e um corpo bruto e insensível cuja matéria está morta. Cada corpo é semelhante ao seu espírito essencial.
24. — A primeira parte da Matéria é engendrada pelo desejo para a Natureza, para a manifestação do abismo; a segunda, pelo desejo da liberdade.
25. — No momento deste pavor, produz-se, pela angústia primeiro, uma água sulfurosa.
26. — Depois, pela atração austera, uma água salina. Todas as coisas criadas têm um sal que contém e atrai o corpo e um enxofre que possui o óleo ou a luz, isto é, o desejo da manifestação, de onde vem o crescimento.
27. — Depois, pelo pavor do Salniter, vindo da amargura, uma água terrestre, obscura, morta, contendo tudo o que se tornou corporal.
28. — Consideremos agora o mais alto arcano: o da essência celeste, das gemas e dos metais de que ela é o princípio.
29. — Vimos como o primeiro desejo para a Natureza passa por todas as formas até à mais alta exaltação, e ali, reentra em si mesmo, como uma vida que sai do fogo. O fogo eterno é mágico e espiritual. A liberdade é a sua origem, a Natureza eterna é a sua acuidade. O que morre pelo fogo é divino; assim se declaram na morte ígnea, a luz e o reino da doçura.
Sinónimo de Mistério no vocabulário de Paracelso. Todo este trecho diz respeito à matéria visível.
Esta quarta forma resolve o combate das três primeiras em:
Água sulfurosa, contendo um princípio de expansão,
Água salina, contendo uma força corporificante,
Água terrestre, tendendo para a matéria.
Esta água tripla vai tornar-se o alimento do fogo e produzir a quinta forma ou luz. Assim na alma do homem, quando o desejo, a penitência e a angústia estão no seu mais alto grau, o fogo providencial resolve-os em amor, arrependimento e lágrimas. Pode-se facilmente fazer outras aplicações.
É a ira, ou o Deus colérico.
30. — As propriedades da primeira mãe partilham-se pelo pavor salnítrico: numa água que é uma essência poderosa, da qual o Cristo nos assegura que aquele que dela beber recebe a vida eterna; — e num fogo, que se chama o céu, onde se manifestam os milagres da alegria divina. A água é o verdejar do paraíso; o fogo produz o elemento eterno, a corporeidade divina onde se encontra tudo o que pode ser conhecido de Deus.
Vejamos agora o mundo exterior.

31. — Olhando para os diversos corpos dos Metais, das pedras e das criaturas vivas, a razão pergunta-se qual é o nascimento de cada coisa, visto que todas não têm senão uma Mãe única, e que a eternidade não tem começo. Observaremos pois essa mãe, a separação do tempo e da eternidade, dos dois princípios, o divino e o deste mundo, que é divino também.
32. — Como Jesus chama ao Diabo o príncipe deste mundo, diremos também como este príncipe é a mais miserável criatura deste mundo. A Mãe, que engendrou todas as criaturas, contém na sua propriedade: o enxofre, o mercúrio e o sal espirituais, tudo o que saiu da sua impressão, e o seu Fiat dá criaturas diferentes segundo a qualidade primitiva da separação.
33. — Em primeiro lugar estão os altos espíritos engendrados do centro de todos os seres, pelo livre desejo na propriedade do fogo; eles tinham em si as propriedades dos dois mundos eternos. Após a sua corporificação, aqueles que permaneceram na propriedade do desejo livre, e que introduziram a sua vontade do fogo na luz, foram anjos; aqueles que introduziram a sua cobiça de novo no centro, tornaram-se diabos, expulsos da liberdade e da luz.
34. — Assim, os diabos não possuem nem o reino de Deus nem o reino deste mundo; pois, na criação, este último foi formado pelas duas qualidades; e o diabo não possui senão a Ira. Cf. O tratado da Eleição da Graça, do mesmo autor, e a teoria cabalística da queda: Drach, Harmonie; Luria, Revol. das almas.
35. — Após os espíritos elevados, Deus criou este mundo visível, com as estrelas e os elementos, como uma geração da mãe eterna; tudo isto saiu do eterno começo e tomou um ponto de partida temporal. O movimento da mãe acendeu as suas formas, e elas produziram corporificações. Em seguida Deus criou a terra:
36. — A primeira cobiça para a Natureza imprime-se em três formas; tudo se move e agita por esta impressão até à mais alta angústia, até ao pavor salnítrico. O fogo nasce; a dor borbulha, como água sobre o fogo, depois a astringência estreita, e o fogo dilata; isto passa-se no [Princípio].
37. — A atração austera é portanto um aguilhão furioso, uma ruptura incessante; é um espírito sem essência; é a própria forma do [Mercúrio]: há duas vontades neste estado: uma é a angústia vinda da cobiça, a outra é o desejo da liberdade; elas não se podem separar uma da outra, e a luta tensiona-se até que o fogo se acenda pelo estalo do Salniter. O ardor do fogo adormece a dor: tal é a morte (eterna ou temporal).
38. — Mas a liberdade recobrar-se: ela supera a morte; o espírito da angústia materializa-se e já não conserva senão uma ação essencial impotente; no meio deste incêndio, no estalo salnítrico, cada propriedade individualiza-se e materializa-se formando metais e pedras.
39. — O metal mais perfeito, o ouro, vem da Liberdade apreendida na impressão austera: é essa liberdade, invólucro do Sul, que faz crescer os Metais; enquanto as pedras, apreendidas com demasiada dureza, têm muito pouco Sul. As pedras preciosas vêm do raio que separa a vida e a morte, no momento da sua congelação pelo estalo. É por isso que têm grandes virtudes; carregam em si o nome da potência divina. É pela mesma razão que o ouro está muito próximo da corporeidade divina, de modo que se poderia desatar-lhe o corpo morto e torná-lo espírito alado, pela permissão de Deus, embora isso pareça impossível.
40. — Os outros metais vêm das diferentes impressões do fogo e da luz ao sair do caos divino; cada matéria é um ser análogo ao espírito de que foi engendrada, e o fogo transforma-a numa luz igualmente análoga.

41. — Do mesmo modo que a alma se espalha em todas as faculdades do homem, assim a Alma eterna se reencontra da mais alta luz à mais profunda treva; este mundo inteiro não é senão uma imagem do mundo eterno.
42. — Os coros dos Espíritos, as estrelas, as plantas, tudo o que existe até aos exércitos eternos tem a mesma constituição.

CAPÍTULO IV

Da origem dos quatro elementos e das estrelas até à propriedade metálica e criatural
Sumário: As duas Mães — As sete Formas, as sete Propriedades planetárias — A ação do Enxofre, do Mercúrio e do Sal na sua geração — A sua ação recíproca.
1. — Tudo provém de uma única e mesma Mãe, como se demonstrou acima; e tudo se separa em duas essências, segundo a Lei da Eternidade: essência mortal e essência imortal, espírito e corpo. O espírito é a vida e o corpo é a morte, como uma casa do Espírito, e a Santa Trindade afirma-se pela origem e pela Geração. No céu estão também a Essência e o Espírito dos quais vemos a figura neste mundo exterior, onde há quatro Elementos provenientes de um só.
2. — Aquando da criação deste mundo, toda a essência da Eternidade moveu-se e a sua forma acendeu-se do desejo da manifestação; e, na geração, separou-se em quatro partes no efervescer ígneo: foram o Fogo, a Água, a Terra e o Ar, o seu espírito movente. Pode-se considerar isto no Enxofre, que compreende estas quatro coisas.
3. — Os astros são também engendrados pela primeira Mãe: formam juntos como um corpo, e saem do Espírito interior como um pé ou uma mão crescem do tronco segundo a forma que já têm desde o primeiro instante da vida do centro.
4. — A Mãe primitiva, que é o desejo ou cobiça, introduz-se em sete formas nas quais se manifesta, embora permaneça apenas em três.
O capítulo IV da Signatura rerum de Jacob Boehme é, por si só, uma mina inesgotável (Saint-Martin, Corresp.).
Extraio de Esoteric Buddhism do Sr. Sinnett a seguinte elucidação das sete propriedades de Boehme:
“A primeira, a Astringência, é o princípio de toda a força contractiva; é o Desejo e atrai. As rochas são duras porque esta primeira qualidade é a única ainda desperta nalgumas delas.
A segunda, a Mobilidade, esta doce qualidade é o princípio da expansão e do movimento; as formas simples das plantas, dos fluídos, etc.
A terceira, a Angústia, a qualidade amarga, é gerada pelo conflito das duas primeiras; é manifesta na angústia e na luta do ser; pode tornar-se um arrebatamento celeste ou um tormento do inferno; a sua influência é dominante no enxofre.
A quarta, o Fogo, é a transição ou a qualidade intermediária.
Na qualidade do fogo, a Luz e as Trevas encontram-se. É a raiz da alma do homem, a fonte do céu e do inferno entre os quais a nossa natureza se encontra colocada. O espírito-fogo é a alma inferior do homem, a anima bruta que os animais possuem tão bem como os homens, pois é do centro da natureza com as suas quatro formas que emana a sua potência ardente. Faz brotar o fogo em si mesmo, é a ‘roda da essência’. As três primeiras qualidades pertencem mais especialmente à natureza do Pai ou de Deus na sua ira, quando é descrito como ‘um fogo devorador’; separadas da segunda tríade, elas engendram a morte espiritual, a luta, a necessidade, noutras palavras, o Mal. As três últimas qualidades pertencem à natureza da mãe; quando o fogo terrível que incuba encontra a doce ternura e

a qualidade do amor e irrompe numa chama brilhante e alegre, fonte da Luz e do Amor, da sabedoria e da glória, noutras palavras do Bem, produzido pela união das qualidades macho e fêmea, do mesmo modo que a sua separação é a origem e a causa do Mal.
O homem é o árbitro do seu próprio destino; ele desenvolve voluntariamente das profundezas da sua própria natureza o seu céu ou o seu inferno, enquanto, ao dominar-se ou ao ceder às suas paixões, aumenta a felicidade ou a sofrimento daqueles que o cercam.
A verdadeira causa do pecado e das cruéis misérias que vemos ao nosso redor está no egoísmo, nesse terrível amor-próprio, nessa personalidade que acentua tão violenta e insidiosamente o eu e o nós, e que é o resultado da predominância dos três princípios (ou qualidades) inferiores. Os Teósofos herméticos descreveram esta evolução como sendo a união do duro e do sombrio com o amor e a Luz, ou das qualidades machos com as qualidades fêmeas. Na antiga religião-sabedoria, isto chama-se o quinto e o sexto princípios, a alma espiritual e a alma humana.
A sexta qualidade é descrita pelos Hermetistas como o Som. No céu, a harmonia das esferas; no homem, os cinco sentidos e o dom da palavra, ou melhor, o Verbo, a manifestação da Divindade. Assim o Cristo é chamado o Verbo, a linguagem do nome Divino, nome que significa a natureza expressiva ou a sua manifestação exterior. Quando atingirmos o sexto princípio ou o Espírito de Cristo, ele desenvolverá em nós o sexto sentido, ou a alma espiritual que é a Intuição… O sétimo princípio é o Espírito Divino em si mesmo, descrito como sendo a substancialidade espiritual."
5. — A primeira forma é austera, é uma atração severa, causa do frio, do sal e de toda a corporeidade.
6. — A segunda forma é um aguilhão de movimento, causa a sensibilidade do amargor, do ódio, das alegrias e dos sofrimentos.
7. — A terceira forma é a grande Angústia da realização, fonte de duas vontades: uma tendendo para a mais alta exaltação do Fogo, a outra para a morte no Fogo da Alegria, que se mergulha na Ira e regressa a si mesma para fornecer um elemento de esplendor à exaltação do Fogo.
8. — A quarta Forma é o Fogo mesmo, primeiro princípio da Vida, pelo qual se separa o mundo tenebroso do mundo luminoso; e todas as separações materiais se fazem neste efervescer; a corporificação começa ali, assim como a multiplicação segundo a propriedade do primeiro Espírito eterno: segundo a Essência, um corpo mortal; segundo a efervescência do Fogo, um vivo.
9. — A quinta forma é o segundo desejo que se exerce após a separação, segundo o desejo da Liberdade, mais alto ideal do amor, — e segundo o desejo do Fogo, fonte da Alegria e de toda a vida verdadeira. O Amor dá a Essência, pois é ativo e expansivo como ela. Deus está incluído em toda a essência, e Ele dá ao Fogo a fome da Essência sem a qual este último não poderia subsistir, nem a magnificência da Luz, nem o desejo do Amor; pois é pelo Fogo que a luz é alegre, e sem ele apaga-se, e o amor angustia-se, como se vê nos diabos.
10. — A sexta forma sai da Roda ígnea que produz a multiplicidade das Essências pelo Mercúrio no efervescer nitroso: é pelo Fogo que uma forma se introduz na outra; quando, portanto, o desejo amoroso penetra as formas, elas tornam-se desejosas, pois o Filho amoroso reside em todas as coisas.
11. — É aqui que residem, que nascem o gosto, o olfato, a audição, a visão, o tato e a fala: ali, outro princípio, uma nova efervescência contida na Luz, preenche tudo; ali, verdejam a Vida na Morte, o Amor na Ira, a Luz nas Trevas; ali, o esposo abraça a sua esposa, e o próprio Deus faz calar a Sua ira, a furor da natureza. Desta forma provêm a linguagem, o

entendimento, os sentidos e a vida de toda a criatura que circula nos vegetais, nas árvores e nas ervas, segundo as suas propriedades particulares.
12. — A sétima forma brota de todas as outras e serve-lhes de corpo e de residência; e isto acontece quando estas outras, pela sua ação mútua, provam o desejo do amor; então em cada uma eleva-se uma fome de luz, um desejo penetrante e uma poderosa atração; destas duas coisas, a fome e o objeto da fome, provém uma essência que atua fora da morte. Quando a imaginação da Fome é demasiado veemente, se não se pode satisfazer, apaga-se no ventre da sua Mãe e a criança morre.
13. — A primeira fome do Centro perante o Fogo é uma fome espiritual que produz o mundo tenebroso, enquanto a fome do livre prazer produz o mundo luminoso: estes dois mundos permanecem espirituais até passarem pelo Fogo; morrem então para o Espírito e permanecem a sua imagem e a manifestação desse Espírito incompreensível que se chama Deus no Amor e na Ira.
14. — Assim, cada um permanece em si mesmo; a fome temporal produz um corpo temporal, a fome eterna produz um corpo eterno, e estes dois não fazem senão um, mas não se confundem.
15. — A sétima forma corporifica, pois, estes espíritos segundo a sua própria fome; na criação deste mundo fez-se uma separação que se percebe em todas as criaturas: Sol, Estrelas, metais e pedras.
Aqui Boehme faz uma digressão sobre a Appetência.
Cf. Amaravella, Le secret de l'Univers; o quadro incompleto das quarenta e nove chamas de Agni, que se encontra nesta brochura, é baseado, na iniciação brahmânica, sobre o mesmo plano; há frequentemente analogias entre Boehme e os mestres pré-védicos.
16. — No Firmamento há sete planetas, na Terra sete metais: os planetas são fixos nas suas propriedades, assim como os metais; os outros minerais e as outras Estrelas são menores e o nascimento das coisas está submetido à roda planetária.
17. — A Divindade, enquanto luz, é o centro de toda a vida, como no mundo manifestado o Sol é o centro de toda a vida. Desde a mais alta vida, as mais altas criaturas caíram na angústia, até à mais baixa. Em todas as coisas exteriores há duas propriedades: temporal e eterna; a propriedade do tempo é manifesta, a outra está oculta, embora imprima a sua imagem em cada coisa.
18. — O que provém do desejo da Liberdade reside pela sua raiz numa propriedade celeste e pelo seu corpo numa propriedade terrestre; o eterno jaz no tempo e manifesta-se por ele. Sulphur é, no interior, celeste, e segundo o corpo, terrestre: produz contudo uma semelhança celeste fora do eterno, como se pode ver no ouro e ainda melhor no corpo do homem se este não tivesse sido corrompido pela cobiça do Mercúrio. Pois o homem espiritual celeste está no Enxofre e o corporal no Mercúrio; a propriedade metálica é igualmente a mais nobre no Enxofre.
19. — No mundo celeste há também uma propriedade proveniente da efervescência da Liberdade quando o seu desejo se acende no reino alegre: isso acontece para o Enxofre celeste quando se torna uma essência no Mercúrio celeste, pelo Verbo; mas se este último desejo se manifesta à imagem do espírito e da essência, segundo a Trindade divina, segundo a Essência mortal e imortal, ela imprime-se nos Astros, nos Elementos e finalmente no homem, viva imagem de toda a Essência nos mundos divino e exterior. Os metais são igualmente uma imagem mortal da essência viva e celeste do mundo interior.
20. — O Enxofre é o seu começo, pois Sul é o prazer livre da Luz, desejoso de se manifestar pelo Fogo; e Phur é a fonte do desejo atrativo que produz a propriedade terrestre e tenebrosa e a severidade do espírito, a saber, a essência ígnea. Nesta severidade jaz o

que está impresso, — a appetição cúpida e a fúria da fome, causa da Ira: estas três pertencem ao Phur, propriedade do desejo livre.
21. — Esta propriedade engendra a Essência em cada uma delas, pois dá-se a si mesma em cada propriedade e faz-lhes uma forma corpórea. Mas se o livre desejo se torna também uma fome, modela também três formas: fonte do desejo, desejo do desejo e corpo do desejo, enquanto o Sol é produzido segundo a Propriedade da Luz. Tudo isto é Espírito; e cada Espírito converte-se em Essência pela fome: essência fixa e variável, mortal e imortal, celeste e terrestre.
22. — Na propriedade saturnina, o desejo do livre prazer faz o chumbo segundo essa mesma propriedade; segundo a água, produz o sal; e segundo a terra, as pedras e a terra.
23. — Mas a liberdade, atuando segundo o seu modo particular, produz ali o ouro; ali se separam o espírito e o corpo: o espírito do desejo é o sol, e o corpo é o ouro; entenda-se o ouro em Saturno segundo a propriedade do Desejo livre e não segundo a própria terrestridade e salinidade do Chumbo. O desejo saturnino encerra essa criança dourada em si, não na sua forma cinzenta, mas num brilho obscuro; é um grande Senhor, não por si mesmo, mas pela criança que carrega em si mesmo. Não é o seu pai, mas cobre-a com o seu manto negro, para que Mercure, que trabalha a criança, não possa receber daí alegria; é ele o seu Fiat ou Criador; não lhe pode dar um corpo diferente da sua propriedade, porque constitui a essência do livre desejo (o corpo de ouro) chegado ao mais alto grau da corporeidade na morte fixa; contudo, não é a morte, mas um fechamento representativo da divina essência celeste.
24. — Mercúrio é o Arquiteto desta criança que Saturno cobre; ele engole-a e amassa-a segundo a sua fome ígnea e despoja-a do manto negro; precisa do sol (a sua mulher) para ser saciado; em seguida, trabalha na criança pelo seu fogo e preenche o seu desejo saciado com a propriedade do sol de que se acaba de alimentar; sustenta com ela a criança até que esta se tenha assimilado os quatro elementos e os astros. Então o Pai dá-lhe a Alma como espírito ígneo; e a sua primeira Mãe, que satisfazia a fome de Mercúrio, como Espírito da alma ou vida luminosa; a morte é expulsa nesse instante; a Tintura é produzida, a criança desde então é nascida; ela individualiza-se pouco depois e torna-se melhor do que o seu Pai, mas não do que a sua Mãe, em cuja semente estava antes de o seu Pai operar. Ela quebra a essência ígnea do seu Pai, que é a cabeça da serpente, e passa pela morte do Fogo. Se não compreendes isto, não nasceste para conceber as sublimidades da ciência espagírica.
Todo este processo pode adaptar-se à astrologia divinatória, como estudo dos temperamentos; à alquimia mística, como psicologia; à mineralogia oculta; e a todos os casos em que se trata da germinação, do nascimento e da maturação de uma força qualquer.
25. — Consideremos igualmente os graus de ação da liberdade eterna sobre o Enxofre, nas outras propriedades das Planetas; a forma da Geração é a de uma Roda, assim atua o Mercúrio no Enxofre.
26. — O nascimento mais elevado é circular como o Desejo, pois este mundo é esférico; quando a Liberdade deu a Saturno o seu mais sublime prazer, abraça-se no seu próprio desejo, segundo o modo da Doçura e da Alegria, e abisma-se; por conseguinte, aí reside e trabalha igualmente. Produz-se então da primeira Impressão, segundo a qual o Fogo separa o amarelo do branco, um corpo que é a Prata; a lua brota do amarelo e transmuta-se em branco por causa da doçura divina e, como a sua fonte é da cor do Sol, suspira sem cessar por ele e atrai a si o seu esplendor.

27. — Os metais comportam-se assim: é por isso que a Prata está mais próxima do Ouro, cujo modo de geração segue: Vénus cobre-a com o seu manto, assim como Mercúrio; mas a Prata não retém a propriedade nem de um nem de outro, mas sim a da sua mãe, a Doçura na Liberdade. Por causa dessa origem, tem propriedades celestes, embora pela força do seu desejo permaneça terrestre, simples tabernáculo das essências celeste e terrestre. O mesmo acontece com o corpo exterior do homem que, antes da queda de Adão, era semelhante à prata; mas quando morreu pelo desejo, a propriedade terrena permaneceu sozinha nele; é por isso que suspira sempre pelo esplendor do Sol; gostaria de luzir com a Lua fora do Sol; mas não recebe senão um clarão lunar do qual se glorifica, até que renasça no esplendor do Sol, virtude divina do Mercúrio celeste; é então a criança preciosa da essência divina atualmente coberta pela Lua terrestre, isto é, pela carne.
28. — A Casa da Prata é também Saturno; ele é a causa da primeira conjunção, mas volta somente o seu desejo para o germe de ouro, envolve-o na sua propriedade terrestre e cozinha-o por Mercúrio.
29. — O Desejo do Livre Prazer é fixo; conduz a sua vontade dos pés à cabeça e faz Júpiter para o alto da Roda, sob a virtude saturnina; o seu metal é o estanho, pelo qual o desejo da Liberdade sai pela cobiça da Severidade que é o seu Fiat.
30. — Com efeito, o desejo da Liberdade eleva-se e cresce por graus como uma planta; mas converte esse movimento em rotação, pois é o Arquiteto; e como o nascimento eterno é a obra do Mercúrio celeste, palavra eterna do Pai gerador, o mesmo acontece com o movimento do Pai na criatura. Pode-se ver o exemplo disso no ciclo planetário e no composto humano.
31. — Há primeiramente o verdadeiro homem com o coração de ouro, imagem da Deidade; depois, o homem da Essência divina, o corpo santo interno composto na tintura, do Fogo e da Luz, semelhante à fina prata se não tivesse sido corrompido; em terceiro lugar, o homem elementar jupiteriano; em quarto lugar, o mercurial verdejante ou paradisíaco; em quinto lugar, o marciano ígneo e anímico segundo a virtude do Pai; em sexto lugar, o venusiano de desejo externo aquoso; em sétimo lugar, o solar, espectador das maravilhas de Deus. Assim, os sete metais possuem uma propriedade segundo o mundo interno e uma segundo o mundo externo.
32. — Quando o movimento rotatório ultrapassa Júpiter, sai Mercúrio com um metal quebrado segundo o seu espírito: por fora prata viva (mercúrio líquido), por dentro uma operação paradisíaca. Ele é, pela sua propriedade espiritual, o regente da palavra e das línguas. Está escrito que Deus criou todas as coisas do Nada pela sua Palavra; é o eterno Mercúrio celeste que é a Palavra que o Pai pronuncia na sua Luz; a articulação é a sua sabedoria, e a Palavra é o formalizador.
33. — Ora, o que o mercúrio interior faz na virtude de Deus, o mercúrio exterior realiza-o da mesma forma na essência criada; é o instrumento pelo qual Deus opera exteriormente na vida e na morte, segundo a propriedade de cada coisa: Segundo Saturno edifica, segundo ele mesmo distingue e quebra em Saturno a dureza, abre-a à vida, às cores e às formas segundo as duas propriedades, terrestre e celeste. Segundo a primeira, faz sair do desejo primitivo da natureza que é Saturno a fúria da impressão, que é Marte; dá-lhe a essência ígnea; dirige o Espírito ígneo para o Enxofre em todos os Planetas e dá a cada coisa a sua efervescência e o verdadeiro espírito da vida.
34. — Marte é a grande angústia da primeira impressão; separa-se da vontade amorosa livre: chama-se então a ira de Deus, fúria da natureza eterna. Da mesma forma que o Amor (de Deus) se separa da Ira, o céu do inferno, Deus do Diabo, assim acontece no nascimento da natureza exterior.

35. — O Amor sai da fúria; é uma queda ou uma humildade; é por isso que Vénus jaz na linha de Marte sob o Sol. O seu metal é o cobre porque o Amor é um desejo de luz e de alegria; a matéria provém do desejo de amor; se este desejo quer corporificar-se, precisa de passar pelo fiat ígneo marciano antes que Saturno o materialize.
36. — O metal de Vénus é, portanto, parente próximo do Sol por causa da sua tendência para a liberdade; mas como retém uma grande parte de fogo ao separar-se de Marte, é demasiado ígneo.
37. — O metal de Marte é o Ferro, fúria do Enxofre onde se acende o fogo. Materializa-se pela severidade do Desejo. Marte é o fogo de Vénus, a sua alma ígnea pela qual ela se corporifica; sem ela, Vénus não dá senão Água na efervescência nitrosa; pois o seu Fogo não é senão um sorriso; não pode por si mesmo dar uma essência corpórea; não dá à sua criança uma alma criatural; é Marte que lhe dá a Alma, e Saturno o corpo. O Espírito do Sol pode tingir Marte e Mercúrio em ouro mais facilmente do que a prata, a menos que esta última seja reduzida à sua primeira forma onde Saturno, Marte e Mercúrio estão misturados no Enxofre. Vénus recebe a sua dureza de Saturno e a sua vermelhidão de Marte.
38. — O desejo de Vénus em direção ao Sol é violento, porque ele é a sua primeira mãe; e o esplendor que distingue Vénus entre os planetas e as Estrelas vem da sua mãe, assim como a sua alegria e o seu riso. Ela é propriamente uma verdadeira filha do Sol sulfuroso; é por isso que está muito próxima dele, no celeste e no terrestre.
É o que ensinam igualmente todos os alquimistas.
39. — Pois Deus o Pai engendra o Amor pelo seu coração, do qual o Sol, que dá a virtude a toda a coisa e a toda a essência, é a figura no mundo exterior.
40. — Todas as coisas vêm da palavra de Deus e do Seu coração (o enxofre divino) pela Trindade; manifestam-se na e pela essência que é a sabedoria para penetrar novamente em direção ao Coração e à Força, como diz São Paulo: “Toda a criatura espera connosco ser libertada da sua vaidade.”
41. — Assim é com a essência exterior dos Metais, dos Planetas, das Estrelas e das Criaturas; cada coisa aspi

CAPÍTULO V

Da morte sulfurosa, da ressurreição e da reintegração do corpo na sua primeira magnificência

Sumário: Produção da morte — Vida do homem no Paraíso — Desobediência de Adão — A sua morte — Remédio para esta morte — Aplicação destas leis à transmutação dos metais — Explicação detalhada da evolução metálica desde Saturno — Trabalhos do Arquoteto e do Artista.

1. — Toda a vida e todo o movimento, a inteligência, a razão e os sentidos têm a sua raiz no enxofre, que é ao mesmo tempo o desejo da Natureza e o do livre prazer.
Cf. as pesquisas fisiológicas do Sr. Ch. Henry estabelecendo que os gestos de expansão são dinamogénicos e que os gestos de concentração são inibitórios.
2. — Do desejo da Natureza vêm a Morte e a constrição; do desejo da Liberdade, a dilatação e a vida, pois ele tinge o desejo da Natureza tenebrosa de sorte que esta furiosa se deixa oprimir; assim, a vida eleva-se da morte; sem luz não há vida alguma; quando a luz se apaga na essência do Enxofre, reina a morte eterna, a menos que Deus se mova de desejo aprazível nesta morte; não podendo a morte comportar a vida se, contudo, o desejo

do livre Prazer na Natureza, na qual nasce esta constrição que é a morte, não se manifestar.
3. — É por isso que o homem, tendo passado pela morte sulfurosa, não pode ser revivificado senão pela ação livre do prazer (appetição da vida eterna) no seu phur. Ele move assim o centro da Natureza na propriedade anímica e na essência da alma.
4. — Sabemos que o Verdadeiro Enxofre é um engendramento de toda a espiritualidade e corporeidade, quanto à sua primeira fonte celeste; é assim o engendramento da Essência de todas as essências, pois tudo jaz nesta fonte primitiva contida no Tempo como na Eternidade. Mas ele é igualmente, segundo o reino deste mundo, figura do Eterno, pois nele estão o tempo e a criatura, o visível e o invisível.
5. — Ora, o homem, assim como toda a vida, segundo o regime deste mundo, nasceu do Enxofre exterior; ele próprio participando do interno e do externo, e a Criatura exterior do externo somente; pois o homem é a imagem de Deus, enquanto os seres inferiores são imagens segundo a figuração do engendramento interno na sabedoria divina, isto é, na Essência celeste segundo os dois princípios eternos proferidos.
Cf. o relato da criação do homem na Génese.
6. — Ora, o homem era bom e perfeito, criado segundo os três Mundos, como uma imagem e um templo de Deus; ele era a Essência mesma do que Deus é segundo a Eternidade e o tempo nos três mundos, mas com a origem criatural. Ele morreu segundo a essência celeste divina pelo desejo; pois o desejo interno, nascido no centro ígneo que constitui a vida da divina Essência e que acende a essência da doçura divina onde repousa a forma angelical — o prazer interno, digo eu, voltava-se do puro elemento divino para o nascimento temporal exterior, fonte das propriedades planetárias e elementares. Assim, no homem, a essência divina, ou corporeidade interior, já não conservava nem regra nem vitalidade; era a morte, pois o fogo da alma da propriedade do Pai desviava-se da propriedade do Filho, na qual única consiste a vida divina.
Cf. Fabre d'Olivet, Caïn.
7. — Assim, a Alma nua permanecia sozinha com a sua vontade voltada para o Enxofre exterior, enquanto o interior permanecia na tranquilidade eterna e imóvel, nada no qual já não se fazia operação alguma.
8. — De sorte que o homem só vivia no tempo por meio do seu corpo exterior; o nobre ouro da corporeidade celeste que devia tingir o corpo exterior tinha-se esvanecido; o corpo exterior permanecia, portanto, apenas na Vida da Natureza, na forma e na propriedade de Marte, que é a fúria sulfurosa, a ira de Deus e do mundo tenebroso. Mas visto que o corpo exterior foi criado do tempo, recebeu o seu regime dos Astros e dos Elementos; o desejo benigno da Divindade, que impregna o tempo a fim de que haja uma Vida santa nas criaturas temporais, apagava-se pouco a pouco, transformando-se em água nessas criaturas; e a alma teve de se contentar com a luz do Sol.
9. — Quando, pois, a vontade e o desejo se submeteram ao condutor temporal, este último pôde deter o seu Espírito e fazer morrer o seu corpo. É por isso que Deus ordenou a Adão que não comesse da árvore da ciência do Bem e do Mal, se não quisesse morrer. Foi o que aconteceu de facto; Adão morreu no Enxofre, no Sul do reino de Deus, que é o prazer da liberdade divina, pelo qual reluz o esplendor e no qual arde o fogo do amor divino.
10. — O único remédio para esta morte era o regresso do desejo de Deus a este Sul e a esta Essência mortos, para os reacender ao fogo do Amor que o Cristo carrega; assim, podia reerguer-se o corpo celeste e a Luz divina resplandecer ali de novo. Era preciso também que o desejo do amor reentrasse no desejo da ira para a apagar e vencer, que a água divina cobrisse o fogo ardente da alma para apagar a morte furiosa no Fiat austero do

desejo da Natureza; assim, o desejo do amor podia ser reacendido na alma para ali aspirar a Deus.
11. — Pois a Beatitude do homem consiste no desejo que ele tem de Deus; quando o desejo recebe a doçura divina, funde-se e torna-se essencial; o espírito da alma (que jazia enterrado na ira como num sepulcro) vem ali residir e ressuscitar. Pois o Amor tinge a morte e as trevas e torna-as de novo capazes do esplendor do Sol divino.
Todo o desejo é um Enxofre; há um Enxofre eterno, um temporal, um mineral, um vegetal, um fisiológico, um psicológico, um astral ou astrológico, etc. Todo o enxofre é duplo; o Sul é a força centrípeta, todo o desejo para um centro; o phur é centrífugo, radiante, altruísta. O homem tinha tudo em si; por conseguinte, podia escolher entre estes dois enxofres opostos, mas ligados um ao outro e engendrando-se mutuamente; ele dirigiu-se para o Sul e arrastou consigo todos os Enxofres inferiores ao da sua alma. As suas faculdades celestes atrofiaram-se; as suas faculdades temporais desenvolveram-se. O Enxofre do astral residiu em Marte; o enxofre do mineral está encerrado na matéria ou em Saturno; só ele, que fez descer este mineral, outrora paradisíaco, o pode fazer remontar, com a ajuda da sua força vegetativa ou Vénus; para isso, é preciso excitar a força de manifestação deste enxofre, Mercúrio; e dar um alimento à fúria deste último, em tempo útil; na falta do que, o corpo inteiro se queima; se, no homem, a graça não tempera o arrependimento, vem a impenitência final; na alquimia, o artista desempenha o papel de Deus na mística.
12. — O mesmo acontece para a transmutação dos metais. O Enxofre jaz em Saturno como morto, mas é uma vida vegetativa por causa do Sol exterior.
13. — Para que o corpo metálico atinja a sua mais alta perfeição, é preciso que morra para o condutor externo, isto é, para os elementos, e se reduza a um Enxofre semelhante àquele que era no Elemento único antes de se ter revestido dos quatro Elementos.
14. — Ora, ninguém o pode reduzir a tal pureza senão aquele que lhe deu os Elementos e que os pode retirar dele; esse, com Mercúrio como obreiro, pode retirá-lo ao Saturno tenebroso, transmutá-lo e separar dele pelo fogo os quatro elementos e recolocá-lo no Elemento um. Assim fará Deus no último dia: separando pelo fogo a essência dos quatro do Elemento puro, começo da corporeidade eterna, como na morte do homem os quatro elementos se afastam do puro elemento divino (que é o homem verdadeiro), enquanto permanece apenas o corpo celeste.
O Processo
Para as teorias alquímicas de Boehme, a sua confrontação com as contidas na Carta de Antoine Ducal e no Catecismo Filosófico, do barão Tschudy (em Étoile flamboyante), será de toda a utilidade.
15. — O corpo jaz em Saturno vestido de um trajo miserável; mas está também marcado por Mercúrio, seu Pai, e pelo Sol, sua mãe, e manifestado pela vida de Marte. Mas a sua mãe não se faz conhecer exteriormente, a menos que se faça entrar em ira o seu operador pela sua própria maldade.
Quando a sua ira o inflama, torna-se de tal modo sequioso e faminto que, não podendo encontrar saciedade em si, ataca o seu operador e o seu Criador, — como o homem mau terrestre faz a Deus, — até se ter devorado e consumido a si mesmo, a menos que se aplaque a sua fome devoradora. Mas ninguém pode fazer isso senão Deus; mas se Ele não intervier a tempo, esta fome aniquila o corpo na fúria e na eterna treva.
Como isto não se pode fazer, é preciso tomar uma ira estranha que provoque a ira de Mercúrio.
16. — Esta fome só pede a misericórdia divina para ser liberta da Angústia infernal; contudo, não a pode atingir, pois está encerrada na ira de Deus, com a tenra Mãe que

começou a amamentá-la. Mas, quando Deus lhe envia a Sua graça e o Seu amor, a Ira espanta-se com isso; a fome arrepende-se então da sua maldade e, querendo converter-se, esforça-se por despojar o velho Adão. Logo em seguida o Artista retira-a da Ira e prepara-se para a fecundar; o velho Adão torna-se doente e fraco, inteiramente obscuro e negro, até morrer; os quatro elementos saem então dele; enquanto o Arquiteto do amor divino trabalha na obscuridade no corpo do pequenino que deve ressuscitar da morte; e ninguém vê este trabalho.
17. — O Artista não trabalha; dá apenas ao obreiro a sua própria substância até ver a vida vegetativa mostrar-se na Morte obscura com uma cor diferente da negra; o novo homem está então pronto. O Artista traz a alma ao Arquiteto; e este admira-se de que outra vida venha a si; introduz a alma no corpo novo e retira-se na ira. O Novo Homem ressuscita da morte numa grande glória e, passando pela Ira, quebra ali a cabeça da velha serpente: e a Ira nada pode sobre ele.
O obreiro (oculto) de Paracelso.
Cf. a sucessão das cores da obra em todos os tratados alquímicos.

CAPÍTULO VI

Como se engendram a água e o óleo. Da diferença entre a água e o óleo. Da vida vegetativa
Sumário: O Desejo e a Cobiça — A sua propriedade; fogo e luz — A água e o óleo — A sua origem, a sua manifestação — As diversas espécies de sais — As duas propriedades do óleo — As doenças, a sua causa, o seu processo, a sua cura.
1. — Toda a vida vegetativa consiste em duas coisas: em Desejo e em Cobiça. O Desejo é uma vontade livre, um nada em relação à Natureza; mas a Cobiça é uma fome. Da cobiça brota o espírito ativo, o natural; e do desejo, o sobrenatural, que pertence contudo à Natureza, não à sua ipseidade, mas à propriedade cúpida.
2. — A Cobiça é a atividade da essência, como uma fome, e o Desejo é a essência da fome que ele apodera em si; a cobiça é o espírito natural, mas o desejo pertence à liberdade, pois Deus é sem cobiça no que tange à sua própria essência, enquanto se chama Deus; não precisando de nada, tudo é dele e ele próprio é tudo. Mas Ele tem uma vontade de Desejo e ele próprio é essa vontade de manifestação; não pode haver manifestação do livre desejo sem cupididade; pois este desejo está perante a Natureza como se não existisse; ele é o cumprimento da cobiça faminta da Natureza; dá-se voluntariamente à fome da Natureza, pois é um espírito sem essência nem cobiça, livre como o nada; mas a cobiça faz dele uma essência segundo duas propriedades: a da liberdade eterna e a da cobiça, que dá a vida vegetativa.
3. — A livre essência é e dá um óleo ao qual a cobiça dá a vida. O óleo é uma luz, e a cobiça dá a essa luz uma essência: a propriedade ígnea, a fim de que a luz seja um esplendor; o livre desejo permanece, contudo, em si uma livre vontade, mas abandona a doçura à cobiça para que ela se torne uma essência e um esplendor; ele não tende a outra coisa senão a ser doce, bom e amável; é como um nada, onde não há nem movimento nem tormento.
4. — Mas não é o nada, visto ser o começo do desejo; dá-se como o esplendor do sol a todas as propriedades; então o desejo abraça esse livre prazer como um esplendor do

abismo eterno e produz em si, segundo a sua propriedade, uma essência. Tantas propriedades na cobiça, tantas essências.
5. — Quando o livre desejo se rende à fome cúpida, esta reproduz dele uma imagem que consiste numa água e num óleo. Mas como a cobiça, isto é, a fome de liberdade está satisfeita, produz também segundo a sua propriedade uma essência, que é água, enquanto a essência do livre desejo é óleo. Assim, num único espírito manifestam-se duas espécies de propriedades: uma ígnea segundo a cobiça e uma alegre e luminosa segundo a liberdade.
Para fixar as ideias, podem aplicar-se estas teorias à matéria-prima cósmica cujas mutações se acompanham então até aos três princípios dos hermetistas.
6. — A ígnea dá na sua essência, na sua água, um sal agudo da cobiça, e a sua angústia, um enxofre do qual provêm na criação os Elementos e as estrelas, as pedras e os metais, segundo as formas do desejo, e a corporeidade; e o óleo dá a sua doçura como um livre prazer do amor que faz crescer a vida na impressão ígnea; mas é preciso para isso o aguilhão do fogo, separador das corporeidades, causa da essência e da multiplicidade.
7. — Os Sábios chamaram a esta forma o Mercúrio da roda de Angústia, causa de toda a vida e de todo o movimento e arquiteto nas propriedades oleosa e aquosa.
8. — Pesquisemos como há em todas as coisas: o óleo, o enxofre e o sal, e como tomam a sua origem.
O desejo tende para tudo e nada, é essencial, e dá o óleo; a cobiça é individualizante, natural, e dá o Fogo; e isto em todos os planos, desde a matéria-prima divina ou Natureza essência, até à matéria da nossa terra. Quando a cobiça apodera o desejo, isso dá uma água invisível que contém uma tendência para a matéria (Sal) e uma alma de fogo (enxofre); todo o ser possui em si estes dois princípios e o seu motor, o Mercúrio. Toda a substância vem do Sal: há, portanto, sais divinos, angelicais, astrais, anímicos, magnéticos, minerais, etc., e em cada um deles um desejo e uma cobiça; aqui, os sais do desejo, onde as moléculas são radiantes, produzem metais e vegetais; aqueles cujo lado etérico é absorvente produzem a terra e as águas. Em todo o óleo há um espírito do desejo e um sal corporificante; no homem, o óleo é o alimento do fogo vital ou Mercúrio; da sua corrupção vem a doença.
Deus fez todas as coisas do nada, isto é, de Si mesmo: desejo amoroso e não apaixonado habitando em Si; mas este desejo não se manifesta se permanecer silencioso, sem essência.
9. — Quando se introduz na essência pela cobiça, este silêncio eterno torna-se uma essência eficaz, com duas propriedades. A primeira é um óleo cuja virtude efetiva é boa, amorosa e resistente à fúria do enxofre, do sal e do mercúrio venenoso, que ela cura pela sua doçura, assim como os estragos da roda própria do mercúrio; assim, o bem e o mal estão em cada vida.
10. — Não há, contudo, mal senão se o óleo perece por fraqueza no seu próprio prazer nas formas impressas pela fome do desejo. Quando o espírito faminto se afirma demasiado fortemente e se manifesta demasiado furiosamente, já não pode receber o livre prazer que teria adocicado a sua fome. Quando a fome recebe o amor em si e dele forma uma essência, já não é tenebrosa, picante e venenosamente mercurial, mas torna-se um desejo amoroso e toma o nome de natureza divina; enquanto antes era a ira de Deus, o fogo na natureza exterior.
11. — A cobiça que atua no mundo interior, na propriedade do livre prazer, arde nos fogos do amor divino; o desejo rende-se na cobiça e produz a plenitude da alegria: o que não poderia ser senão onde há movimento.

12. — O livre desejo, que é a propriedade de Deus, manifesta-se, pois, pela propriedade ígnea; por esta última igualmente, o óleo, que é a essência do prazer e que brota da impressão da cobiça, adquire o esplendor; a austeridade dá o relâmpago angustioso (espírito do Sol) e a doçura do óleo, pelo seu amor, expulsa as trevas e manifesta o nada da liberdade eterna.
13. — Quando o esplendor ígneo saboreia a doçura da Luz, a cobiça ígnea apodera-se da doçura; este livre prazer é um nada incompreensível; a fome da cobiça faz da sua essência a obscuridade ao devorar-se a si mesma, e a propriedade da luz absorve essas trevas como se vê no dia e na noite.
Cf. Pernety, Dict. Mytho-hermétique, Saturno, Vulcano.
14. — Vejamos agora quais são as diversas espécies de sais, como correm da sua fonte e se separam em muitas propriedades na impressão. Do Fiat vêm dois sais: o primeiro é espiritual e dá a acuidade à essência do livre desejo; o segundo é a acuidade da impressão segundo a propriedade severa ou a angústia da impressão que é sulfurosa, enquanto a sua propriedade essencial é aquosa. A água é a propriedade muda e mortal do sal e o enxofre da angústia é a propriedade do sal vivo, pois tem o aguilhão do movimento, o mercúrio, em si mesma, pelo qual se forma a vida; contudo, o enxofre não é o sal, mas é a angústia da impressão que se pode tornar corpórea.
15. — O sal é a acuidade do enxofre na austeridade; por ele a angústia corporifica-se; impregna-se das virtudes da angústia e produz por aí a vida mercurial que é a vida da angústia; separa a matéria segundo as formas da Natureza e a matéria do livre desejo em duas essências: uma aquosa e uma oleosa corpórea.
16. — A Essência corpórea é dupla: segundo as trevas e segundo a luz. A propriedade austera, sulfurosa, obscura faz da água uma areia de onde provêm as pedras; a outra propriedade, segundo a morte salnítrica, dá a água comum. A essência corpórea produz os metais pelo efeito do livre desejo e, pela sua propriedade aquosa, as árvores e tudo o que vegeta sobre a terra, numa vida muda.
17. — A propriedade oleosa é também de duas espécies após a impressão: uma, voltada para o desejo da liberdade, liberta-se da fúria da impressão e dá o bom espírito luminoso do óleo; a outra rende-se na angústia sulfurosa, permanece na corporeidade segundo a propriedade salina de cada coisa: num sal ígneo se for ígnea, num sal amargo se for amarga, e assim por diante.
18. — A primeira propriedade segundo a Luz é doce em todas as coisas; a outra propriedade do óleo é segundo a forma da coisa, como se vê nas ervas. Numa há um veneno amargo, na outra uma cura; mas se a propriedade venenosa for quebrada pelo mercúrio no óleo da doçura, o amor da luz penetra também no óleo, vindo os dois de uma vontade comum, mas alterando-se pela impressão: do mesmo modo que o diabo, originalmente um anjo, se transformou numa propriedade diabólica venenosa, e Adão, de uma propriedade celeste a uma terrestre.
19. — Tudo o que cresce, vive e se move neste mundo consiste no enxofre; o mercúrio é a sua vida e o sal é a essência corpórea da fome do mercúrio. O óleo é análogo à propriedade do sal e do mercúrio: ele faz a virtude de cada coisa; no óleo impresso esconde-se o óleo espiritual que dá luz; mas esta pertence a outro princípio, pois não comporta outro efervescer senão o prazer do amor; a essência divina está próxima das criaturas, mas não reside essencialmente nelas; assim, as Ervas, as Árvores e as outras criaturas têm em si uma parte da divina virtude, pela qual podem resistir à falsa cura mágica, ao mau óleo corrompido, e transformá-lo num bom.

20. — Toda a acuidade do Sabor ou do gosto é sal; todo o odor sai do enxofre; e todo o movimento é o mercúrio: entendo por mercúrio a roda da geração de toda a essência.
21. — É preciso que o artista médico saiba estas coisas; não poderia sem isso curar doença alguma senão acidentalmente. É preciso que possa reconhecer por que razão o óleo está envenenado e qual é a fome do mercúrio na doença.
22. — Pois se souber dar o sal segundo a propriedade da fome, a doença será curada incontinenti, porque o óleo foi recolocado assim no amor da luz.
23. — Cada doença do corpo não é outra coisa senão uma corrupção venenosa do óleo cuja consumição é a luz da vida.
24. — Quando este óleo vem a ser infetado por um mercúrio ou por um sal venenoso, ou pelos astros ou pelo sal das carnes, agita-se numa efervescência hostil, pela qual quer desembaraçar-se das suas impurezas: o mercúrio trabalha então no fogo sulfuroso e eleva-se tanto que o óleo se torna inteiramente aquoso e terrestre: a luz e o fogo apagam-se então, e o mercúrio voa com o fogo sulfuroso na fedentina da morte; pode ainda subsistir algum tempo no corpo astral com o qual voa, mas quando tiver consumido a sua propriedade e saciado a sua fome no espírito do grande mundo, acabou-se a vida temporal.
25. — Logo que a luz do óleo se apaga, o corpo elementar cai na putrefação, no Fiat de onde tinha provindo; e isto é a morte, que é inelutável, a menos que o mercúrio divino venha mais uma vez mover o corpo: o que não pode ter lugar sem que uma boa propriedade do óleo nele possa reacender a luz da divina essência; o que o Amor divino pode realizar.
26. — A essência divina, ou mercúrio celeste, transmuta neste caso o óleo morto no seu próprio, e este torna-se a vida do corpo; pois o mercúrio exterior regressa ao mistério de onde a criação o fez sair; o corpo vai-se também para esse mistério.
27. — Assim é ainda para outro movimento da divindade: a saber, a separação do mal onde jaz a morte em relação ao bem.
28. — É preciso que o médico saiba que no mais forte mercúrio e no mais venenoso jaz a mais alta tintura, não na própria propriedade do mercúrio, que é a vida angustiosa venenosa, mas na de um óleo luminoso que é o seu alimento e que, se se puder separar dele, fará uma tintura e uma inflamação das vidas tenebrosas, isto é, das doenças. Neste óleo está a vida de alegria que reconduz e exalta tudo.
29. — Poder-se-á extrair de um sapo ou de uma víbora a mais sublime tintura se se reduzir a uma essência oleosa e se se separar a fúria mercurial; pois é em veneno e em luz que consiste toda a vida interior como exterior; do mesmo modo que vemos a alegria divina produzida pelo fogo furioso da ira, assim acontece no exterior, pois toda a vida é muda e morta sem o mercúrio venenoso.
30. — Mercúrio é o fogo aceso; ora, toda a vida é um fogo; e embora uma criatura habite a água, o fogo é, contudo, a sua vida, como o fel venenoso pelo qual o mercúrio a conduz; neste fel está escondido um óleo que alimenta o fogo do Sol.
31. — Quando uma criatura possui um mercúrio potente e seco, é arrojada e forte; o seu óleo é claro, embora o seu corpo seja magro, pois a propriedade do mercúrio consome a água dele; e a gordura acesa dá uma luz tanto mais clara quanto melhor a água for separada do óleo.

CAPÍTULO VII

Da condição de Adão no paraíso, e da de Lúcifer antes do seu pecado; como a sua imaginação e o seu orgulho os fizeram perigar.

Sumário: Queda do mercúrio adâmico na obscuridade — Do serpente — Falsa e funesta imaginação de Lúcifer, de Adão e da serpente — Do óleo — A semente da Mulher — Jesus Cristo na língua da Natureza — O processo alquímico é o processo crístico.

1. — Queremos dar ao investigador sério ocasião para meditar sobre a nobre pedra dos Sábios; ele a encontrará se Deus o tiver eleito para isso, e a sua vida residirá no Mercúrio celeste; senão, o que vai seguir-se será para ele um mistério, que lhe vamos apresentar sob o símbolo mais claro possível.

2. — Quando Adão foi criado no Paraíso, o Mercúrio celeste foi-lhe dado por condutor; a sua vida ardia num óleo puríssimo; os seus olhos eram celestes, e o seu entendimento ultrapassava a natureza, pois a sua luz se nutria do óleo da divina essência; a propriedade exterior aquosa não era manifesta nesse óleo; ele era iliástrico, angelical; a sua queda tornou-o cagástrico, aquoso pela manifestação nesse óleo da propriedade mortal; o Mercúrio, outrora exaltação da alegria, foi então um veneno de angústia.

3. — Pois a efervescência do salnitro na impressão da Frieza, segundo Saturno, elevou-se como um veneno frio que brota da impressão da morte; a obscuridade estendeu-se no lugar da luz do óleo e Adão morreu para a luz divina.

4. — O diabo tinha-o levado a isso pela essência e pela propriedade da serpente onde reside a fúria; a serpente era também o mais astuto de todos os animais dos campos; tinha persuadido Eva de que ela poderia conhecer a ciência do Bem e do Mal; era a vontade do diabo conhecer o mal; e para o fazer, corrompia-se na ignição da ciência do Mercúrio, pois introduzia-se pela imaginação no fundo ígneo; enquanto Adão penetrava pela impressão no fundo frio da propriedade aquosa que engendra o salnitro, onde se separam os dois reinos; Adão pedia o mercúrio aquoso em cuja efervescência se elaborava o veneno mortal; enquanto Lúcifer queria o mercúrio ígneo que dá força, poder e orgulho; mas ambos abandonavam o óleo doce da divina essência.

5. — Consideremos qual era a serpente enganadora, quão grande era a sua astúcia, pela qual Adão e Eva imaginaram; por que razão estes dois comeram do fruto proibido, qual é a sua salvação, onde estão o Mal e o Bem, qual é a propriedade da vida eterna, a da morte eterna, qual é a cura da doença de Adão, a saber, a vida temporal e eterna.

6. — Que o leitor preste atenção ao espírito das palavras que vão ser proferidas; não temos de modo algum o poder de lhe dar a compreensão delas: isso pertence a Deus. Mas se ele quiser entrar, as portas vão ser-lhe abertas.

7. — O Diabo era um anjo esplêndido, a serpente era o mais astuto de todos os animais, e o homem a imagem da divindade: ora, todos os três morreram em consequência da sua imaginação e do seu orgulho, e levaram consigo a maldição de Deus.

8. — Tudo o que é eterno tem uma origem comum: assim são os anjos e as almas, mas não a serpente. Demos acima a entender como, quando o fogo acende a efervescência do Salnitro, se separam os dois reinos da eternidade e do tempo, como a eternidade reside no tempo, unida a ele como o fogo o está à luz, embora sejam dois contudo.

9. — Vamos ver como o Mercúrio venenoso que começa no diabo estraga o óleo no homem e na serpente sem corromper a essência divina, depois se aniquila em si mesmo, enquanto o Mercúrio criatural, que nasce com a criatura, sai de si, isto é, passa da Eternidade ao Tempo, para se procurar a si mesmo, afirmar-se e constituir para si uma ipseidade, ao passo que, se se tivesse nutrido da Eternidade, a sua angústia dolorosa não se teria tornado manifesta.

10. — Aquilo para que tende o nada eterno: a liberdade muda, não se manifesta nesse nada, mas sim em si mesma, isto é, em Deus; cada fome ou desejo cria para si mesma a essência que lhe é adequada.
11. — Assim, o Diabo faz para si Ténèbres onde mergulha segundo a propriedade do centro, abandonando a Eternidade, ou desejo do amor. Acendia-se assim no seu Mercúrio venenoso, tornando-se um efervescer ígneo de Angústia nas trevas: do mesmo modo que a madeira que arde se torna um carvão sem luz, óleo nem água. Nada mais decorre das formas da propriedade diabólica senão um aguilhão de hostilidade que lança as formas umas contra as outras, multiplicando-as.
12. — A serpente estava num estado semelhante: Quando Deus disse: que toda a espécie de animais se manifeste, cada um segundo a sua propriedade, os animais saíram, de facto, de todas as propriedades da Natureza; o Diabo quis dominar sobre o amor e a doçura divinas; para isso introduziu o seu desejo na ira, no poder severo de onde escapa a vida venenosa; é deste Fiat da propriedade furiosa que saíram as serpentes, as víboras, os sapos e outras bestas venenosas; não que o diabo as tenha feito: ele não o pode; mas a criatura foi determinada em bem ou em mal segundo o que era o desejo na impressão do Fiat.
13. — Nessa impressão, fonte do Mercúrio e da vida exterior, fazia-se a separação do mundo e de Deus, como uma imagem do abismo e um espelho da eternidade. A fúria interna manifestou-se então; é por isso que Deus é chamado um Deus colérico e zeloso, um fogo consumidor. O prazer eterno, que é Deus, desperta na natureza o desejo da manifestação eterna, e dando-se a si mesmo a esse desejo, transforma a sua fúria numa plenitude de alegria.
14. — Assim é com a astúcia da serpente. A acuidade do gosto e do odor das coisas reside no seu veneno. A luz eterna engendra-se da exaltação do Pai; sai da angústia para reentrar no nada da liberdade; ali, o fogo e a luz tornam-se um desejo que é a alegria divina; o Mercúrio toma aqui o nome de palavra eterna ou nascimento da divindade.
15. — Esta emanação do fogo mágico espiritual produz uma geração da palavra, das virtudes e das cores; e o desejo deste Mercúrio toma também consigo a virtude e, tornando-a essencial, tira dela a doçura e o amor que irão apagar a fúria do Pai eterno para a mudar na alegria.
16. — Esta essência abrasada dá duas propriedades: uma oleosa, celeste e resplandecente; e uma potente, animada pelo movimento da impressão eterna de onde sai o ar divino ou o esplendor dessa luz amorosa que é o espírito de Deus.
17. — Do mesmo modo, sabei que o amor eterno (isto é, a essência celeste) se espalhou no Fiat da criação para transportar na alegria a ira paterna, que é a forma da natureza eterna; onde a natureza da fúria foi exaltada pelo Fiat, o desejo tanto mais se tendeu para a liberdade, para se libertar da fúria e se transportar na alegria; é assim que a mais nobre e a mais sublime das tinturas: o desejo da fome furiosa, recebe o seu alimento: a liberdade. Pois no princípio todas as coisas foram criadas boas, mesmo o diabo e a serpente.
18. — Mas como o diabo se elevou no mais alto desejo ígneo, Deus desviou-se dele, como a luz de uma tocha se apaga, e ele viu-se reduzido a viver do seu próprio desejo. Mas como sabia que a serpente possuía uma tintura semelhante à sua, deslizou para dentro dela com o seu desejo e atacou o homem para o introduzir nessa propriedade. Com efeito, a tintura da serpente compreendia Mercúrio morto da frigidez da impressão, e Mercúrio da propriedade furiosa; a impressão fria que se produz pela morte da fúria é terrestre; e a ígnea sai do veneno vivo do Mercúrio, e é nela que consiste a vida espiritual.

19. — Assim, Adão e Eva foram infetados pelo desejo diabólico através da Serpente: pela propriedade mortal e terrestre desta, e pela propriedade furiosa, venenosa e viva da fúria divina que pertencia ao diabo; e o seu óleo divino ou essência celeste foi ressecado.
20. — O óleo divino dos nossos primeiros pais foi corrompido, pois a maldição tinha penetrado até à alma: Ora, a maldição de Deus é um retiro; quando a virtude divina encarnada neles reentrou no seu princípio, o óleo santo onde ela habitava tornou-se um veneno; o resíduo terrestre cagástrico da mortificação do fogo afirma-se então, e o mercúrio frio da forma mortal, outrora oculto no mercúrio celeste (a virtude divina), toma o lugar deste último. Assim, Adão morre para Deus, para reviver na morte; e a serpente foi amaldiçoada por ter obedecido ao diabo.
21. — O que está oculto na grande angústia ou Mercúrio é um óleo que cura todas as doenças tingindo-as, a condição de que o veneno frio, a efervescência da morte, seja transportado no fogo que deseja a luz: pois Deus criou primeiramente as coisas boas, mas o seu afastar tornou-as más.
22. — Quando o desejo amoroso de Deus permanecia no efervescer do mundo exterior e o penetrava como o sol, a água e o fogo, o ferro, — o mundo exterior era um paraíso, e a essência divina verdejava pela terrestre, e a vida eterna subsistia na mortal. Mas quando Deus amaldiçoou este mundo por causa do homem, o mortal manifestou-se nas criaturas, enquanto antes estava apenas incluído nessa árvore do conhecimento do bem e do mal que tentou Adão e Eva quando o seu desejo teve de escolher entre a eternidade e o tempo, entre o óleo vivo e o morto.
23. — Assim o corpo celeste foi e permanece ainda ligado pela maldição divina, enquanto o efervescer da ira se dá livre curso. Mas visto que o homem eterno tinha sido vivificado pelo Mercúrio eterno, isto é, pela palavra da virtude divina, ninguém podia vencer a morte nem quebrar o veneno do Mercúrio senão a virtude do Verbo mesmo de vida.
24. — Pois a propriedade terrestre da serpente tinha-se despertado no homem: é por isso que quando o Verbo de Deus teve piedade da miséria do homem, disse-lhe: A semente da mulher quebrará a cabeça da serpente e tu (entenda-se o veneno da serpente) a morderás no calcanhar.
25. — Nisso jaz o segredo da pedra dos sábios. O quebrar da cabeça do réptil faz-se no espírito e na essência, no tempo e na eternidade. A mordedura da serpente é a ira ígnea de Deus, e a semente da Mulher é o amor de Deus que deve reluzir na ira, tirar-lhe o seu poder e reintegrá-la na divina alegria; então a alma morta, sepultada na maldição, reergue-se quando o Mercúrio venenoso é impregnado do amor. A angústia da morte mercurial torna-se uma alegria sublime e um desejo amoroso, e um corpo celeste nasce do terrestre. Quando o Mercúrio é introduzido numa efervescência celeste, já não deseja a vida terrestre, mas o elemento único onde estão ocultos e engolidos os outros quatro ainda não manifestados. Assim Deus habita o tempo, e o tempo não o compreende, a menos que se engula na eternidade e que a luz divina ilumine de novo o seu tormento.
O mesmo par de forças opostas refrata-se em todos os planos e em todas as criaturas. Cada uma manifesta-se por sua vez enquanto a outra se oculta; para que, num determinado plano, esta luta se resolva, é preciso que a vida, o mercúrio, de um plano superior análogo, venha saciar a fome da força egoísta. No eu humano não há Mercúrio que lhe seja superior, salvo o do Céu; é preciso, portanto, que a vida celeste, isto é, o Cristo, venha em nós para que saiamos do inferno onde estamos. O verdadeiro alquimista faz para a matéria mineral o que Jesus Cristo faz para a nossa alma.
26. — As pesquisas dos sábios seguem a mesma ordem. Como a palavra eterna, que é o Mercúrio celeste, encarnou na virtude divina, matou a morte e remontou na alegria divina, o

Mercúrio humano, outrora ligado na ira de Deus, no efervescer da morte, torna-se atrativo pelo seu desejo que se tornou uma fé no Espírito Santo; engendra o Cristo em si e eleva-se até à luz divina acima da ira de Deus, da qual quebra a cabeça; a ira dominava, e na luz torna-se serva.
27. — Meditai todas estas coisas, filhos dos sábios, não façais como os de Babel, que creem possuir a pedra e que não conservam senão um pedregulho onde jazem o veneno e a morte; eles só têm as palavras e não a virtude.
28. — No doce nome de Jesus Cristo podemos reencontrar o processo inteiro; e explicado na língua da Natureza, ele pode indicar-nos como se faz a renascença da morte para a vida. O nome Jesus é a livre propriedade do prazer eterno que se dá ao Pai, centro gerador, e ali figura um verbo de eterna virtude.
29. — A forma ígnea do Pai configura essa voz divina do prazer da Liberdade, e torna-se um Sol de alegria na essência do Amor; e contudo não haveria cobiça amorosa se não estivesse aceso do fogo do Pai: a cobiça provém do fogo.
30. — O Pai de todas as essências engendra pelo seu tormento ígneo este santo desejo, o seu coração dá ao fogo do amor o esplendor e o brilho; a fúria do fogo morre durante as eternidades e transmuta-se num desejo amoroso.
31. — Cristo significa a propriedade do livre prazer; e na língua da Natureza quer dizer violador: romper o poder da fúria, criar nas trevas o esplendor da Luz, transmutar o desejo ígneo num prazer amoroso, tais são as suas obras.
32. — Aqui a semente da mulher (o livre prazer onde não há angústia alguma) quebra a fúria da Natureza eterna; pois o fogo chama-se com razão a cabeça visto ser a causa da vida eterna; e a liberdade é verdadeiramente a mulher, pois é no nada, que é a liberdade, que nasce a santa trindade divina.
33. — O fogo dá, pois, a vida, e o livre desejo dá a essência da vida; na essência está a geração: o Pai engendra em Si mesmo fora do abismo num fundo, a sua essência, o seu coração. O Filho é o fim do Pai; o Pai permanece a base da natureza eterna, e o Filho permanece a base da virtude e da alegria; vê-se disso uma imagem no fogo e na luz; assim o Filho tinge o Pai com a liberdade ou o Nada, e o Pai tinge o Nada a fim de que a vida eterna esteja nele, e que ele seja não já um nada, mas um tom ou uma voz manifestando a eternidade.
34. — Reparai bem nisto, ó Sábios, não busqueis o Filho fora do Pai: para tingir, é preciso que a tintura seja corpórea. O Vencedor da serpente já está neste corpo, pois a semente da mulher quebrou a cabeça da serpente, não fora da humanidade, mas na humanidade; o amor, fonte do prazer divino, manifesta-se na essência humana e tinge a fúria da morte com o sangue da divina tintura; assim, esta fúria torna-se uma fonte que dissipa a ira e o óleo venenoso do mercúrio, transportando-os no reino do Amor alegre e triunfante: «Ó Morte! onde está o teu aguilhão? Louvado seja Deus que nos deu a vitória!»
35. — Convém, pois, ao sábio investigador considerar desde logo a humanidade do Cristo, desde a sua manifestação no corpo da virgem Maria até à sua ressurreição e ascensão; e encontrará no Pentecostes o livre espírito por meio do qual pode tingir e curar o que não está são.
36. — As rosas que florescerão depois do inverno alegrarão o mês de maio, para a iluminação dos bons e a cegueira dos ímpios.
37. — Louvado seja Deus eternamente, que nos abriu os olhos e nos preparou para reaver tudo o que Adão tinha perdido.
38. — Ora, nós queremos penetrar todo o procedimento do Cristo, ir com ele da eternidade ao tempo, e do tempo à eternidade, reintroduzir os milagres do Tempo na eternidade, e

apresentar abertamente a pérola, para a glória do Cristo e a vergonha do diabo: aqueles que dormem são cegos; mas aqueles que meiam verão as flores de maio.
39. — Cristo dizia: Buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á; deu-vos também a parábola do bom Samaritano. É uma representação aberta da corrupção humana, e da da terra, amaldiçoada por Deus.
40. — Ora, se queres ser um mago, faz como esse Samaritano; de outro modo não saberias curar o que foi ferido; pois o corpo do paciente está a meio-morto, a sua verdadeira vestimenta foi-lhe retirada, de sorte que só o podes reconhecer dificilmente, a menos que possuas os olhos e a vontade do Samaritano.
No sentido de Iniciado na Alquimia. Veja-se Khunrath, Obras.
41. — Eis: a palavra eterna manifestava-se em Adão com a divina essência viva, pelo Mercúrio celeste: mas quando o fogo da sua alma infetou por meio do Diabo o espírito da sua vontade e a voltou para a terrestrialidade mortal pela propriedade da serpente, o Mercúrio celeste desapareceu da essência celeste, a alma buscou o Mercúrio frio e o espírito de Adão quis ter a ciência do bem e do mal.
42. — Assim o Mercúrio dos quatro elementos apoderou-se dele, e começando a envenená-lo, despojando-o da divina propriedade, expondo-o ao calor e ao frio, matando-o a meio, retirou-lhe o hábito angelical, o hábito do puro elemento. Este elemento era a fonte celeste que penetrava o corpo de Adão; ele não tinha então necessidade de hábito, pois o quente e o frio estavam nele sepultados como a noite o está no dia. Quando a propriedade e o efervescer das trevas surpreenderam os homens, a noite dominou sobre eles, e o mesmo aconteceu para a terra, quando Deus a amaldiçoou.
43. — Se és mago, saberás mudar a noite em dia, pois a noite, fonte das trevas, é o efervescer da angústia da morte; e a fonte do dia luminoso é o esplendor da vida. Cristo reacendeu este esplendor na humanidade, revivificando o homem. Ora, se queres tingir, é preciso que mudes de novo a constrição da morte noturna em dia; contudo, o dia e a noite estão juntos como uma única essência.
44. — A razão pergunta: como devo começar para aperfeiçoar esta obra? Olha para o procedimento de Deus para com a humanidade.
45. — Cristo veio a este mundo sob a forma humana, fazendo descer, na compressão da morte, a divina tintura de vida; tornou-se o hóspede da nossa miserável forma, para nos impregnar de si mesmo. Vivia ele na alegria? Não. Entrava na morte, e morria, evertendo para nós o trono noturno, e para isso incitava a nossa essência a voltar a sua vontade para o divino; então o Fiat celeste podia uma segunda vez atuar na humanidade, pois esta penetrava de novo no livre prazer da Divindade.
O ensino da Igreja é verdadeiro: Jesus Cristo tinha duas naturezas: a divina e a humana, embora a humana fosse composta apenas de matéria pura.
46. — Feito isto, o homem-Cristo foi tentado durante quarenta dias, tanto tempo quanto permaneceu o primeiro homem sozinho, e tentado no Paraíso. Durante esse tempo, tudo o que Adão e a sua mulher tinham desejado pela imaginação era representado pelo Diabo, príncipe deste mundo, diante dos olhos do Cristo, na propriedade da morte.
47. — Que fez o Cristo ao sustentar esta batalha, durante a qual a Essência humana teve de penetrar de novo a divindade pelo seu desejo? Foi ao Jordão, e ali se fez batizar por João com a água da palavra de vida, essa essência divina que devia tingir a nossa essência mortal na humanidade exterior; é então que o Espírito de Deus o levou ao deserto onde teve de combater a propriedade do Pai, na pessoa do príncipe da fúria. Ali foram-lhe apresentados o pão de Deus e o pão da ira de Deus, para ver se a alma batizada, nascida e criada da propriedade do Pai, reentraria no desejo amoroso do nada.

48. — Mas o que é aqui mostrado ao mago? Quer ele fazer milagres com o Cristo e regenerar o corpo corrompido, é preciso primeiramente que o batize. O corpo tem fome do pão de Deus, e esta fome contém o Fiat da nova geração, o Mercúrio. O Artista deve entender isto magicamente: é preciso que o Deus e o homem se reunam para ser batizados, assim como aconteceu para o Cristo.
A Humanidade não pôde compreender a Divindade antes que a sua fome, que é o Mercúrio morto, se tivesse despertado na sua parte celeste. Quando este Mercúrio exercitado recebeu de novo as propriedades e as vontades divinas, a propriedade humana — que é o Mercúrio intenso — alimentou-se da divina palavra, enquanto as quatro propriedades elementares se nutriram da noite, até que o Mercúrio humano, exaltando a sua vida, transmutasse os elementos, fazendo-os morrer no tempo noturno e ressuscitar no puro elemento vivo da eternidade.
Simbolicamente.
49. — É preciso que o Mago observe o mesmo procedimento; não o explicarei abertamente por causa do ímpio; direi somente, prestai atenção ao batismo, batizai o Mercúrio morto que está encerrado na essência divina; mas é preciso que tenhas água divina, e também água terrestre: o Mercúrio terrestre não acabou de receber o influxo divino senão o Mercúrio celeste se desperta e se afunda, mas não encontra a essência divina no plano onde habita; volta então a sua vontade, pelo desejo da morte, para o Fiat que o engendrou; a essência divina aproxima-se assim e começa a fazer reinar a alegria nele.
50. — Aqui é o começo do novo corpo que, quando está para a nova vida, faz morrer os quatro elementos: cai com eles na morte tenebrosa, mas ressuscita ao terceiro dia, pois a noite é engolida no sepulcro e a Aurora levanta-se: se entendesses isto, saberias qual é a pérola.
51. — Quero mostrar-te esta pérola, embora ninguém a vá possuir a menos que o Cristo o permita.
52. — Se abandonares à fome de morte a propriedade mortal em pasto, a morte crescerá; mas se lhe deres a propriedade celeste, ela não a receberá, pois o inferno é contra o céu. É preciso que dês à morte a morte e a ira de Deus; e com essa ira, dar-lhe-ás da divina essência: é o Batismo que a fará desaparecer, quando tiveres deixado cumprir-se todo o procedimento do Cristo. É preciso que deixes pregar o Batizado, isto é, que o faças manifestar-se, com a sua forma e as suas cores divinas, sem lhe deixar repouso: assim o mercúrio torna-se operativo.
53. — E quando todos os seus milagres estiverem cumpridos, será preciso que ponhas o velho e o novo homem na grande ira de Deus; que imoles o velho homem na cruz e que o ponhas na putrefação do sepulcro. Cristo ressuscitará; far-se-á ver, mas os seus já não o reconhecerão; ele caminha na forma celeste, depois na humana, até à Festa do Pentecostes, que é o momento em que, nutro-se de essência divina, o Espírito Santo vem impregnar o corpo inteiro e revivificá-lo.
54. — É ali que a Pérola se esconde; se tivésseis o universal, poderíeis também, como São Pedro, tingir três mil almas do mercúrio celeste; mas a vossa morte egoísta comprime-vos, pois só buscais avarícia, honra e voluptuosidade para vos repaecerdes delas na propriedade da noite. Contudo, o dia resplandecerá de novo quando a furiosa ira de Deus for aplacada e dessedentada do sangue dos Santos. O tempo está próximo.
O Processo
Tudo isto é obscuro quanto ao lado alquímico; com efeito, a maioria dos processos de laboratório são falsos, tiranizando a matéria; enquanto o verdadeiro processo deve fazê-la

evoluir sãmente: só pode ser conhecido por aquele que já cumpriu a grande obra em si mesmo. Os esforços dos nossos químicos e alquimistas atuais são, portanto, vãos e falsos.
55. — Na geração, cada Género busca o seu complementár. Ora, Deus dizia a Adão e a Eva depois da queda: «A semente da Mulher quebrará a cabeça da serpente»; Ele não falava da semente do homem: aqui jaz o Batismo da Natureza: o Macho possui o Espírito ígneo e a fêmea o espírito aquoso; ora, o Mercúrio é uma vida ígnea e faz para si um corpo segundo a sua fome; não é preciso, pois, no princípio senão dar à fome ígnea uma companheira amorosa para que os beijos desta lhe façam conhecer o amor.
56. — O Diabo é o inimigo destes desposórios; insinua nestes esposos uma falsa alegria; o que faz com que, se puserem o seu desejo na sua vontade, se odeiem um ao outro e engendrem uma falsa criança: pois uma árvore má dá maus frutos e uma boa árvore bons igualmente, disse o Cristo.
57. — O Artista deve guardar-se de tal ira ao mesmo tempo que prepara para este casal tribulações (pois é ao mesmo tempo seu inimigo e seu amigo): eles devem elevar o seu desejo a Deus a fim de gerar a sua essência e de a guardar no seu seio até que esteja madura.
58. — A mãe durante toda a gestação só deve pensar no seu marido, não imaginar estranhezas, de outro modo imprime uma marca na criança. Assim, pois, é preciso que o nosso casal permaneça simplesmente no Amor, até que a criança esteja perfeita corporalmente: o que tem lugar na quarta lua. A criança recebe a vida da alma na sua essência como um combate segundo a qualidade dos pais; o artista deve socorrer a propriedade ígnea da alma até que ela receba a sua vida e se manifeste numa forma feminina.
59. — Ela toma ainda algum tempo forças até se revestir de uma veste vermelha e branca. Resta ainda a rejeição da vida vegetativa dos pais, após o que morrem os quatro elementos; a vida levanta-se em seguida no elemento único; durante estes fenómenos a Criança permanece oculta na obscuridade da morte: o artista crê-la perdida, mas que tenha paciência.

Formação da Criança Mágica

Mágica: invisível, em potência, oculta, ainda não manifestada. A Alquimia não consiste apenas em fazer ouro, mas em fazer evoluir toda a matéria para o seu estado perfeito. Para isso, dada uma substância qualquer, é preciso discernir, por meio dos conhecimentos teóricos de que o estudo e a intuição nos proviram, qual é a sua assinatura, de que forças invisíveis ela é o corpo; depois extrair dela outra, de propriedades complementares: serão o macho e a fêmea. Boehme detalha a série de cores que deve ser obtida trabalhando qualquer corpo; mas insiste na necessidade de ser si mesmo regenerado previamente, antes de poder regenerar em seu redor. Com efeito, o nosso estado de alma é radiante, influi sobre o meio, modifica o nosso destino, as nossas relações, os seres e as coisas que nos são enviados; de sorte que um coração puro só atrai a si o que há de puro no mundo, e o seu trabalho é, dessa forma, tornado mais fácil e mais verdadeiro.
60. — A vida terrestre do Cristo é uma figura verdadeira da nutrição da nova criança no seio materno após a sua conceção, da sua vida vegetativa até ao momento em que recebe a verdadeira vida da Alma e do corpo, pela influência do Espírito; segundo o externo, o rebento é mais nobre do que os seus pais.
61. — Mas talvez algum grosseiro sofista venha tirar deste livro uma interpretação estranha. Quando falo de uma Alma de vida vegetativa, que ele saiba que não quero de modo algum significar a imagem de Deus nos metais, nas pedras e nas ervas, mas sim a Alma mágica pela qual a eternidade se figura em todas as coisas, segundo a Sabedoria.

62. — Quando Cristo atingiu, nas propriedades divina e humana, a idade de doze anos, foi com a sua mãe Maria a Jerusalém; entrou no templo, escutando os Escribas, dando respostas aos doutos; mas enquanto os seus pais regressavam pensando reencontrá-lo com os seus companheiros, ele permanecia com os sábios, segundo a vontade divina; e à sua mãe respondia isto: «Por que me buscáestes? não sabeis que é preciso que me ocupe dos negócios do meu Pai?» E contudo vivia com eles e estava-lhes submetido.
63. — Esta palavra dá-nos a imagem das Vontades dos mundos interior e exterior, contidos um no outro, e opostos um ao outro, contudo não fazendo senão um; assim em Cristo dois reinos estão manifestados; um operando na vontade de Deus e rompendo a vontade exterior dos pais, e o outro, ao contrário, obedecendo aos pais.
64. — Esta figura mostra ao mago que ele se encontrará em presença de duas vontades: uma não lhe estará sujeita, é a divina; e quando a segunda, a sua própria vontade exterior, buscar com Maria o amável Jesus, na dor, é então que a primeira se submeterá a ele.
65. — Secundariamente, vemos por aí que em todas as coisas se reencontram estas duas espécies de operações; e se se quiser ser um mago e voltar a vontade e a essência da boa propriedade do interior no exterior, é preciso primeiro ser capaz da vontade divina, sem o que esta transmutação se torna impossível. Assim, Cristo não estava submetido à vontade exterior da sua mãe; a sua vontade acordava com a de Deus, e elas lutavam juntas, como Jacob com o anjo. Então Deus dizia-lhe: «Lutaste com Deus e com os homens e obtiveste a vitória.»
66. — O Mago deve também saber que não lhe cumpre implantar pelo exterior o seu desejo de perfeição; que exerça somente uma vontade adaptada à propriedade da coisa que quer tratar, que lute como Jacob com a vontade divina e que abençoe a vontade aspirante. Que a divina vontade se renda à fome que a deseja; e que torne perfeita a vontade que penetra até à piedade; então poder-se-á dizer: Lutaste com Deus e obtiveste a vitória; e o objeto receberá um corpo transmutado, terrestre e celeste.
67. — Observa isto: é o começo do Batismo; e sem isso só batizarias pela água do mundo exterior; mas o verdadeiro Mago batiza pela Água interior e exterior. Quando engendra um desejo verdadeiramente divino, a vontade divina do seu batismo é a primeira faísca do Mercúrio; a vida começa a mover a morte; o Mercúrio morto esfaima-se da Essência divina e efetua o seu primeiro milagre que é o das bodas de Caná: é a primeira tintura da vida vegetativa, isto é, uma fome amorosa que envolve a fonte ígnea, e muda em fogo luminoso a fúria e a vontade fria da morte; a água mortal torna-se vinho, ou seja, uma acuidade ígnea e aquosa que desemboca, segundo o empreendimento do artista, num óleo, resultante do modo de união dos dois noivos; Cristo, que é o esposo, foi levado ao deserto e tentado pelo diabo.
68. — É a renovação da prova paradisíaca quer para o Artista quer para o esposo. Se o esposo deseja a Virgem, ela dá-lhe o seu coração e a sua vontade; isto é a tintura celeste da qual se impregna o Mercúrio aceso na ira de Deus e comprimido na morte, isto é, na maldição da terra; e este Mercúrio é o esposo. Pois a semente da mulher, a tintura celeste, deve quebrar a cabeça da serpente, em outras palavras, mudar o veneno da morte em vinho: é então que a Virgem recebe o beijo do Esposo.
69. — O deserto significa o corpo terrestre onde o Mercúrio é provado pelo diabo que excita a sua essência ígnea; a Virgem vem então reconfortar o esposo pelo seu amor; assim o Mercúrio pode subsistir diante deste diabo e os anjos aproximam-se finalmente dele para o servir. O Mago sabe o que entendo por diabo.
70. — O Mago deve cercar de todos os seus cuidados este empreendimento; quando após quarenta dias os anjos não aparecerem, tudo o que empreendeu não vale nada; que preste

atenção para não ter um diable demasiado furioso ou um demasiado fraco a combater, porque o Mercúrio aliviar-se-ia e tenderia a permanecer na sua propriedade venenosa, anulando assim o efeito do Batismo.
71. — Logo que o Mago percebe os anjos, que leve o Cristo fora do deserto, e que deixe de novo o esposo nutrir-se da sua própria carne: Cristo fará então muitos milagres que alegrarão e espantarão o coração do Artista.
72. — Nada lhe resta fazer: a esposa está no esposo; casados um com o outro, só lhes falta o seu leito nupcial: abraçam-se um ao outro, nutrindo-se reciprocamente da sua carne própria, até que a criança seja concebida. Se o artista quiser tomar conta deles até armar e aquecer o seu leito, que tome bem cuidado para não magoar o seu amor. O Noivo tem sempre duas espécies de vontades: uma fome terrestre da ira de Deus e uma fome da esposa: deve-se então nutri-lo de carne terrestre, mas magicamente, para aplacar a sua vontade famélica: Esta carne é a mãe que o engendrou, como se viu acima.
73. — Em suma, a obra inteira consiste em duas coisas: uma celeste e uma terrestre; a celeste deve absorver a terrestre, a Eternidade deve fazer do tempo uma eternidade; o artista busca o paraíso: se o encontrar, possui o maior tesouro da terra; mas um morto não desperta outro.
74. — O Artista tem de viver, se quiser dizer à Montanha: Levanta-te e lança-te ao Mar. Quando a corporificação da criança começa, Saturno toma-a e mergulha-a nas trevas; é aqui que Cristo caminha sobre a Terra como um estranho, não tendo sequer em Saturno uma pedra onde pousar a cabeça.
75. — A Lua apodera-se dele em seguida; mistura as propriedades celestes e as terrestres; a vida vegetativa manifesta-se; mas há ainda um perigo a superar.
76. — Depois da Lua, Júpiter faz à Vida uma morada no Mercúrio; faz-lhe tomar o movimento da roda que a eleva até à mais alta angústia onde Marte fornece ao Mercúrio a sua alma ígnea; em Marte acende-se a vida mais sublime, separada em duas essências: um corpo de amor e um espírito de fogo. A vida amorosa desmaia na efervescência ígnea inferior e aparece em toda a sua beleza; mas Mercúrio engole esta Vénus. A criança torna-se então um corvo negro, e Marte oprime o Mercúrio até à morte: os quatro elementos saem então dele, e o Sol, tomando a criança, apresenta-a no seu corpo virginal ao puro elemento: na propriedade de Marte a Luz acendeu-se, a verdadeira vida do elemento único nasceu contra a qual nem a ira nem a morte nada podem.
77. — Pode parecer estranho aos olhos da razão que Deus faça seguir ao homem tal procedimento para se regenerar e que tenha deixado o Cristo ser desprezado, caluniado, rejeitado e crucificado, depois errante durante quarenta dias sobre a terra antes de o admitir no seu reino invisível.
78. — A razão está de tal modo cega que nada entende das coisas eternas. Nada sabe do Paraíso, da condição de Adão, da sua queda, da maldição da terra: se entendesse estas coisas, compreenderia igualmente a via da regeneração. Não há diferença entre o nascimento eterno, a reintegração e a descoberta da Pedra filosofal. Tendo tudo saído da eternidade, tudo deve voltar a ela de uma mesma forma.
79. — Se o mago quiser buscar o Paraíso na maldição da terra, é preciso que se conforme ao modelo que lhe oferece o Cristo; é preciso que Deus se manifeste nele; só então ele pode encontrar esse Paraíso onde já não há morte.
80. — Mas se ele próprio não se dirigir no sendeiro da recuperação, que Cristo seguiu sobre esta terra, que abandone o seu empreendimento, pois só encontraria a morte e a maldição de Deus: é do que o advirto fielmente; pois a nobre Pérola é paradisíaca; Deus não a lança aos porcos, mas dá-a aos seus filhos como um sinal de amor. O ímpio não é digno do

Paraíso, a Gema celeste não lhe será dada; é por isso que Deus a oculta, não permitindo àquele que a possui senão falar dela de uma forma mágica.
81. — É por isso que ninguém lá pode chegar se não for primeiro um mago perfeito, e se o Paraíso não for manifesto nele; mas só aqueles lá chegam que são eleitos de Deus.

Capítulo VIII

Do borbulhamento sulfuroso da terra. Do crescimento da terra e da separação das espécies. Uma porta é aberta aqui à sagacidade dos pesquisadores.
Sumário: O Visível e o Invisível; o Óleo e a Água — Da cura do homem caído — Da ação do Mercúrio — Da medicina — Os planetas e sua assinatura — Da regeneração.
1. Que o leitor considere simplesmente o que escrevi acima sobre o centro gerador das essências; e essa meditação lhe será de grande proveito. Tudo o que é corporificado, seja espiritualmente, seja materialmente, consiste em uma propriedade sulfurosa igualmente espiritual ou material.
2. Pois todas as coisas vêm do espírito eterno, do qual são as imagens. A essência invisível que é Deus introduziu-se, por seu próprio desejo, em uma essência visível e manifestou-se no tempo: o qual não é outra coisa senão o seu instrumento.
3. Assim, todas as coisas estão compreendidas no Número, no Peso e na Medida, segundo a geração eterna; e Deus encarregou da realização de sua grande obra a Alma do grande mundo, na qual jazem todas as coisas; ele colocou a razão como Sua imagem para dirigir essa Alma; essa razão chama-se o regime próprio de Deus.
4. Todas as coisas estão compreendidas no corpo sulfuroso; o Mercúrio é a vida do Enxofre, e o Sal é a sua impressão pela qual o espírito se faz conhecer em uma essência compreensível. A propriedade do Mercúrio está para o Enxofre assim como a ebulição da água; o Enxofre é essa água da qual ele engendra duas formas: uma oleosa e viva, oriunda da liberdade divina, e a outra mortal, oriunda do fogo da efervescência nitrosa.
5. A forma oleosa encontra-se nas pedras, nos metais, nas árvores, nos animais e nos homens; a nova forma está nos quatro elementos cujo espírito vital é o óleo; essa forma oleosa é a luz dos elementos, que engendra a sua vida vegetativa.
6. A propriedade oleosa só exerce sua faculdade vivificante quando comprimida na angústia da morte: essa angústia a move e a exalta; e é fugindo dela que se escapa para fora, criando assim a vida vegetativa.
7. Assim, a morte é uma causa da vida; o Mercúrio nela é mau; chama-se-lhe então a vida do inferno e da ira de Deus; na propriedade oleosa, ele é bom pela potência da doçura e da liberdade divina; ele é o arquiteto da alma do grande mundo; ele distingue os graus da vida vegetativa, o vivo do morto, a essência celeste da essência mortal, e ele ordena o duplo reino: o bom, no óleo luminoso e celeste, e o mau, nas trevas.
8. Estes dois reinos estão misturados um ao outro e se combatem perpetuamente, como uma água que o fogo faz ferver. A luz é a morte das trevas; nela, a angústia perde sua potência e se transforma em uma jubilosa exaltação; a doçura é um silêncio que o borbulhamento da Angústia comove. Quando a morte sobrecarrega o óleo, faz dele uma fonte venenosa, isto é, um espírito e um corpo inteiramente terrestres, como aconteceu a Adão quando imaginou no mal.
9. Contudo, não se deve dizer que a propriedade oleosa se torna por si mesma um borbulhamento venenoso; é o Mercúrio, a vida ígnea, que a conduz à angústia, corrompendo a essência temporal; em outras palavras, o Mercúrio sai da essência oleosa

interior: esta permanece imutável enquanto o espírito do tempo se separa do espírito da eternidade; esses dois espíritos permanecem em uma essência, mas sem se atingirem nem se diminuírem reciprocamente. Adão e Eva morreram da seguinte maneira: o Mercúrio da alma saiu da essência da Eternidade ao imaginar na essência do tempo, Fonte da angústia; assim, a essência da eternidade perdeu esse condutor que Cristo lhe restituiu mais tarde pelo Verbo divino. Vê-se que essa essência está sepultada no Mercúrio angustioso, como na morte.

10. Mostrarei como o Mercúrio venenoso pode voltar seu desejo para essa essência eterna e, servindo-se dela como de um corpo, unificar o mundo interior e exterior; quando isso for cumprido, não haverá mais do que uma única vontade e um único espírito animado por um desejo amoroso; cada espírito se sustentará de seu corpo particular; assim, toda vontade má será reduzida à impotência.

11. Alegria e dor, amor e ódio, tudo provém da imaginação e do desejo. Do livre amor, forma-se o reino da alegria no próprio meio das angústias da morte; da mesma forma, quando o desejo se desvia do livre amor em direção à angústia da morte, ele se impregna dela e o Mercúrio mergulha igualmente nela.

12. De sorte que se pode dizer com razão que não há nenhuma coisa tão má que não contenha alguma bondade, embora a maldade não seja capaz de produzir a benignidade. No Mercúrio mais venenoso, a Sublime Pérola pode ser encontrada; e ele a manifesta de si mesmo, transmutando-se, como se pode ver na terra, em cujo seio ele busca a Pérola produzindo o ouro e os metais segundo o Enxofre que está em cada lugar.

13. A terra esconde uma luta contínua: a Eternidade nela trabalha para se libertar, pelo tempo, da vaidade; para fazer isso, ela se entrega ao Mercúrio, seu arquiteto; ele a recebe com alegria e corporifica esse livre desejo; tal é a efervescência, tal é o metal que a terra produz, tudo segundo a propriedade daquela das sete formas da Natureza que domina naquele lugar.

14. Os médicos deverão aprender a reconhecer qual é a propriedade dominante em cada coisa; se não souberem isso, frequentemente darão a morte aos seus enfermos; é preciso também que saibam qual é a propriedade do doente e qual é aquela segundo a qual o Mercúrio atua no Enxofre, para produzir um sal. Quando o médico dá ao Mercúrio um sal contrário à sua verdadeira propriedade, o Mercúrio torna-se ainda mais venenoso; ao passo que, se se lhe apresenta o sal da propriedade que ele apetece, ele deixa cair seu veneno na efervescência marciana.

15. O verdadeiro médico começa antes de tudo por colocar o Mercúrio que quer empregar na liberdade, fora da angústia da morte. Qualquer outro método é perigoso e incerto, e não pode curar completamente doença alguma; pois o Mercúrio exterior só pode comover os quatro elementos, na essência mortal; ele nada pode sobre o corpo astral; mas, se estiver voltado ao amor, ataca a raiz do mal e opera até o segundo princípio.

16. Temos uma bela imagem de tudo isso nas ervas dos campos; o Mercúrio da terra é venenoso; o Sol o impregna e o conduz, por seu desejo marciano ou ígneo, até sua essência corporal salina, que é o enxofre: essa mãe o faz repousar em sua essência; então, a liberdade, segundo sua natureza solar, atrai o Mercúrio.

17. Quando este provou o que é celeste, deseja tão fortemente a virtude do amor que se transmuta com seu sal e o enxofre, sua mãe, em uma fonte de alegria. Assim se faz o crescimento da raiz; primitivamente, a acuidade, ou o sal impresso segundo Saturno, era uma angústia mortal; e tornou-se uma virtude amável: pois, nas ervas, o sabor provém do Sal.

18. Quando a virtude interior se lança assim através da liberdade do Mercúrio até a manifestação da divindade, a virtude do Sol apropria-se da mais sublime tintura da virtude divina, formando um corpo solar a partir do corpo terrestre.
19. O sol eleva a virtude da raiz, pela força do Mercúrio jubiloso; e as sete formas da Natureza sobem combatendo-se; assim, de qualquer maneira que as coisas saiam de sua mãe (o Enxofre), tudo obedece ainda às leis da eternidade.
20. Notemos que a erva que se eleva do seio da terra é branca na parte inferior, castanha um pouco mais acima e verde no topo; isto é a assinatura da essência interior. A cor branca é a liberdade do prazer amável; a castanha é a impressão saturnina terrestre e marciana ígnea; e a verde é o Mercúrio de Júpiter e de Vênus.
21. Pois Júpiter é a virtude, e Vênus o desejo; ambos tendem para o Sol como para o seu equilíbrio. O espírito das estrelas imprime-se também na criatura; nela, Mercúrio é o arquiteto e o separador; Saturno imprime, Júpiter atua como um Enxofre amoroso; Marte é o borbulhamento ígneo do enxofre, Vênus é a água, o desejo doce, Mercure é a Vida, a Lua, o corpo, e o Sol o Coração, o centro onde penetram todas as formas.
22. Assim, o Sol exterior penetra até o Sol da erva e, reciprocamente, com um sabor agradável. Saturno dá um sabor azedo, Júpiter um amável; o sabor marciano é a amargura angustiosa; Vênus é doce; Mercúrio separa os sabores, a Lua, cuja propriedade é ao mesmo tempo celeste e terrestre, dá-lhes a mênstrua (isto é, o fluxo maturador onde repousa a Tintura). Assim, cada forma tende para o Sol; o desejo amoroso de Júpiter eleva-se para a água superior onde Marte conduz o espírito do Enxofre; Mercúrio dá o movimento, e Saturno imprime: ele produz os nós. Sua efervescência é o Salniter, segundo a terceira forma da Natureza; Mercúrio trabalha esse Salniter e atinge Vênus: assim crescem os ramos e as ramagens; e cada ramagem é semelhante à planta inteira.
23. O Salniter apaga-se então, o que faz com que o Sol retire de Marte sua potência e sua propriedade amarga; Júpiter e Vênus entregam-se igualmente ao Sol; e o Sol exterior apodera-se do Sol interior. Observem que o Sol interior é um Enxofre produzido pelo Mercúrio, e que ele é a propriedade da liberdade divina distributiva da força e da vida.
24. Quando Júpiter e Vênus se submeteram ao Sol, Marte e Mercúrio continuam a elevar o caule. A conjunção do tempo e da eternidade faz-se na virtude dos dois Soles.
25. O Enxofre e seu Sal transmutam-se então em uma alegria paradisíaca; e essa alegria, extriorizando-se, produz as flores e as sementes. O odor das primeiras é paradisíaco, vindo da liberdade divina, e ao mesmo tempo terrestre, pois procede também do Sol exterior.
26. A propriedade celeste assina pelas pétalas das flores, e a propriedade terrestre pelas folhas que cercam as flores. Mas como o reino do mundo exterior dura apenas um tempo, a propriedade paradisíaca logo se esvai com sua assinatura, deixando a semente que cresce na flor: nessa semente jaz a propriedade dos dois Soles. Ninguém deve pensar que o exterior é divino; mas a virtude divina penetra o manifestado; Deus diz: A semente da mulher esmagará a cabeça da serpente; isto deve ocorrer, segundo a maldição, em tudo o que se aproxima da Divindade; quando o Mercúrio nela é venenoso, Deus lhe quebra a cabeça pelo sol interior e exterior.
27. Prouvera a Ele que pudésseis ouvir, irmãos amados, o que é o Mercúrio interior, com o qual deveis curar, e não com este mercúrio maldito que, em muitas ervas, é venenoso. Se quereis ser doutores e mestres, deveis também saber como é possível transformar em amor o Mercúrio exterior do Enxofre, a angústia em alegria, a morte em vida.
28. Deus estabeleceu o homem em seu próprio reino, dando-lhe o poder de transmutar a Natureza e de transformar o mal em bem, contanto que ele se tenha transmutado a si mesmo antes.

29. Orgulhosos que sois, a ambição e os deleites terrestres vos fecham o caminho dos segredos; quereis avançar por ele, no entanto, e, embora aprendizes, não tocar nos carvões: de tal conduta vos será pedida conta.
30. O torvelinho sulfuroso dos metais terrestres realiza-se de maneira análoga; a virtude é mais poderosa nos metais do que nas pedras, e a tintura mais celeste; a transmutação pode ocorrer sem o auxílio do Artista pela potência do Mercúrio; a terra, propriedade mortificada do Salniter, nada pode fazer para isso, pois não contém nada de fixo.
31. Eis, portanto, o processo da ebulição sulfurosa na Terra, dado um lugar sulfuroso e saturnino onde reina o Sol. O sol exterior dirige-se para o interior que reside no centro sulfuroso; toda criatura temporal, recordemo-nos, deseja ser liberta da vaidade.
32. A liberdade é, pois, o alimento da fome solar, e se o Mercúrio consegue nutrir-se dela igualmente, passa para o reino da alegria; Saturno imprime-se então na doçura, enquanto Marte, saindo da roda mercurial, fornece a alma ígnea. O Mercúrio que tende a separar Marte de Saturno é parente próximo de Vênus: com efeito, não falta ao cobre senão a tintura para ser ouro. Ao contrário, Marte segura a sua muito estreitamente; se se pudesse extraí-la dele, ter-se-ia o ouro.
33. Ele engoliu Vênus, logo está próximo de constituir para si um corpo, pois não tem essência corporal em sua fúria devoradora; a água venusiana o plastifica com a ajuda de Saturno, Vênus dá-lhe a força de crescimento, mas ele devora essas produções.
34. O Artista deve conhecer bem a base de suas operações, que é o enxofre; ele deve socorrer esse enxofre e o Mercúrio que Saturno mantém prisioneiros; então, este poderá manifestar a criança. É preciso nutrir Mercúrio com sua mãe central sulfurosa; se na terra ele pudesse alcançar até o alimento venusiano, o Sol faria imediatamente resplandecer seu esplendor. Pois este rei dos planetas, possuindo em si mesmo o seu Marte, não precisa de Artista algum para digerir a doçura de Vênus.
35. Tal é o borbulhamento nas entranhas da terra, tal é ele em sua superfície. Quando o fruto começa a crescer, é primeiramente amargo e azedo; pois é Saturno que o governa em primeiro lugar; Mercúrio forma o fruto, Marte dá-lhe o fogo, Vênus o sumo e a Lua toma tudo em seu seio para chocá-lo; Júpiter fornece a virtude própria e o Sol reina sobre tudo isso, embora seu reino seja fraco no começo por causa da frigidez da matéria.
36. Toda a essência encontra-se, portanto, no corpo sulfuroso; o sobressalto do salniter produz o Sal com o enxofre pela roda de Marte. Pois o enxofre transforma-se em um sal, isto é, em um sabor no qual um óleo secreto do enxofre sai do livre prazer eterno, e manifesta-se temporalmente por uma essência exterior.
37. Esse óleo emite um desejo na essência temporal que se busca a si mesmo como um sol, depois se entrega ao centro do fruto e transforma em doçura sua austeridade primitiva: é a maturação.
38. O exterior é a assinatura do interior; ele é o repelido das formas do sal.
39. Há comumente quatro cores: o branco, o amarelo, o vermelho e o verde. A cor de um fruto corresponde ao sabor de seu sal; se for branca, sutil e um pouco baça, o sabor é doce segundo a propriedade de Vênus. Se o gosto, embora doce, for vigoroso, Júpiter é potente, e a Lua se for fraco. Se for duro e a cor um pouco castanha, Marte domina; é Saturno se a cor for verde-castanha. Vênus dá o branco, Marte o vermelho e o amargo; ele clarifica a cor de Vênus. Mercúrio é multicor, ele dá o verde a Marte; Júpiter pende para o azul, Saturno para o negro quase cinza; o Sol para o amarelo; ele dá ao sal a verdadeira doçura odorante vinda do enxofre; Saturno é áspero e azedo. Assim, cada propriedade afirma-se no exterior segundo o seu regime interior.

40. Pode-se igualmente, pela assinatura de cada raiz, conhecer para que ela é útil; as folhas e as outras partes da Planta indicam qual é a sua planeta mestra; as flores sobretudo são úteis para isso; segundo o sabor de uma planta e de sua raiz, pode-se julgar sua fome e o remédio salino que ela contém.
41. O médico deve saber, para cada doença do corpo, em qual Sal o Mercúrio está corrompido, pois quando dá ao paciente a erva cuja propriedade já repugna ao Mercúrio, dá-lhe um veneno pernicioso; é preciso que ele queime essa erva e que lhe administre as cinzas, porque o veneno do Mercúrio morre por esse fogo. Encontramos isto na magia.
42. Todas as doenças provêm de um desgosto das formas naturais, quando os astros, os elementos ou uma das sete formas vertem em nosso corpo uma coisa inteiramente contrária à sua propriedade dominante; esta última concentra sua força em seu Sal, e seu Mercúrio começa a desejar uma corporeidade correspondente; se não a recebe das mãos do médico, acende-se em sua fonte venenosa, até que, tendo-se tornado ígneo, desperta seu próprio Saturno e seu próprio Marte, que efetuam a impressão e consomem a carne e o óleo da Luz vital: então a vida se apaga e tudo está acabado.
43. Mas se, ao contrário, a forma de vida na qual o Mercúrio está aceso venenosamente pode obter a propriedade que deseja, o Mercúrio recebe seu alimento com alegria e se cura. Mas o médico deve prestar atenção para que o remédio seja de uma essência tão forte quanto a doença.
44. Por exemplo, consideremos um homem jupiteriano que é acometido por uma doença lunar; o mestre deve preparar-lhe um remédio jupiteriano adaptado à fome de seu Mercúrio; mas se a propriedade da Lua contiver muito do Sal do remédio, a doença será agravada. O mesmo acontece com as doenças que provêm do espanto do Salniter; a cura se faz provocando um espanto semelhante por meio de uma erva na qual o Salniter tenha uma propriedade análoga àquela que possui no corpo afetado.
45. Sei que os sofistas poderão aqui me censurar por colocar nesse fruto a virtude divina. Mas eu lhes pergunto: qual era o Paraíso deste mundo? Estava ele manifestado no fruto da natureza? Estava no mundo ou fora do mundo? Na virtude divina ou nos Elementos? Estava patente ou latente? E ainda, o que é a maldição da terra, e o que é o exílio de Adão e Eva? Deus não habita no Tempo, não é Ele o Tudo que preenche tudo? Não se pode ler o que está escrito: Eu sou aquele que preenche tudo? E ainda: A Ti pertencem o Reino, o Poder e a glória pelos Séculos dos Séculos?
46. Meditai, ó sofistas, e não me importuneis mais. Não disse que a natureza seja Deus, e menos ainda que Ele seja o fruto da terra, mas que Deus dá a toda Vida a sua virtude, má ou boa, a cada uma segundo o seu Desejo; Ele mesmo é tudo, mas não se nomeia o Deus das essências, mas o Deus de Luz; Ele resplandece em todas as essências, apropria Sua virtude a todas as obras, e cada coisa qualifica-se segundo sua ipseidade: umas tomam as trevas, outras a luz; cada fome aspira ao seu alimento; toda a essência, má ou boa, vem de Deus, e tudo o que não saiu de seu Amor sai de sua Ira.
47. O Paraíso ainda está neste mundo, mas o homem está dele afastado até que a regeneração seja cumprida; então, ele pode nele entrar segundo o modo da reintegração, mas não segundo o do Adão elementar.
48. Assim, eis o ouro encrostado em Saturno, sob uma forma e uma cor desprezíveis, bem diferentes das de um metal; embora se o coloque ao fogo e se o funda inteiramente, jamais se terá senão um corpo sem valor e sem virtude, até que o Artista venha tratá-lo: só então ele manifestará o que está dentro dele.
49. Da mesma forma, Deus habita em todas as coisas; mas essas coisas nada sabem d'Ele, pois Ele não lhes é manifesto; elas recebem, no entanto, sua virtude d'Ele, segundo o seu

amor e a sua ira; elas afirmam-se analogicamente no exterior; e, no entanto, o bom está também neles, mas sepultado sob o mal, como as flores odoríferas que crescem à sombra dos arbustos espinhosos.
50. O mesmo ocorre com o homem: ele tinha sido criado semelhante a uma bela flor paradisíaca; mas buscou a propriedade espinhosa da serpente, o centro da fúria natural, a qual despertou a morte nele: o Paraíso retirou-se.
51. A inimizade foi despertada e Deus pôde dizer que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente enquanto esta tentaria mordê-la no calcanhar. Isto é, a imagem paradisíaca, prisioneira da morte furiosa, cessou de ser governada pela palavra divina e morreu como o ouro, prisioneiro de Saturno, que permanece irreconhecível até a chegada do verdadeiro artista que sabe despertar o seu Mercúrio.
52. Assim é com o homem que caiu em uma imagem grosseira, bestial e morta; o corpo exterior não é senão uma fedorenta corrupção porque subsiste pelo veneno; é um mau arbusto, do meio do qual podem, contudo, crescer as rosas interiores. Mas somente o Artista pode introduzir o Mercúrio no ouro prisioneiro e fazer reverdecer a divina doçura nesse verbo de Deus que é o Mercúrio. Cristo pode então nascer e quebrar a cabeça da serpente. A serpente significa veneno, a morte e a ira de Deus; e sua cabeça é a potência furiosa da morte. Um novo homem nasce após essa vitória, que caminha santamente diante de Deus, como o ouro liberto resplandece fora da propriedade terrestre.
53. É aí que o Artista eleito de Deus vê que não deve proceder de modo diferente para a cura dos metais do que para a sua própria, quando estava à procura do puro metal interior. Pois o homem e a terra estão oprimidos pela mesma maldição e têm necessidade de uma regeneração idêntica.
54. Advirto o pesquisador, se ele quiser cuidar de sua salvação temporal e eterna, a não se colocar no caminho do procedimento terrestre antes de se ter primeiramente libertado da maldição e da morte pelo Mercúrio divino, e de ter um perfeito conhecimento da regeneração: caso contrário, seus trabalhos serão vãos, sua ciência será inútil; o que ele busca jaz na morte e na ira; se ele quiser operar a reintegração, é preciso que a vida primitiva seja manifesta nele; somente então poderá dizer à montanha: «Retira-te daí e lança-te no mar», e à figueira: «Que não cresça mais fruto em ti».
55. Pois sob o mesmo modo em que o Mercúrio divino vive manifestamente no espírito, a vontade da mesma forma imagina em algo; o Mercúrio acompanha essa imaginação e acende o Mercúrio da morte, que é a figura pela qual o Deus vivo se manifestou.
56. Sei e pressinto que os zombadores, marcados pelo diabo, se escarnecerão do que escrevo sobre o Mercúrio interior e exterior, entendendo pelo primeiro a palavra de Deus, manifestação do abismo eterno, e pelo segundo o diretor da Natureza, instrumento da palavra interior, viva e forte. Os Sofistas alteram tudo isso, dizendo que considero a Natureza como Deus; mas que prestem atenção ao que escrevo: meu estilo não é pagão, mas teosófico; e sua base é mais sublime do que a do Arquitetador exterior.

Capítulo IX

Como o interno assina o externo
Sumário: As sete formas e os sete planetas — Fundamento da Magia — Das relações dos planetas entre si — Cura da razão — Cura da alma.

1. O mundo exterior visível essencial é uma figura do mundo interior espiritual; o que está no interior e na operação afirma-se ao lado de fora analogamente; o espírito de cada coisa manifesta a sua forma interior.
2. A Essência de todas as essências é uma virtude resplendente, é o reino de Deus; ele consiste, assim como o mundo exterior, em sete formas que se engendram mutuamente e perpetuamente, segundo o lugar eterno. É por isso que Deus deu ao homem seis dias de trabalho, e o sétimo para a sua perfeição; é também um dia de repouso, pois essas seis formas da força repousam nele; ele é o tom divino, o cúmulo da alegria onde se manifestam as outras formas.
3. É o verbo pronunciado, a corporeidade divina pela qual todas as coisas nasceram e chegaram à essência; isto a fim de que a Essência espiritual se descubra em um corpo compreensível; o interior mantém diante de si o exterior como um espelho, onde ele observa efetuar-se a geração das formas.
4. Assim, cada coisa, nascida do interno, tem a sua assinatura. A forma que é a mais virtual na operação afirma-se a primeira no corpo; as outras formas a seguem, como se vê na figura, nos modos de ser, nos movimentos e na voz das criaturas vivas, bem como nas árvores e ervas, nas pedras e nos metais.
5. Mas se o Artista o quiser, ele pode, por meio do verdadeiro Mercúrio, mudar as formas das coisas; se ele faz isso, o espírito recebe uma outra vontade segundo a nova forma soberana das sete. Como Cristo dizia à enferma: *Levanta-te, a tua fé te salvou*.

o mesmo acontece aqui: cada forma deseja o Centro; este é o som do Mercúrio pelo qual a virtude se edifica; quando este som atua sobre a forma mais inferior da virtude, ele a eleva: assim ela é curada pelo desejo ou pela fé, como a mulher enferma de Cristo, visto que o Mercúrio se exalta pelo desejo.
— Acometida pela doença, o veneno da morte exaltava-se nela; a forma da vida central tendia à sua libertação; mas como o Mercúrio da propriedade divina residia em Cristo, o fraco desejo do centro uniu-se ao poderoso desejo de Cristo, que o elevava harmonizando-o.
— Assim, a vida surge da morte, o bem do mal e o mal do bem. Em cada coisa, a propriedade preponderante dá o sabor e o tom ao Mercúrio, e figura o corpo à sua imagem; as outras formas que lhe estão vinculadas também dão a sua assinatura, mas em último lugar.
— Há na Natureza, tanto eterna quanto exterior, sete formas que os antigos sábios designaram pelos nomes dos planetas. Não há nada na essência de todas as essências que não contenha em si as sete propriedades; elas são a roda do centro, as produtoras do Enxofre no qual o Mercúrio borbulha na fonte da angústia.
— Eis quais são estas formas: o desejo da impressão chama-se Saturno; o livre prazer da eternidade é Júpiter, por causa da sua amabilidade. Pois Saturno contrai, endurece, esfria e escurece; produzindo o enxofre, isto é, a vida espiritual móvel; o livre prazer faz com que a impressão deseje a sua libertação da dureza obscura; por isso é chamado Júpiter.
— Por estas duas propriedades, os reinos divinos da Alegria e da Ira estão muito bem representados. O segundo, que é o abismo obscuro, causa do movimento saturniano, produz esse nada onde repousa o livre prazer, móvel e sensível, seu inimigo. É ele que faz passar a impressão ao estado de essência; pois Júpiter, como acabamos de dizer, é a virtude sensível de manifestação do livre prazer, pela qual o Nada forma uma substância na impressão; estas duas formas lutam uma contra a outra; uma faz o bem e a outra o mal, embora tudo seja bom.

— A terceira forma chama-se Marte; é a propriedade ígnea onde a impressão só se faz com grande angústia, uma fome ardente e consumidora. Mas em Júpiter, que é o livre prazer do nada, ele causa o desejo ígneo amoroso pelo qual a liberdade tende a introduzir-se no reino da Alegria. Nas trevas, ele é um diabo, é a furia de Deus; na luz, é um anjo alegre. Foi quando Marte se tornou obscuro em Lúcifer que este se tornou um diabo. O mesmo acontece com o homem.

— A quarta propriedade é o Sol, luz da Natureza, que começa na liberdade, como um nada, e que imprime o prazer por Saturno até a propriedade furiosa de Marte; a expansão para fora do calor ansioso de Marte e da dureza saturniana é o brilho da luz natural. Isto concede o entendimento em Saturno, Júpiter e Marte, isto é, um espírito que se reconhece em suas propriedades e que transforma a fúria marciana, fora da angústia, em um desejo amoroso.
— São estas quatro formas que constituem a geração espiritual, o verdadeiro espírito da virtude, cuja essência ou corporeidade é o Enxofre. Nossos antepassados compreenderam isso; e vós, Rabinos e mestres, se não podeis compreendê-lo e se estais há tanto tempo cegos, isso provém do vosso orgulho.
— A quinta forma é Vênus, o começo da corporeidade, da água; ela provém do desejo de Júpiter e de Marte, isto é, de um desejo de amor que sai da liberdade e da Natureza — da impressão e da angústia — para alcançar a liberdade; ela tem duas formas: uma ígnea vinda de Marte e uma aquosa de Júpiter; em outras palavras, o seu desejo é celeste e terrestre.
— Celeste enquanto é produzido pela tendência da Divindade a manifestar-se na natureza; terrestre, pela impressão das trevas em Marte. A essência deste desejo consiste em duas coisas: na água da liberdade e no Enxofre da Natureza manifestante.
— A imagem exterior da Natureza celeste é a água e o óleo; segundo o Sol, é água e segundo Júpiter, é óleo; na impressão saturniana é, segundo Marte, cobre e segundo o Sol, ouro; na impressão terrestre tenebrosa, é o enxofre da Areia, ou seja, as pedras, segundo Marte; pois as pedras provêm de um Enxofre de Saturno e de Marte, na propriedade venusiana quando esta se imprime nas trevas da terra.
— O espírito do pesquisador eleva-se até o Sol, isto é, no orgulho, pensando possuir Vênus; mas só consegue capturar Saturno; se ele se submergisse na água, na humildade de Vênus, a pedra dos sábios ser-lhe-ia manifestada.
— A sexta forma é Mercúrio, a vida e a separação no amor e na angústia. Em Saturno e em Marte, ele pode ser terrestre, pela impressão austera durante a qual o seu movimento e o seu desejo são dolorosos, ígneos e amargos, produzindo-se no Enxofre terrestre da água como uma agonia envenenada.

— Do lado do livre prazer, Mercúrio está em Júpiter, e em Vênus é a amável propriedade da alegria e da vegetação; segundo a impressão de Saturno celeste e segundo o desejo amoroso de Marte, ele é o proferidor do Tom. Ele é o tocador do alaúde que Vênus e Saturno lhe apresentam; Marte dá-lhe o tom que vem do fogo.
— Aqui, caros Irmãos, está oculto o mistério. Mercúrio constitui o entendimento de Júpiter, pois distingue os sentidos, essencializa-os no Enxofre; a sua própria essência consiste na multiplicação do aroma e do sabor, aos quais Saturno dá a sua acuidade para formar um sal. Quero dizer aqui o sal virtuoso da vida vegetativa. Saturno é um lavrador celeste e terrestre; ele trabalha cada forma segundo a sua propriedade, realizando o que está escrito: Tu és santo para com os Santos, e para com os perversos tu és perverso.

— Para os santos anjos, o Mercúrio é celeste e divino; e para os diabos, ele é a fúria venenosa da Natureza eterna segundo a impressão tenebrosa; e assim para todas as coisas: análogo à forma da qual é a vida. Ele é o canto dos louvores divinos ou a execração diabólica da inimizade hostil.

— O Mercúrio exterior é a palavra do mundo exterior; e o seu fiat é a impressão saturniana que corporifica a sua palavra. No reino interior da virtude divina, ele é a palavra eterna do Pai pela qual todas as coisas foram exteriorizadas (por meio do Mercúrio exterior). Este último é a palavra temporal, a palavra pronunciada, e o primeiro é a palavra eterna, a palavra pronunciadora [78].

[78] Palavra significa Verbo; quanto ao Som ou Tom, é provável que, ao empregar estas palavras, Böhme pensasse não apenas no que tinha visto em seus êstases, mas no que neles tinha ouvido.

— A palavra interior oculta-se na exterior; o Mercúrio interior é a vida da divindade e de todas as criaturas divinas; e o Mercúrio exterior é a vida do mundo exterior e de toda a corporeidade nos homens, nos animais e nas coisas que crescem, produzindo um princípio próprio, imagem do mundo divino; manifestação da Sabedoria divina.

— A sétima forma chama-se Lua; é a essência tomada no enxofre pelo Mercúrio; é uma fome corporal de todas as formas; as propriedades das seis formas estão nela compreendidas, ela é a essência corporal de todas as outras. Ela é como a mulher das outras formas; e estas dirigem os seus desejos pelo Sol em direção à Lua; o Sol as espiritualiza e a Lua as corporifica; ela atrai para si o esplendor do Sol, o que ele realiza na vida espiritual, ela o faz na vida corporal; ela é celeste e terrestre; possui a mênstrua, isto é, a matriz de Vênus; e por ela coagula-se tudo o que se torna corporal. Saturno é o seu Fiat e Mercúrio o seu esposo; Marte é a sua alma vegetativa, e o Sol o centro do seu desejo; ela só recebe dele a cor branca, não a amarela nem a vermelha majestosa; a prata é o seu metal, assim como o ouro é o do Sol.

— Mas como o Sol é um espírito sem essência, Saturno, que é o seu Fiat, guarda em si mesmo a sua essência corporal, até que o referido Sol lhe envie Mercúrio para dela se encarregar.

— Notai isto, ó Sábios; não é uma fábula enganosa, que o artista nos entenda bem: ele deve introduzir a gema que está em Saturno no Enxofre gerador e tomar o Arquiteto, dividindo todas as formas e separando a multidão das fomes; mas é preciso primeiramente batizar a má criança mercuriana a fim de que seja reconhecida pelo Sol; que ele a leve então ao deserto, e veja se o Mercúrio quer comer do maná, transformar as pedras em pão, voar como um espírito glorioso ou precipitar-se do alto do Templo, se quer adorar Saturno no qual o Diabo se mantém oculto; que o artista observe, portanto, se este Mercúrio recebe o batismo e come o pão de Deus. Se o fizer e se resistir à tentação, os Anjos lhe aparecerão após quarenta dias; ele poderá então deixar o seu retiro e comer o alimento que lhe é necessário. É preciso para isso que o Artista entenda a geração da natureza, do contrário todo o seu trabalho é vão; se não receber da graça do Altíssimo o segredo particular da tintura de Marte e de Vênus, e se não conhecer a planta onde jaz a Tintura, não poderá encontrar o caminho mais curto.

— O corpo lunar dos metais encontra-se no borbulhamento terrestre do Enxofre e do Mercúrio; contém em seu interior a criança de Vênus, e Saturno a reveste com a sua veste. Mas Vênus é má; ela é solar interiormente; toma a veste de Marte e com ela se cobre no seio de Saturno.

— Marte está um grau mais próximo que Vênus da terrestridade; depois dele Mercúrio, reunindo todos os outros, é o mais próximo da terra como do céu; por fim, a Lua é de um lado inteiramente terrestre e de outro inteiramente celeste. Ela é má para o mau e boa para o bom; dá aos corpos benignos o melhor de si mesma, e aos maus a maldição da terra corrompida.
— Ora, tudo isso marca cada coisa segundo a propriedade do interior; vós podeis reconhecê-lo tanto nas plantas como nos animais e nos homens.
— Se a propriedade saturniana for poderosa em uma coisa, a sua cor será preta, cinzenta, dura, austera, aguda; será salgada ou azeda ao paladar, de um corpo magro, longo, cinza ou azul-escuro, de toque áspero; contudo, esta propriedade raramente domina sozinha em uma coisa, pois logo desperta Marte pela sua dura impressão; o que torna o corpo atormentado e o impede de crescer em comprimento, mas lhe dá muitos ramos: como se vê nos carvalhos e nas árvores da mesma espécie.
— Mas se Vênus estiver mais próxima de Saturno, a efervescência do Enxofre saturniano produz um corpo longo e forte: pois ela traz a sua doçura a Saturno; e quando não é oprimida por Marte, o corpo torna-se grande, longo e estreito, quer seja erva, animal ou homem.
— Mas se Júpiter for mais forte em Saturno do que Vênus, e se Marte estiver sob Vênus, o corpo será precioso, cheio de virtude, de vigor e de um sabor agradável; seus olhos serão azuis e esbranquiçados, de uma virtude humilde, porém muito poderosa. Se acontecer de Mercúrio estar entre Vênus e Júpiter, com Marte em último lugar, a propriedade de Saturno será exaltada até o grau mais elevado.
— As ervas serão longas, de corpo mediano, bem formado, com belas flores brancas e azuis; quando o sol aí penetra, a sua cor tende ao amarelo; e desde que Marte não estrague os bons influxos, esta coisa será sublime, a qualquer reino que pertença; ela resistirá a toda maldade e aos assaltos dos espíritos, quaisquer que sejam, desde que o homem não incline o seu desejo para o diabo, como fez Adão.
— Com tais ervas, pode-se curar sem ciência alguma; mas elas são raras e muitas vezes passam despercebidas, pois estão muito próximas do Paraíso. A maldição de Deus cega o perverso; há, contudo, em muitas ervas e animais grandes segredos desconhecidos.
— Toda a magia aí se encontra; mas dela não quero falar por causa do perverso, que não é digno de conhecer estas coisas e que deve ser punido justamente pelos sofrimentos que inflige aos bons ao revolver-se na corrupção.
— Mas se Marte estiver mais próximo de Saturno, e se Mercúrio lançar um olhar sobre eles, enquanto Vênus estiver submetida a Marte e Júpiter a Vênus, tudo se estraga e se envenena, e se a Lua vier trazer a sua Mênstrua, a falsa magia e a feitiçaria se declaram; mas quero descrever aqui apenas a assinatura.
— Isso dá a uma planta uma flor avermelhada e clara; Vênus pode dar-lhe a brancura, mas se ela for manchada sobretudo de vermelho-escuro, com uma casca áspera, Mercúrio é aí venenoso; é um veneno da Lua, mas o artista pode empregá-lo contra a peste se tirar de Mercúrio o seu veneno, dando-lhe Vênus e Júpiter; então, Marte torna-se um fogo amoroso pela virtude do Sol.

38-39. — Esta propriedade marca também as criaturas vivas na voz como no rosto. Dá uma voz obscura com um pouco da clareza marciana, lisonjeira, falsa e mentirosa; dá pontos vermelhos aos olhos, que são móveis e piscantes; as ervas têm uma virtude inteiramente corrompida que escurece a vida do homem se ele as absorver. Tais ervas de nada podem servir ao médico, seja qual for o nome que se lhes dê, pois frequentemente acontece que tal

conjunção dos planetas corrompe uma planta boa por si mesma se estiver submetida a Saturno e a Marte; acontece também que uma planta má é bonificada por uma conjunção; reconhece-se tudo isso pela assinatura; é por isso que o próprio médico deve colher as suas plantas [79].

[79] Vê-se, pois, que, no espírito do autor, as plantas, os minerais, etc., devem ser estudados fora de qualquer classificação prévia e com os únicos dados que ele indica, contanto que se seja regenerado.

— Mas se Marte estiver mais próximo de Saturno, se Mercúrio for muito fraco, se Júpiter vier imediatamente depois de Marte e se Vênus influenciar igualmente sobre eles, isso é bom. Pois Júpiter e Vênus tornam Marte alegre; daí provêm as plantas quentes e salutares que devem ser empregadas para as feridas e todos os acidentes quentes. Elas são ásperas e um pouco espinhosas, os ramos, folhas e espinhos são sutis, segundo a natureza de Vênus, mas a virtude é misturada de Marte e de Júpiter e bem temperada; as flores são castanhas, porque Marte é poderoso.

— O médico não deve dar à doença quente Saturno sem Marte; se o fizesse, acenderia a fúria de Marte ao despertar o Mercúrio na propriedade da morte.

— Marte deve curar toda doença marciana, mas que o médico adoce primeiramente o seu remédio marciano por Júpiter e Vênus, a fim de transmutar a sua fúria em alegria.

— Se introduzir apenas Saturno para uma doença marciana, este se apavora e cai na propriedade da morte e, como é o fogo do corpo, desperta incontinente o Mercúrio na propriedade fria. O médico deve guardar-se de administrar para uma doença quente o Marte áspero em quem o Mercúrio está inteiramente aceso, pois exaltaria ainda mais o fogo do corpo; é preciso primeiramente que ele acalme Marte e Saturno, tornando-os alegres.

— Quanto mais quente for uma erva, melhor será para isso; o fogo de amor que se soube preparar nela pode corrigir a doença, pois a um fogo corporal fraco, inclinando-se mais para a frieza do que para o veneno mercurial, pertence uma cura de uma calor sutil onde Vênus é poderosa e mantém Marte sob a sua dependência; Júpiter não deve ser aí muito forte, caso contrário fortifica demais Marte e Mercúrio, de modo que sufoca a vida fraca, levando-a ao veneno mercurial.

— Uma erva que possui a propriedade que acabo de descrever não cresce muito alto; é um pouco áspera ao toque, tanto mais quanto Marte é poderoso nela; deve ser aplicada externamente, sobre úlceras, por exemplo, e não internamente, porque quanto mais sutil é o remédio, mais interna é a sua esfera de ação: é o que o médico reconhece no sal. Quando o corpo ainda robusto está infectado por um veneno violento, precisa de um remédio enérgico, contanto que não se lhe dê Marte e Mercúrio em sua fúria, mas em sua virtude mais poderosa. Júpiter contribui para a transmutação de Marte; mas para ser verdadeiramente bom, precisa ser introduzido na propriedade do Sol.

— Toda criatura viva é amorosa e amável se for tratada com benignidade, mas se for contrariada, Mercúrio desperta na propriedade venenosa, Marte na amargura, e a ira logo se eleva; aí está o fundamento de toda maldade.

— Se Mercúrio estiver na propriedade mais próxima de Saturno, depois dele e em ordem, a Lua, Vênus e Júpiter, tudo é terrestre, em qualquer lugar onde esteja Marte; pois o Mercúrio retido na impressão severa e fria dá um Enxofre terrestre; se Marte se aproximar, ele o envenena; Vênus pode impor a isso um impedimento, apenas terrestre, que produzirá uma cor esverdeada.

— Mas se for Vênus que estiver mais próxima de Saturno, se Marte não maliciar a Lua e se Júpiter estiver livre, tudo é amável, as ervas tornam-se suaves ao toque e produzem flores

brancas; Mercúrio pode introduzir aí uma cor misturada segundo a potência do Sol, ou seja, metade de Marte, avermelhada, e de Júpiter, azulada. A vida da criatura será doce e amável, sem muita elevação; mas se Marte predominar, Vênus tornar-se-á impudica, e a criatura será sutil, branca, macia e feminina.
— Há três sortes de sais que podem servir para a cura e que pertencem à vida vegetativa: são Júpiter, Marte e Mercúrio; eles são a vida efetiva da qual o Sol é o espírito.
— O sal de Júpiter é de bom odor e de um sabor agradável; a sua fonte interna é a liberdade da essência divina, e a sua fonte exterior é a propriedade do Sol e a de Vênus; a Natureza exterior consiste no fogo e na angústia, isto é, o veneno; e a virtude jupiteriana é contrária a este veneno, mas só pode temperá-lo introduzindo nele o desejo da Doçura.
— O sal marciano é ígneo, amargo e áspero; o sal de Mercúrio é ansioso, venenoso, igualmente inclinado ao quente e ao frio, pois é a vida do Enxofre. Adapta-se às propriedades de cada coisa. Se o sal de Júpiter a ele se misturar, resulta daí uma grande força e uma grande virtude; com o sal de Marte, produz uma amargura dolorosa e picante; com um sal terrestre de Saturno, causa inchaços, angústia e morte, a menos que Júpiter e Vênus o contenham. Vênus e Júpiter são contrários a Marte e a Mercúrio; sem estes dois últimos, não haveria vida em Vênus e no Sol.
— O mau é tão útil quanto o bom e eles geram-se mutuamente. Mas o médico deve ter o cuidado de não acender ainda mais o veneno mercurial; deve servir-se bem para a cura dos sais de Marte e de Mercúrio, mas é preciso que os reconcilie primeiramente com Vênus e com Júpiter, de sorte que todos os três atuem segundo uma única vontade; a cura é então perfeita e o Sol da vida pode reacender-se nesta união, fazendo com o veneno de Mercure e o fogo amargo de Marte um Júpiter alegre.
— Não se deve entender tudo isso senão da Alma vegetativa, isto é, do homem exterior que vive nos quatro Elementos e da propriedade sensível.
— A razão também pode sofrer de doença por meio de palavras; mas cura-se por um remédio semelhante ao seu mal.
— A alma do pobre pecador foi envenenada na ira de Deus e o Mercúrio da Natureza eterna acendeu-se na propriedade anímica; o Marte ígneo queima então no Saturno da eternidade, em sua impressão espantosa e tenebrosa; Vênus está prisioneira na casa da miséria, a sua água secou, Júpiter viu o seu entendimento escurecer-se, o Sol apagou-se e a Lua tornou-se uma noite muito obscura.
— Não se pode aconselhar outra coisa a uma tal alma senão adoçar o Mercúrio mental harmonizando-o; é preciso que ela introduza Vênus (o amor de Deus) no seu Mercure e no seu Marte venenoso, só então poderá reluzir de novo o Sol.
— Se ela pensar que não pode fazer isso por estar por demais estreitamente aprisionada, eu lhe responderia que essa possibilidade depende da misericórdia divina, pois ninguém pode tirar de Deus a sua ira; mas como o seu coração amoroso se entregou por amor ao gênero humano, transformando assim o Mercúrio aceso na alma (que é a fonte venenosa da Natureza na propriedade do Pai), direcionarei a minha vontade para esta tintura salvadora e sairei da fonte venenosa do Mercúrio colérico, morrendo para me tornar com Cristo um nada, pois é preciso que ele seja a minha vida, que eu morra e que seja ele quem vive em mim.
— Assim posso retornar ao nada primitivo do qual Deus tudo criou.
— O nada é o bem soberano, pois não possui Turba [80]; nada aí me pode comover, pois estou então em Deus, que é o único que sabe o que sou. Aqueles que a isso se abalançarem saberão o que Deus realizará neles.

[80] Turba significa todo meio entregue à ebulição, à efervescência do fogo da ira.

— Eu mesmo, que escrevo todas estas coisas, não as sei, pois não as aprendi; é Deus quem me as dita; nada sei por mim mesmo, mas sei apenas o que ele quer; assim, não é em mim que vivo, mas sim d'Ele. Não somos, portanto, senão um em Cristo, como os ramos e os brotos de uma mesma árvore; introduzi a sua vida na minha e reconciliei-me com o seu amor.
— O meu Mercúrio mau foi assim transmutado, o meu Marte tornou-se um fogo divino, o meu Júpiter vive na alegria; o verdadeiro Sol reluz sobre mim, mas não o vejo, porque nada sou nem faço por mim mesmo.
— Só Deus o sabe. Assim, vivo, impelido pelo espírito segundo a minha vontade interior, que contudo não é minha.
— Há ainda em mim uma outra vontade, ou uma outra vida; esta vida é ainda venenosa, e é somente quando tiver regressado ao nada que serei perfeito. É nela que residem o pecado e a morte.
— Estas duas vidas combatem-se mutuamente. Mas visto que Cristo se dignou nascer em mim e viver no meu nada, ele esmagará a cabeça da serpente da minha má vontade, segundo a promessa feita no Paraíso.
— Mas o que fará Cristo com o velho homem que sou? Rejeitá-lo-á? Não, pois cada um trabalha segundo o seu mundo. O exterior trabalha no mundo amaldiçoado, indiferentemente mau ou bom para os milagres de Deus; e o interior é o instrumento de Deus, até que se manifeste no exterior: Deus será então tudo em todos; tais são o princípio e o fim, a Eternidade e o Tempo.
— Guardai-o bem: ao exterior pertence a cura do exterior, e ao interior a do mundo interior, que é a unidade divina. Mas se o interior penetrar o Exterior, introduzindo nele o seu esplendor solar, ele o curará, e resplandecerá nele, como o sol na água.
— Mas o Diabo ataca sem cessar a alma na fúria da Natureza eterna; e esta fúria, queimando o corpo exterior, apaga o amor interno como um ferro em brasa se apaga na água; a alma, que já se tinha entregado à liberdade do nada, reentra no homem exterior pecador e perde o sol interior.
— Assim, o corpo exterior deve ter uma cura exterior; embora o homem interior viva em Deus, a tintura divina não está mais no exterior porque a alma imaginou na fúria exterior; é preciso, contudo, que o Mercúrio exterior ou a palavra pronunciada seja tingida do amor e da luz exteriores; se a vontade da alma se voltar para o interior, a cura pode fazer-se no exterior pelo amor de Deus em direção à Luz. Mas é uma coisa muito rara sobre esta terra onde os homens só comem do fruto proibido, enquanto o veneno da serpente circula neles, na fúria da natureza eterna e exterior; de modo que precisam de um remédio contra este veneno do Mercúrio exterior.
— É possível que um homem viva sem doença; mas para isso é preciso que saiba estender a tintura divina interior até o exterior; o que é extremamente difícil, pois o homem exterior é fustigado continuamente pela fúria de Deus; o que impede o amor de Deus de aí habitar; ele habita em si mesmo como a Luz nas Trevas (e as trevas não a compreendem); quando a luz se manifesta nas trevas, a noite é transmutada em dia.
— O mesmo acontece com o homem; a luz que o faz viver também o cura. Se ele se mover no mundo exterior, é preciso que a bondade e o amor exteriores, Júpiter, Vênus e o Sol, o curem; sem eles, é dominado por Marte, por um Mercúrio venenoso e por uma Lua terrestre, na impressão saturniana do Enxofre. É preciso então que o homem exterior se corrompa e chegue ao nada, ao começo criatural da essência da qual saiu com Adão [81].
[81] Façamo-lo notar ainda uma vez: a luta do Amor e da Ira tem lugar em todas as matérias-primas de todos os planos imagináveis: a redenção tem lugar em cada um desses

planos segundo o mesmo procedimento; e o Céu revela-se a cada um deles na medida em que estes últimos lho possam assimilar.

Capítulo X

Da cura interior e exterior do homem

Sumário: Os três mundos no homem — O processo de Cristo, espelho do Universal — A fé — As tentações — A Virgem filosófica — Os planetas e a cura interior do Homem; das cinco primeiras fases desta cura na Alquimia

— Que o amante das coisas divinas saiba bem que o nosso caminho não é histórico nem pagão; mas que nos dirigimos para a luz da natureza exterior; para nós brilham os dois Soles. Queremos explicar como Deus curou o homem do veneno da Serpente e do veneno do Diabo, e como ele ainda cura hoje a pobre alma prisioneira da ira divina.

— A luz e o amor divinos apagaram-se em Adão quando ele imaginou na propriedade da serpente, igualmente propícia ao mal e ao bem; o veneno de morte do Mercúrio começou desde então a atuar; Marte tornava escaldante a fonte da Ira, a impressão tenebrosa da Natureza tornou terrestre o corpo de Adão, e o veneno do Mercúrio declarou a inimizade entre Deus e a sua criatura; estava tudo acabado para ela a partir daquele momento, a morte furiosa a tinha arrebatado inteira, corpo e alma [82].

— Como fez Deus para a curar e tingir de novo? Usou um remédio estranho? Não, serviu-se de uma coisa análoga, o Mercúrio, a Vênus e o Júpiter divinos. No homem estava o verbo pronunciado; é o que chamo de Mercúrio eterno, pois é a vida que Deus soprou na sua imagem. A Alma dessa imagem compreendia as propriedades dos três mundos:

— O mundo da Luz, que é o entendimento e que é Deus; o mundo ígneo, que é a Natureza eterna do Pai das essências, e o mundo do Amor, que é o da corporeidade celeste. Na essência do Amor, o

[82] Pode-se recorrer a uma outra maneira de considerar o movimento destes dois princípios nas antigas iniciações politeístas: Hesíodo, Orfeu, etc. Ver a sua exposição em J.-B. Pernéty e, sobretudo, nas obras raríssimas de J.-Fr. Delaulnaye.

no amor, o Mercúrio é a Palavra de Deus; e na essência ígnea, ele é a fúria de Deus, o princípio do movimento, do combate e da força. A propriedade ígnea dá o desejo à luz e à liberdade; o nada deseja então, e esse desejo é o amor de Deus que Adão apagou ao imaginar na terrestridade.

— Esta saiu da essência da fúria e do Amor, pelo movimento divino, a fim de que as maravilhas do abismo e da base fossem manifestadas, que o bem e o mal fossem descobertos; Deus criou Adão à sua imagem para tingir o mundo ígneo e exterior com a palavra do amor.

— Mas Adão despertou em si, por sua falsa imaginação, o mundo ígneo mercuriano, tenebroso e venenoso; sua essência corporal da impressão caiu na parte venenosa da propriedade mercurial, e a Alma manifestou-se na natureza eterna na propriedade ígnea do Pai, segundo este Mercúrio venenoso, este Deus ciumento, vingativo, e este fogo consumidor.

— Ora, para socorrer Adão, foi preciso que Deus lhe administrasse o remédio análogo ao excesso que causara a sua doença. Eis como se procedeu.

— Ele reconduziu o Mercúrio santo à chama do Amor com o desejo da essência divina na palavra pronunciada, ou seja, na alma ígnea do Mercúrio [83]; tingiu esse veneno, a fúria do Pai, de todas as essências, por meio do fogo de amor, e reconduzindo esse Mercúrio com a luz do Sol eterno ou o amor, tingiu a fúria do Mercúrio irritado da propriedade humana, de sorte que o Júpiter, o entendimento divino, pôde retornar sobre os seus passos.

[83] Na essência anímica de Maria, concebida cosmogonica e filosoficamente como espelho da divindade, esposa de Deus, se assim se pode dizer. Veja a iniciação brahmânica.

— Se não entendeis isso, vós, médicos, estais encerrados no veneno do Diabo; vede de que maneira é preciso socorrer a irritação do Mercúrio no homem: é preciso fazê-lo por meio de um Mercúrio aceso em Júpiter e em Vênus pelo Sol. Da mesma forma que Deus age conosco, pobres pecadores, assim também o enfermo deve ser curado pela doçura amorosa; não se deve usar a fria e tenebrosa impressão de Saturno sem que o Sol nela tenha entrado por sua reconciliação com Júpiter e Vênus. Desta forma, a vida pode surgir da morte; esta é a cura vulgar e simples.

— Mas um doutor deve estudar e conhecer todo o processo; que ele aprenda como Deus restabeleceu o universal no homem por Cristo; encontrará a descrição disso na vida d'Ele, desde a sua entrada na humanidade até a sua ascensão. Que ele siga este procedimento único e encontrará o universal, contanto que Deus o tenha eleito para isso, pois a voluptuosidade, a glória, a avarícia, o orgulho e todas as coisas mundanas dele nos desviam. Os doutores não encontram prazer na verdadeira humildade pela qual a pessoa se abandona a Deus; eles estão cegos, e não sou eu quem o diz, mas sim a manifestação do espírito das maravilhas.

— Mostraremos, contudo, o caminho ao pesquisador sincero; pois chegou o tempo em que Moisés é chamado para ser o pastor do Senhor junto às ovelhas. O Espírito do Senhor plantou um novo ramo do seu amor na propriedade humana [84]; ele sufocará os espinhos diabólicos e manifestará o menino Jesus a todos os povos e a todas as línguas: eis aí a aurora do dia eterno.

[84] Böhme entende falar da sua própria iniciação, que ainda não tinha sido conferida a ninguém.

— Que fazia Deus, caros irmãos, quando estávamos na morte? Descartava a imagem criada, o homem exterior inteiramente corrompido, e produzia um homem totalmente novo? Não, embora introduzisse no homem a propriedade divina e o conduzisse à regeneração.

— Ele batizava a água exterior, a essência de Vênus, oculta na fúria da morte; batizava-a pela água da essência eterna e pelo Espírito Santo; depois tirava do corpo exterior o seu alimento; levava-o ao deserto e aí o fazia jejuar; uma faísca do fogo divino acendia-se então; ela imaginava em Deus e comia durante quarenta dias do maná; a essência da eternidade vencia enfim a essência do tempo.

— Tal era a tentação durante a qual o Diabo, príncipe da fúria, atacava a humanidade exterior representando-lhe a profundidade da queda adâmica; ele perguntava à alma se queria ser rainha assentada em um daqueles tronos angélicos dos quais Lúcifer fora precipitado nas trevas e na morte; mas se ela persistisse no amor de Deus, sem nenhum desejo exterior e terrestre, a reintegração cumpria-se em sua plenitude.

— Notai isto, médicos, e segui a mesma via para curar os vossos enfermos; batizai filosoficamente a forma do vosso Mercúrio venenoso e ela será curada. Os mortos ressuscitarão assim, os mudos falarão, os surdos ouvirão e os leprosos ficarão limpos de toda impureza [85].

[85] Como fazia o Mercúrio verbal e vivo na pessoa de Cristo.

— Mas o artista não pode aperfeiçoar inteiramente a purificação do Mercure; isso é obra da fé. É assim que Cristo testemunhou não poder fazer em Cafarnaum senão pouquíssimos milagres porque a fé do povo daquele lugar não queria unir-se ao seu divinos Mercúrio. Vemos por aí que o Cristo, enquanto criatura, não podia operar milagres por si mesmo. Ele invocava a Deus, que é a Palavra pronunciadora, e dirigia para Ele o seu desejo; assim suou sangue no Monte das Oliveiras; e junto a Lázaro, dizia: «Pai, ouve-me! Sei que sempre me ouves, mas digo-o por causa dos assistentes, a fim de que creiam que tu operas por mim.»

— O Artista nada deve, portanto, atribuir a si mesmo; o Mercúrio faz ele mesmo todos esses milagres, após o batismo filosófico e antes de manifestar o universal, pois é preciso para essa manifestação que todas as formas da Natureza sejam cristalizadas e purificadas. Cada forma segue para isso um caminho particular que a conduz ao mar cristalino que resplandece diante do trono dos anciãos, onde se transforma em Paraíso; pois o universal é paradisíaco, e o Cristo só desceu à humanidade para abrir e manifestar o Paraíso no homem. A Palavra pronunciadora em Cristo operou milagres pela Palavra pronunciada na humanidade e pelas sete formas, antes que o universal fosse inteiramente manifestado no homem e o corpo purificado.

— O mesmo acontece com a obra filosófica; quando o Mercúrio prisioneiro da morte recebe o batismo do Amor, as sete formas se descobrem, embora ainda não possam manifestar-se perfeitamente. É preciso que todas as sete entreguem a sua vontade em uma só e saiam da fúria: podem então receber o amor e a sua vontade torna-se um nada; assim, ela já não contém Turba e pode resistir ao fogo.

19-20. — O Artista nada pode fazer se não der alimento às formas; mas é preciso que as liberte primeiramente da impressão de Saturno para que possam alimentar-se e para que ele revivifique o seu desejo.

— Quando o Mercúrio se liberta, já não recebe o seu alimento pela propriedade venenosa da morte; a alegria e o amor levantam-se do meio da Ira e das trevas. Se, pois, o Mercúrio encontra o amor de Marte, a fúria transforma-se em amor, mas de uma maneira instável; as propriedades angélicas, apesar disso, manifestam-se a partir desse momento.

A Tentação [86]

[86] Toda doença, inorgânica, orgânica, visível ou invisível, só pode ser curada pelo seu contrário análogo, como diria Eliphas Lévi, isto é, por um medicamento cujas virtudes sejam diretamente opostas aos venenos mórbidos. E como a criação se reflete desde o Trono de Deus até o Poço do Abismo, os atos do Curador por excelência, do Reparador, como o chamava o Fil... Inc..., são o modelo de todos os tratamentos terapêuticos, em todos os planos. Veja mais adiante: o processo mágico.

— Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto e o Diabo aproximou-se dele para o tentar. Quando Cristo teve fome, o Diabo disse-lhe: «Abre o centro da pedra, isto é, toma o Mercúrio impresso e faz dele pão, come da essência da propriedade da alma. Por que queres comer do nada, da Palavra pronunciadora? Come da Palavra pronunciada, da propriedade boa e má, e serás Senhor sobre ambas.» Tal foi o caso de Adão. Mas Cristo respondeu: «O homem não vive só de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus.»

— Por que Cristo não quis comer esse pão que podia fazer com as pedras? Por que a fome da propriedade humana teria tomado o enxofre da Palavra pronunciada e o Mercúrio da impressão da morte?

— A vontade de nutrir-se da Palavra pronunciadora fora despertada pela Deidade quando esta se movia na essência da alma encerrada na morte, no seio de sua mãe Maria e aí manifestando o Amor; uma propriedade divina atraía, pois, a outra; e essa fome corporal

pela essência de Deus vinha do Batismo; quando a água corporal, aprisionada na impressão mortal, provava a água da vida eterna, isto é, a essência do Espírito Santo, a faísca da propriedade divina elevava-se como um desejo ardente na carne pela essência de Deus.
— Era preciso que o Homem-Cristo fosse tentado em corpo e alma; por um lado, a palavra pronunciada do amor e da ira era-lhe oferecida ao corpo e à alma.

sobre quem o diabo queria dominar; de outro, a palavra pronunciadora era oferecida à alma e ao corpo na propriedade do Amor.
— O combate travado por Adão no Paraíso recomeçava aqui; de um lado, o desejo amoroso de Deus, manifestado na alma, atraía fortemente a sua propriedade, bem como a do corpo; de outro, o Diabo atacava na alma a propriedade furiosa de Deus, levando a sua imaginação para o centro do mundo tenebroso, que é o primeiro princípio ou a vida ígnea da alma.
— A imagem de Deus tinha, portanto, que escolher se queria viver no amor ou na ira de Deus, no fogo ou na Luz; a propriedade da alma, segundo a sua vida ígnea, era a propriedade do Pai no mundo ígneo; o mundo luminoso, apagado na alma de Adão, incorporava-se de novo com o nome de Jesus, pela concepção de Maria.
— Após esta primeira tentação, a propriedade inteira da pessoa de Cristo foi atacada. O Diabo disse-lhe, como a Adão: «Come do bem e do mal; se não tens pão, faz dele com as pedras; por que sofres fome em tua propriedade?» Mas o desejo divino respondia-lhe: «O homem não vive só de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus.» Assim, a alma ígnea dirigia-se para o Amor, para o Verbo pronunciador, e o desejo ígneo nutria-se do maná de Amor.
— Ó filósofos, notai bem esta transformação do fogo pelo Amor. O Pai dava a alma ígnea ao Filho, em outras palavras, a propriedade do Mercúrio pronunciado dava-se ao Mercúrio pronunciador na Luz; Cristo dizia também: «Pai, os homens eram teus e tu mo-los deste, e eu lhes dou a vida eterna.» Assim, Deus deu no seu Amor a Vida eterna à humanidade; e o Amor invadiu toda a fúria da alma.
— Mas se a propriedade da alma e do corpo tivesse seguido o Diabo na fúria divina, alimentando-se do Mercúrio prisioneiro, a Vontade não teria podido ser transmutada. Mas como ela se dirigiu para o Verbo pronunciador e penetrou a morte furiosa da ira de Deus, dirigiu-se para o Amor de Deus e tornou-se um verdor paradisíaco elevando-se da morte.
— Ela estava desde então oposta ao Mercúrio venenoso da propriedade da alma na ira de Deus; o Diabo veio dizendo-lhe: «Tu és o rei vencedor; vem para que eu te faça ver maravilhas»; levou-o ao pináculo do templo e disse-lhe: «Lança-te daqui abaixo, diante do povo, pois está escrito: "Ele dará ordens aos seus Anjos a teu respeito, para que te guardem, e eles te susterão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em alguma pedra."» Assim, pois, o Diabo queria exaltar de novo a propriedade ígnea da alma, para que esta se comprazesse, como Adão, em sua própria vontade, tendo assim os olhos abertos e conhecendo o bem e o mal.
— Deus permitia à serpente voltar à carga; mas a propriedade humana do corpo e da alma tinha-se, na pessoa de Cristo, entregue inteiramente à vontade divina, não agindo senão por aquilo que Deus movia nela, e respondendo ao Diabo: Está escrito: «Não tentarás o Senhor teu Deus.» Uma criatura de Deus nada deve, portanto, fazer além da vontade de Deus.
— Adão tinha-se afastado do caminho ao sair desse abandono, querendo conhecer o mal e o bem, o amor e a ira.

— O Diabo, vendo que não podia vencer por estas tentações, levou o homem a um monte muito alto e, mostrando-lhe todas as riquezas deste Mundo, tudo o que é vida e se move na palavra pronunciada, todos os principados e potestades da Natureza exterior dos quais se intitula Senhor (embora só governe a fúria da morte), disse à propriedade humana: «Se prostrado me adorares, dar-te-ei tudo isto.»
— O Diabo queria, portanto, que a humanidade saísse do abandono para reentrar na vontade própria. Foi o que Adão fizera ao buscar-se a si mesmo, com as propriedades do mundo e a avarícia, como se pode ver em Caim, que é o coração do Mercúrio venenoso, formando para si uma essência segundo o seu desejo; o seu alimento foi formado de terra pela ignição do Pai, em sua propriedade ígnea, onde se move o veneno do Mercúrio pronunciado; é deste reino que o Diabo pensava ser príncipe; mas só o é para os ímpios. Deus impede pela água e pela Luz do terceiro princípio que ele chegue ao governo da palavra pronunciada; e ele é reduzido à impotência enquanto a sua Turba Magna trabalha na fúria.
— O Diabo vangloriava-se de dar à humanidade de Cristo o governo das essências, que só possui nessa parte da Turba onde está a fúria de Deus; tentou, de fato, levar à mais alta potência o seu Mercúrio, para dominar sobre o mal e sobre o bem.
— Introduziu o seu Mercúrio na impressão onde o calor e o frio tomam a sua origem; daí se elevaram os dois fogos, frio e quente, do Mercúrio criatural. É assim que o corpo sofre do frio e do calor, ainda não manifestados quando vivia na livre vontade.
— O centro da fúria, que é a propriedade do Mundo tenebroso, estava manifestado em Adão; o Mercúrio do homem é ainda hoje uma fonte venenosa, pois a propriedade mortal é a sua raiz. Assim que a sua assinatura marciana é tocada, o seu fogo desperta, envolvendo o corpo de tal sorte que ele treme de fúria: e é essa luta entre o corpo e o veneno que é a vida do Mercúrio corporal.
— Daí provêm as guerras pelo governo da ira de Deus no Mercúrio corrompido da palavra pronunciada. O combatente é um servo da Ira; é o machado com o qual o lavrador irritado corta o arbusto do seu campo; mas tendo assim caído ao servir à Ira de Deus até a imagem diabólica da palavra pronunciada, é preciso que seja regenerado, em Cristo e por Cristo, com o seu Mercúrio, e que remonte ao Amor de Deus, no santo Mercúrio pronunciador, que é o Verbo da vida; chegado ali, que obedeça inteiramente e abandone toda a sua vontade ao amor de Deus, fora do Mercúrio criatural, que nada deseje nem execute sem a vontade do Mercúrio pronunciador, que seja o instrumento de Deus, a fim de que Deus se torne tudo para ele, e que d'Ele só retire a sua força, a sua vida e o seu fruto.
— Assim, o Mercúrio da vida humana poderá tornar-se o fruto da árvore paradisíaca: foi para este fim que o homem foi criado. O Diabo é o Artista da natureza furiosa à qual o homem mau está submetido; é por isso que São Paulo escreveu: «O santo exala diante de Deus um bom odor, vivificante, e o odor do mau é de morte.»
— Tudo o que vive e se move deve contribuir para a glória de Deus, segundo o seu Amor ou segundo a sua Ira; as criaturas saíram do mal e do bem pela vontade do Verbo pronunciador.
— Os anjos e os homens foram pronunciados na imagem do amor de Deus; não devem comprazer-se nem no fogo nem nas trevas; não devem permanecer em sua ipseidade; mas é preciso que se abandonem na vontade divina pronunciadora, como uma das suas formas; não devem ter inclinação para nenhuma outra coisa; são o espelho do Verbo, onde se contempla e se manifesta a eterna ciência do entendimento divino, a celeste tocadora de viola que faz ressoar o Mercúrio da Vida.

— Quando a imagem do homem quis agir no bem e no mal, recusando-se a realizar aquilo para o qual a palavra pronunciadora a criara, saiu do amor de Deus, no qual não havia manifestação da ira, como na luz ígnea não há o tormento do fogo. A vontade do Mercúrio humano individualizou-se; caiu no centro da geração das essências, na angústia, no veneno e na morte.
— Foi aí que a ira de Deus a apanhou.
— Assim, amigo leitor, acabas de ver claramente quais foram as tentações de Cristo: Que a alma, e até o homem inteiro, que é a imagem do Verbo pronunciador, quisera reintegrar-se no seu primeiro lugar, após ter sentido o abrasamento do amor divino. — Que ela queria encerrar-se em sua vontade própria. — Que, enfim, queria deixar a vontade de Deus mover a sua assinatura; e o Diabo, o artista da Ira divina, prometia a Cristo os reinos deste mundo e a liberdade das suas ações, se tão somente quisesse sair da misericórdia divina. Mas tendo-lhe Cristo respondido: «Vai-te, Satanás, pois está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele servirás», o Diabo fugiu e os anjos aproximaram-se de Cristo e o serviram.
O Processo Mágico [87]
[87] Compreendamos que a lei da hierarquia deve ser observada: foi o homem que arrastou em sua queda a natureza inteira; é o homem que deve igualmente elevá-la em sua sequela na sua reintegração: é preciso, pois, dar-se conta de que cabe a nós dar o exemplo aos seres inferiores, e saber que a salvação universal que deve aperfeiçoar-se não se cumpre senão progressivamente, plano após plano. De cada um de nós depende, como explica Böhme ao longo deste livro, uma certa quantidade de enxofres, de mercúrios e de sais minerais, vegetais, animais, astrais, mentais: a nossa regeneração regenera-os por irradiação. Böhme parece ser difuso e prolixo; contudo, há coisas que ele subentende: cabe ao leitor meditá-las, como ele lhe recomenda, aliás.
— Que o mago, considerando o que vai empreender, não imagine poder possuir o reino terrestre pela avarícia do Diabo, nem voar do alto do Templo, nem fazer das pedras o que bem quisesse; deve pensar em persuadir-se de que é apenas o servo de Deus. Se quer socorrer o pobre prisioneiro da ira de Deus e libertá-lo dos laços tenebrosos em que jaz na maldição da Terra, que compreenda como Deus o libertou a ele próprio; que medite ardentemente sobre a tentação de Cristo, mas se disser para si mesmo: «tenho uma pedra morta diante de mim, bruta e impotente; é preciso que a ataque com violência para lhe retirar a pérola que encerra», não passa de um tolo inteiramente incapaz de realizar a obra.
— Se quer buscar com sucesso, que imagine a vida de Cristo durante a qual Deus regenerou o universal prisioneiro da Morte na propriedade humana. Pois Deus não tomou o homem encerrado na Morte para o introduzir num forno que o teria reduzido a cinzas, como faz o falso mago; dava-lhe primeiramente o seu amor, batizando-o, depois levava-o ao deserto e opunha-lhe o diabo, mas sem o introduzir nele; deixando-o jejuar, não lhe apresentava nenhuma carne exterior; e quando o homem, voltando o seu desejo para Deus, se apoderava do maná, o Diabo voltava com toda a sua astúcia para o tentar. Que te direi mais, ó pesquisador? Não entendes nada aqui?
— Não te quero dar a pérola dos filhos de Deus; pois é preciso que Deus se torne homem e que o homem se torne Deus; é preciso que o céu e a terra se reunam para formar uma só coisa. Se queres que a terra se torne céu, dá-lhe o alimento celeste, a fim de que o Mercúrio encerrado na morte receba uma vontade celeste, e que a vontade do Mercúrio furioso se volte para o amor do Mercúrio celeste.
— Mas como farás? Vais introduzir o Mercúrio venenoso cuja vontade está morta, como faz o falso mago? Queres tomar dois diabos para formar um anjo? A pretensão seria risível;

como poderias fazer o céu da terra com a ajuda do diabo? Deus é o criador de todas as essências; é preciso que comas do pão de Deus para transmutar a propriedade do teu corpo.
— Cristo dizia: «Quem beber da água que eu lhe der saciar-se-á na própria fonte da vida eterna.» Lá se oculta a pérola da Regeneração; o grão de trigo não dará haste se não germinar na terra, pois para que as coisas frutifiquem é preciso que reentrem na mãe que as gerou.
— O enxofre é a mãe de todas as essências, o Mercúrio é a sua vida, Marte é a sua sensibilidade, Vênus o seu amor, Júpiter o seu entendimento, a Lua a sua corporeidade e Saturno o seu marido. É preciso que reconcilies o marido irritado com a sua mulher; é preciso também que a esposa seja virgem, pois a semente da mulher deve esmagar a cabeça da serpente colérica. É preciso que o amor da esposa seja sincero e puro; pois a divindade desposa a humanidade; e quando Maria dizia faça-se em mim segundo a tua palavra, pois sou a serva do Senhor, isso significava a união da humanidade e da Deidade.
— A Divindade significa, na obra filosófica, a casta virgem [88]; a humanidade é o Mercúrio, o Enxofre e o Sal tanto celestes como terrestres; o celeste é semelhante a um nada; a morte despertou na fúria e vive na ira na propriedade em que foram tentados Adão e Cristo.
[88] Reportar-se a Pernety para rever a lista dos nomes que os alquimistas dão às diferentes substâncias que empregam.
— As propriedades sulfurosas eram tentadas pela oposição elevada no meio delas mesmas.
54-55. — E a tentação tinha três figuras: a primeira é a impressão que o filósofo chama Saturno, que devia abrir-se na propriedade de Vênus para dela saciar a fome ígnea; a outra era viver nessa Vênus saturniana e apegar-se à sua própria vontade.
— A terceira era introduzir a sua vontade no centro pelo desejo amoroso, isto é, na mãe sulfurosa que vive pela impressão da angústia. Deus tentou a maldade de Adão acesa no enxofre por um diabo furioso, igualmente irritado no Enxofre; nada te posso dizer de mais explícito. O enxofre é o corpo material em que devemos reentrar.
— Nicodemos perguntava: «Como pode alguém reentrar no seio de sua mãe e renascer?»
«— Se não voltardes e não vos tornardes como crianças, não vereis o reino dos céus», respondia-lhe Cristo.
— Como pode a vontade resignar-se a perder a sua ipseidade para se tornar de novo um nada? Isso parecia muito estranho a Nicodemos, mas o Senhor respondia-lhe: «O vento sopra onde quer; tu o ouves, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim é todo aquele que é eleito de Deus.»
— Quem persuadia a vontade do Cristo-homem a reentrar no corpo de sua mãe e aí permanecer sem alimentos durante quarenta dias? Não era uma ação da Divindade?
— O mesmo acontece com a obra filosófica; o artista deve procurar o filho pródigo, que fugiu para longe de sua mãe e que entra no centro saturniano, porque a fúria de Deus o encerrou na impressão mortal; contudo, ele não se tornou um Saturno, mas está encerrado na morte de Saturno.
— O Anjo deve descer até Maria para lhe anunciar que ela gerará um filho que se chamará Jesus, pelo qual se despertará no velho homem prisioneiro da ira o novo menino. O nome de Jesus dirigindo-se primeiramente a Saturno atrai a vontade do seu prisioneiro e apresenta-lhe a Esposa adornada com a coroa de pérolas.
— Se o rebelde a recebe, o artista pode desde então realizar a sua empresa.

— É preciso que o esposo seja tentado, pois deve tornar-se o cavaleiro que destruirá o castelo diabólico nos sete reinos; quando se aproximar o tentador, o esposo reentrará em sua mãe e, abandonando inteiramente a sua vontade, retornará ao Nada.
— O Artista julga então ter perdido o céu, pois não vê que uma virgem gerou de novo; mas que tenha paciência; o que lhe é impossível é factível para a Natureza; quando o Tentador esgotou os seus recursos, os Anjos o expulsam.
— IMEDIATAMENTE, o Artista deve apresentar a esposa ao esposo; ele é agora o médico dos seus irmãos e das suas irmãs na casa de Sua mãe, e realizará grandes milagres nos sete reinos da Vida.
— Em Saturno, fará reviver os mortos; pois a Virgem colocou a sua vontade no Amor; ele pode ressuscitar a forma na qual Sua Mãe o gerou, abrasando-a pelo fogo do amor; isto tem lugar no Enxofre saturniano, na propriedade do esposo.
67-68. — Deve também operar milagres no outro reino de sua Mãe, que é o da Lua, pois Jesus saciou cinco mil homens com cinco pães de cevada, operando sobre a corporeidade. Na propriedade lunar, o Esposo abre o paraíso com a sua virgem e alimenta o corpo que ainda não recebeu a influência do Mercúrio exterior. O artista julga então estar muito perto do paraíso, mas resta-lhe contudo muito caminho a percorrer.
— No terceiro, Júpiter, Jesus instruía os ignorantes, tornava Apóstolos os prevaricadores e elevava as pessoas simples, as mulheres e as crianças amadas de Deus, que compreendiam em si mesmas o universal.
— O mesmo acontece na obra filosófica: a essência morta, na qual o Mercúrio é inteiramente terrestre, frio e sem virtude, retoma uma vida nova, que espanta e alegra o Artista. Ele vê verdejar a virtude divina, numa essência meio morta na maldição de Deus, contempla os quatro elementos e a alegria da Sapeza; vê o arco-íris multicolorido sobre o qual Cristo está assentado para julgar o Mercúrio pronunciado.
— Isto é o entendimento divino do Júpiter celeste pelo qual Cristo tornou os simples prudentes e sábios.
— No quarto Reino da mãe das essências, que é Mercúrio na roda natural da vida, Cristo curou os surdos, os mudos e os leprosos. Todas estas doenças provêm da água saturniana no Mercúrio cujo veneno Cristo curava na forma do Esposo e da Virgem.
— O artista verá como se pode filosoficamente separar a terra do céu, e fazer descer o céu à terra, como o Mercúrio limpa a matéria e como as cores e o antimônio aparecem nesta propriedade.
— No quinto reino, que é Marte, Cristo expulsou o diabo do corpo dos possessos: na obra, o Artista verá Júpiter expulsar no Mercúrio um vapor ígneo enegrecido e que se congelará para o alto; é um desejo venenoso do Mercúrio sobressaindo da propriedade do diabo.
— No sexto reino, o de Vênus, Cristo exercia o amor da humanidade; lavava os pés dos seus discípulos, devotando-se por eles na fúria; manifestava-se no meio do povo, mas este, não o querendo reconhecer, exclamava: «Não temos outro rei senão César», atava-o, espancava-o, despojava-o e crucificava-o.
— Assim que o vapor ígneo obscuro sai da matéria, que é o Diabo, Vênus aparece em sua virgindade gloriosa; o artista recebe, pois, uma mulher em vez do menino esperado; este menino, de vestes reais, não governa um reino exterior, mas quer apenas dominar a venenosa potência ígnea de Saturno, de Marte e de Mercúrio.
— Saturno é representado pelo poder terrestre, Mercure pelo poder espiritual dos Fariseus e Marte significa o Diabo. Nenhuma destas três queria suportar o filho de Deus, rei de amor, pensando que ele destruiria o seu reino sem oferecer aos sacerdotes a glória e as dignidades do mundo.

78-79. — Da mesma forma, quando Vênus se manifesta pelo amor nestas três formas furiosas, elas não a podem suportar e oprimem-na com toda a força do seu veneno.
— Mas Vênus apoia-se em Júpiter, ou seja, o entendimento, e na Lua, ou seja, a multidão do povo, devotado a Cristo. Por isso, na obra filosófica, a Lua colabora com Vênus, porque não pode atingir nem Saturno, nem Mercúrio, nem Marte. Quando vem a fúria, a Lua muda a sua vontade (a sua cor); então, vigiai e orai com o Crucificado.

Capítulo XI

Das dores, da morte e da ressurreição de Cristo; do milagre do sexto reino e da consumação da obra

Sumário: O fogo e a luz — Ação de Cristo — Sua Paixão simbólica — Unificação do Amor e da Ira — A vitória contra a morte no homem e no athanor alquímico.

— Aprendemos que a essência deste mundo e do homem compreende duas propriedades: a do fogo e a da luz. O fogo pode ser o fogo frio da impressão ou aquele da revolução mercurial no enxofre; o fogo frio possui uma luz fria, má, e o fogo quente, uma luz quente, boa.
— Esta luz só é má porque, na impressão sulfurosa, ela se azeda com a fúria, pois o seu desejo é Saturno e Marte. A outra luz, que recebe igualmente a sua acuidade ígnea na impressão do Enxofre marciano, reconduz o seu desejo à Liberdade ao morrer para o fogo pela angústia; ela perde as suas qualidades próprias e torna-se como um Sol que derrama indistintamente o seu esplendor sobre todas as criaturas.
— O esplendor do Sol não é nem quente nem frio; é o Mercúrio do espírito do grande mundo que produz em Marte e em Saturno um calor no qual o Sol acende a sua cobiça; este calor não é próprio da Luz, mas pertence à alma do mundo, que excita a luz até torná-la insuportável ao olho.
— Se uma outra cobiça ígnea, não se assemelhando à vida exterior do Mercúrio, quisesse dominar na fúria severa da Natureza externa, isso produziria um antagonismo com o regime frio e amargo; é o que acontece quando o divino desejo de amor, com a sua doçura, se encontra com a cobiça ígnea, falsa, fria, severa e orgulhosa de Saturno, de Marte e do falso Mercúrio; é a grande luta do Amor que quer dominar a morte; o céu desce ao inferno, e eles lutam um contra o outro, como se vê no exemplo de Cristo. Ele amou os homens, fez-lhes o bem, curou-os, mas como não saía da sua potência furiosa, como vinha do alto, o fogo frio e consumidor não o quis receber.
— Da mesma forma, na obra alquímica, quando as formas furiosas — Saturno, Marte e Mercúrio externos — veem abaixo delas o cavaleiro celeste [89] com a sua qualidade virginal e sentem que ele tem um desejo diferente do delas, elas se zangam; pois, quando o raio ígneo percebe o Amor, ele desperta, a fúria sai da angústia para entrar no Amor, e este entra em agonia; mas como não pode morrer, afunda no fogo, nele se abandona e torna-se para a morte um veneno; deste modo, o inferno perde o seu império na humanidade; quando Cristo deixou correr o seu sangue celeste no espanto da morte, a Ira teve de guardar em si a essência de Amor. Por conseguinte, a cobiça ígnea na propriedade humana

foi transmutada em desejo de Amor, e a alegria da potência divina nasceu da angústia da morte.

[89] O Cavaleiro, o menino, o leão: é o princípio regenerador da matéria, — é o Cristo no homem. — A virgem é a sabedoria em nós; é Vênus na matéria: ela é a mãe do menino e sua esposa quando ele cresce.

— O amante da sabedoria deve compreender a fundo que o processo de Cristo é um só com o da obra filosófica. Cristo venceu a morte e converteu a Ira em Amor no homem. O Filósofo deve fazer o mesmo. É-lhe preciso reduzir a terra furiosa a um céu, transformar o Mercúrio venenoso em Amor. Não fazemos aqui uma parábola, notai-o bem.

— Depois que a humanidade se tornou terrestre ou que despertou o Mercúrio venenoso que devorou o Amor, Deus quis transmutá-lo de novo em Amor, refazer um Céu com a terra humana, reconduzir os quatro elementos ao único e transformar a sua ira no homem em Amor.

— Esta Ira era uma força de fogo e de fúria acesa em nós; transformá-la em Amor é um trabalho difícil; é preciso que o Amor desça na Ira, abandone-se anteriormente a ela: De nada teria servido que Deus permanecesse no Céu e olhasse de lá do alto para o homem com piedade; não é assim que a fúria teria despojado a sua potência; da mesma forma, se o fogo só é separado da luz, guarda do mesmo modo o seu ardor; para que se apague, é precisa uma essência doce como a água.

— Assim, a essência divina, a água celeste, que transforma em sangue a Tintura de fogo e de luz, deve descer na Ira, fazer-se alimento dela, a fim de que o seu fogo se nutra dela, pois não se pode sustentar de água. O fogo não queima na água, mas no óleo doce de fogo e de luz segundo a essência da doçura divina. Assim fez Deus [90].

[90] Os princípios do mundo físico sob as três primeiras formas: adstringência, amargor, angústia ou Saturno, Marte e Mercúrio: este último é ao mesmo tempo compreendido como o Mercúrio planetário e o Mercúrio princípio dos alquimistas. — Os princípios da regeneração são: uma essência doce, a Virgem, contendo em si o menino Jesus invisível, em gérmen; e agindo sobre a tintura celeste que, embora sufocada, persiste em gérmen, no fundo do mineral ou no centro do coração humano.

— O fogo da vida humana reside no sangue; é regido pela Ira divina. Um outro sangue, nascido do Amor, deve entrar no sangue humano colérico e na fúria da morte para a afogar. É por isso que a humanidade exterior de Cristo teve de morrer para a Ira divina, a fim de que o sangue celeste do Mercúrio, ou Verbe pronunciador na humanidade exterior, viva só, segundo a potência divina, no homem inteiro, externo e interno; — a fim de que a egoidade humana cesse, que o Espírito seja tudo em todos; a vontade própria deve igualmente morrer e reduzir-se a não ser mais do que o instrumento do Espírito de Deus; pois o homem não foi criado como senhor da ipseidade, mas sim como o servo do Senhor; Deus quis ser obedecido por anjos, e não castigar diabos na potência ígnea.

— E quando o Amor divino quis ir para a morte para a reduzir à impotência, os dois mundos (o mundo ígneo do Pai com o mundo visível, e o mundo do Amor com a essência celeste) foram unificados em uma só pessoa com a carne corrompida do homem. Deus tornou-se homem e o homem foi feito Deus. A semente da mulher ou virgindade celeste esvaecida em Adão e a semente do homem corrompido na Ira, em Maria, foram formadas em um único ser, o Cristo; e a mulher, essência celeste, teve de esmagar a cabeça da serpente da Ira no homem decaído. A qualidade divina no homem teve de transmutar em si a qualidade material e fazer da terra um céu (Gênesis, 3, 15).

— Quando Cristo foi concebido, o céu esteve na terra humana, mas a encarnação devia ser completada por um outro trabalho, pois enquanto Cristo esteve sobre a terra, não era a sua

humanidade segundo Maria que era onipotente, mas a sua humanidade segundo Deus; estes dois princípios opunham-se um ao outro e um no outro, o Amor contra a Ira e a Ira contra o Amor.
— Deste combate vem a tentação de Cristo; e quando o mundo divino venceu, os milagres puderam produzir-se por e através do mundo exterior humano.
— Tudo isto não podia ser cumprido sem um grande trabalho. A propriedade humana ou Verbo pronunciado estava ainda ativa em sua egoidade: o Enxofre humano, que devia ser transmutado em divino na parte celeste do homem. O eu espantou-se disto quando, no Horto das Oliveiras, lutou como Mercúrio pronunciado com o mundo celeste do Amor no plano humano: Foi o suor de sangue, quando o Amor tremeu diante da morte na qual devia mergulhar com a essência divina, e quando a Ira viu aproximar-se a morte por este Amor que devia retirar-lhe a sua potência.
— O Amor em Cristo disse: Se é preciso que eu beba o cálice da tua Ira, faça-se a tua vontade; e a Ira disse: Se é possível, que este cálice do Amor se afaste de mim, a fim de que eu possa inundar o homem, por causa da sua desobediência, assim como Deus já o dizia a Moisés, intercedendo pelo povo, em figura de Cristo (Êxodo, 32, 10, 16).
— Mas o nome de Jesus já tinha começado a encarnar no Paraíso desde a promessa da semente da mulher tendo em vista a aliança humano-divina; este nome não abandonou a luta, colocando-se por sua humildade na fúria do Pai, a fim de que ela não acendesse mais o Mercúrio meio venenoso do homem, como se vira no tempo de Corá (Núm., 16) e de Elias (1 Reis).
— Assim, no Horto das Oliveiras, a Ira queria apoderar-se do centro ígneo do homem, e o nome de Jesus desceu nela inteiramente com o Amor e a essência celeste. O Filho foi obediente ao Pai até a morte de Cruz (Fil., 2, 8). A humildade e a doçura do Amor deixaram-se ultrajar pela Ira; os judeus tiveram de desconhecer o direito de Deus; pois o pecado viera pela vontade pessoal, e devia ser aniquilado por essa mesma vontade pessoal.
— Adão tinha introduzido a sua vontade no veneno do Mercúrio exterior: Cristo-Amor devia ir para esse mesmo Mercure. Adão tinha-se nutrido da árvore má, Cristo devia nutrir-se da Ira; isto tendo lugar exteriormente na carne e interiormente no espírito.
— O mesmo acontece com a obra filosófica. O Mercúrio é o fariseu que não pode suportar o menino; teme-o; Vênus treme da mesma forma diante do veneno do Mercúrio furioso, e o artista vê o suor deste combate.
— Marte diz: «Eu sou o senhor do fogo no corpo, Saturno é a minha força e Mercúrio a minha vida; quero matar o Amor.» É o diabo na Ira; como não pode chegar a isso, desperta Saturno (a impressão ou o regime deste mundo) e procura atingir Vênus, mas em vão, pois ela é para ele um veneno mortal.
— O Mercúrio pode ainda muito menos suportar que Vênus o domine. Os sacerdotes previam que o Cristo lhes retiraria a sua potência, já que Ele dizia ser o Filho de Deus.
— Mercúrio então inquieta-se a respeito do menino de Vênus; pois esta última está atualmente inteiramente desvelada; mas ele pode fazer o que quiser, ela enfurecerá o dragão, a menos que ele lhe feche a porta; Marte em Mercúrio não compreende isso: eles traspassam o belo menino com as suas flechas envenenadas e agrilhoam-no com Saturno; o artista pode ver como eles cercam a cor de Vênus.
— Marte conduz primeiramente o menino ao Mercúrio (a vida) como ao sumo sacerdote para que o examine e o provar; mas ele quer-lhe mal, não o aprende no seu coração, julga-o pela sua aparência, semelhante à do Mercúrio, mas com uma outra virtude.

— Como, neste menino, vive um outro mercúrio, o precedente não o pode matar; conduz o menino a Saturno, como os judeus conduziram Jesus a Pilatos; mas como este último governa a impressão, ou treva, informa-se não da qualidade do menino, mas do seu regime; ataca-o com esta impressão e retira-lhe a bela veste de Vênus; a esta vista, a Lua esconde-se como os discípulos fizeram, apesar da sua promessa anterior; pois a Lua é inconstante, não tem o coração do Sol no Amor, e Saturno com a sua impressão espinhosa vem sobre o menino com o Enxofre, pai de todas as essências, e sob a veste de púrpura da qual Marte jaz.
— Quando este último, servo do diabo, e Mercure, orgulho próprio da vida, veem que Vênus vestiu a sua veste real (púrpura de Saturno e de Mercúrio, na luz do Sol, avivada pelo fogo de Marte e radiante da cor sulfurosa do Mercúrio), a matéria toma o matiz de Vênus, e o artista deve prestar atenção.
— Quando Marte, Mercúrio e a Lua veem isso, gritam: «Crucifica-o, é apenas um homem como nós, que tomou indevidamente o nosso manto real!» dirigem sobre o menino a sua cobiça venenosa através da veste de púrpura, e o artista percebe este inteiramente vergastado por Mercúrio e Marte, que se apegam a ele por meio de Saturno; o artista verá a coroa de espinhos muito distintamente, enquanto Vênus se deixa fazer com resignação.
— Compreendei aqui como Adão se adornou de um falso amor diante de Deus como se fosse ainda seu filho: assim, era necessário que a cobiça de amor, tomada na impressão da morte, fosse adornada com essa mesma veste enganadora. Cristo, segundo Adão, tomou tudo isso sobre Si, sofreu as injúrias, vestido de uma púrpura irrisória, pois Adão tinha-se coberto da púrpura irrisória da potência do mundo exterior na luz do eu; isto devia ser representado diante da Ira de Deus. A veste branca com que Herodes mandou cobrir o Cristo é o amor frio e falso sob o qual o homem julga ser um anjo. Assim, o homem serve-se da púrpura e da veste branca de Cristo, isto é, dos seus sofrimentos e da sua morte, para delas adornar a sua hipocrisia.
— Cristo devia vencer a falsidade oculta no homem, e Deus colocou-o sob a mesma aparência de Adão: o inocente teve de expiar a falta.
— Na obra filosófica, a maldição da Ira divina que a terra contém deve ser transmutada em Amor. Mercúrio apresenta o menino do Amor a Saturno, e como este último não o pode provar, dá-lhe o manto de púrpura para esconder a marca das varas; envia-o diante do Sol, que o veste da cor branca lunar, sem brilho; o Sol bem desejaria que o menino fizesse explodir a luz dourada que pressente nele; dá-lhe esta cor branca, vinda da liberdade eterna, a fim de que o menino nela acenda a potência do fogo central: ele seria então semelhante ao Sol, senhor do enxofre de Marte e de Mercúrio, mas apenas no mundo exterior como um senhor da Ira.
— Cristo respondeu a Pilatos: «O meu reino não é deste mundo»; a Herodes, nada quis responder, pois as duas vestes eram falsas; como Adão outrora as vestira, Cristo devia suportá-las: eis aí a vergonha do homem, criado à imagem de Deus e tornado um falso rei, como o pobre pecador o reconhece quando concebe o arrependimento.
— Assim, Cristo apresentava ao seu Pai o opróbrio do homem, e acusava-se dele diante dele em lugar do homem. Quando o Pai o percebeu nesta humilhação, rejeitou esta veste; é por isso que Pilatos teve de retirar a Jesus o seu manto e apresentá-lo aos judeus sob o seu verdadeiro aspecto. Mas estes devotaram-no à morte, assim a Ira do Pai devia ser apagada. Pilatos condenou-o, pois não o quis reconhecer como rei.
— Da mesma forma na obra, nem Saturno, nem Marte, nem Mercúrio querem aceitar o menino, pois ele não pertence à sua propriedade. O menino está no seu poder; bem gostariam de se livrar dele, e não o podem; irritam-se como os judeus e crucificam-no

através da matéria. O primeiro prego é Saturno, a impressão ou a Ira do mundo tenebroso; o segundo é Marte, o diabo ou a propriedade da serpente na Ira; o terceiro é Mercúrio, a vida falsa ou a combustão da Ira no Verbo pronunciado da propriedade humana.
— Vênus entrega-se ao Amor e dá a sua vida jupiteriana como se devesse morrer; a força do menino, isto é, a vida mercurial humana, cai sob os golpes dos três assassinos na casa de sua mãe (a essência corporal) onde o noivo aceitou a virgem, lá onde Deus se tornou homem.
— Este desmaio do corpo celeste e do corpo terrestre é representado por Maria e por João ao pé da Cruz [91]; a vida do noivo desapareceu e a Virgem desmaiou Nele; assim se separam a propriedade divina e a propriedade humana, como o artista o pode ver, se tiver a inteligência disso.
[91] Cf. Zhoba, Études tentatives, Paris, 1903.
— Saturno, Marte e Mercúrio penetram, pois, na propriedade de Vênus como a Ira no Amor; e o Amor mistura-se essencialmente na Ira e aí se inqualifica.
— A morte furiosa espanta-se agora diante do Amor que desmaia neste tormento; a essência celeste corre como sangue, até ao terceiro princípio, que é o noivo [92].
[92] O terceiro princípio é o mundo visível, físico. — O Noivo é, portanto, ou a matéria da Obra hermética, ou o Eu humano, a mente, a personalidade. — Robert Fludd, em passagens isoladas das suas obras, e Lopoukhine em "Alguns traços da Igreja interior", sem esquecer o Phil… Inc…, deixaram pressentir estas analogias entre a Vida de Jesus, a regeneração do homem e a Pedra filosofal.
— Este recebe a pérola da Virgem, Deus e o homem tornam-se um; pois o sangue da Virgem vindo da essência divina infunde-se no sangue do noivo, que é o eu; e os três assassinos dão a sua vida à Virgem; assim, o fogo e a vida do cavaleiro elevam-se como a Fúria sai da vida, como a doçura sai do Amor; estas duas essências unem-se na morte; a morte morre no Amor e renasce para a vida divina; pois não é uma morte verdadeira, é um abandono da força e da vontade próprias, uma transmutação. O sangue da Virgem transmuta o humano morto em Deus; a vida do noivo morre e a vida da divindade fixa-se no Nada, que é a sua propriedade.
— Quando vires o sangue vermelho do noivo sair da morte com o glúten branco da Virgem, sabe que possuis o arcano do mundo inteiro; é um tesouro que moeda nenhuma pode pagar, estima-o mais do que todas as coisas mortais; se és nascido de Deus, compreenderás o que quero dizer.
— Eis aí a imagem de Cristo e do procedimento de que se serviu para apagar o pecado e a Ira no homem; não é apenas um sacrifício, sem o que Moisés o teria cumprido; não é um simples discurso como ensina Babel; não, a vontade humana deve entrar com todas as suas forças nesta morte e neste sangue, que é a mais alta tintura; o manto de púrpura que Cristo deve vestir não pode fazer este trabalho, nem tampouco a veste branca dos fariseus mentirosos. As palavras de nada servem; o companheiro deve morrer no sangue de Cristo, deve ser lavado no sangue da Virgem; a vontade deve sair inteiramente do seu egoísmo e entrar como um menino simples na piedade de Deus, segundo o sangue virginal de Cristo [93]; os pecados e o Mercúrio envenenado no seu Marte devem aí lavar-se para que o sangue branco do leão apareça; este leão, que é agora da cor branca saindo da vermelha, é o Mercúrio de vida, o Verbo pronunciado, a alma, antes diabo reinante na Ira segundo as três formas da angústia venenosa, atualmente o Leão branco e vermelho da casa de Davi e de Israel, segundo a aliança da promessa.
[93] A Virgem acompanha sempre o Cristo, tanto no universo invisível como no mineral e no homem; as duas outras pessoas divinas estão igualmente reunidas a Cristo, mas menos

perceptíveis para nós do que o Logos salvador, vivificador e diretor; é por isso que Boehme fala menos do Pai e do Espírito.
— Para contentar o amante da sabedoria, continuaremos até à ressurreição de Cristo. Quando Jesus crucificado derramou o seu sangue divino e humano, e lavou a turba na humanidade, disse: «Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.»
— Quando Jesus venceu a morte e expulsou o eu, não rejeitou a propriedade humana onde estava a Ira de Deus; colocou o reino externo no interno; pois o exterior é um milagre da Sabedoria eterna gerado pelo Verbo pronunciador sob uma forma manifestando a divindade segundo o Amor e segundo a Ira, segundo o bem e segundo o mal.
— Jesus não queria que esta imagem exterior retornasse à harmonia divina, mas que a Ira que, no homem, superara o Amor, desaparecesse, que fosse restituída à liberdade do Bem para que não se manifestasse mais segundo a sua própria qualidade, que fosse uma serva do Amor, que se apagasse em nós que somos criados à imagem de Deus.
— O filósofo notará que quando os três assassinos são lavados no sangue vermelho do leão, não desaparecem, mas a sua fúria é transmutada em desejo de Amor, em Vênus solar; quando o desejo ígneo se introduz no desejo aquoso, a água ilumina-se, pois Vênus é branca e o fogo é vermelho; o amarelo majestoso chega quando o Mercúrio passa à alegria: é a multiplicação; transmuta a sua mãe, prisioneira da morte, em sol; torna o terrestre celeste; a Virgem perde aqui o seu nome, pois deu o seu Amor e a sua pérola ao cavaleiro; este é o leão branco de que fala a Escritura (Apoc., 5, 5), que deve despedaçar o diabo e destruir o inferno.
— Este cavaleiro leonino é andrógino; a Tintura do Fogo e a da Luz devem unir-se, sendo esta o ser ou Vênus, e aquela o espírito ou Marte no Mercúrio; a Ira e o Amor paternos unem-se para constituir o reino da Alegria. Enquanto estão separados na criatura, ela jaz na angústia e na vã cobiça; mas assim que queimam em uma só vontade, a Alegria exala-se daí, e é o Espírito Santo ou vida divina. Sabei que o sangue dos dois noivos se deve misturar, a fim de que morra o leão de fogo que vivia no homem, que o amor da Virgem o transmute em si mesma, e que ela receba do noivo a sua alma. A Virgem tinha desaparecido em Adão, visto que a vontade saíra do Amor e do abandono para entrar num egoísmo de desobediência.
— Aqui, a Virgem retoma a alma, dá-lhe a sua coroa de pérolas e nomeia-a o Leão branco ou cavaleiro. Ó filhos dos homens, abri de par em par no vosso coração as portas do mundo, para que o rei da glória entre, o herói dos combates, que retirou a sua potência à morte, despedaçou o inferno e reconstituiu o paraíso fora deste mundo.
— Ó Sábios pesquisadores! Como abris as vossas janelas? Por que adormeceis na cobiça da multiplicidade que a Ira ainda divide? Entrai, pois, no divino abandono; imediatamente participareis do Céu. Na medida em que sairdes da vossa própria personalidade, a terra será para vós um céu, diz o Espírito dos Milagres, mas não atingireis isso pelo vosso modo ateu.
— Quando Jesus, pela efusão do seu sangue, deu ao Amor a Ira divina no homem, a figura da sua separação estava no Calvário sob a forma do bom e do mau ladrão (Lucas, 23, 39-43).
— Quando a Ira é inundada pelo sangue de Cristo, transforma-se em Amor, e o paraíso é de novo manifesto, pois, quando Jesus tingiu o sangue humano corrompido pelo pecado por meio do sangue virginal do Amor, a Virgem tomou o sexo masculino ou egoidade em si mesma; isso é o Paraíso, e a morada de Deus em nós, de modo que tudo, em tudo, está Nele.

— A mesma coisa se produz na Alquimia. Quando Marte e Mercúrio morrem segundo a impressão tenebrosa de Saturno, Vênus toma-os, infunde-lhes o seu Amor no seu fogo venenoso e abandona-se a eles. Mas como eles são impotentes para agir contra ela, o amor e a Ira transmutam-se em uma só essência; quando esta última se entrega ao primeiro, este diz-lhe: «Tu sairás hoje comigo do fogo da angústia para entrar no Paraíso, serás transformada em mim mesmo.»
— Vênus recebe uma alma: Marte e Mercúrio; o combate cessa, pois a inimizade está apaziguada; o menino resiste ao fogo, pois os seus três perseguidores, Marte, Mercúrio e Saturno, deixam-no: nele, chegaram ao fim da Natureza, onde não há mais Turba.
— Mercúrio em Saturno é muito puro, não tem mais veneno com o qual possa fazer mofo na água, sal de Saturno: o filósofo e o teólogo notarão aqui que a vida paradisíaca é perfeita, sem vacilação, sem cobiça falsa; é um dia perpétuo. O homem paradisíaco é como um cristal através do qual resplandece este sol divino, sem mácula nem defeito, como o ouro.
— Quando Jesus viu que tudo estava terminado, olhou para a sua mãe e para o seu discípulo João e devotou-os um ao outro (João, 19, 26-27).
— É a imagem da sua partida deste mundo, ou da egoidade humana, e do seu regresso para junto do Pai: considerou a sua mãe segundo o exterior e disse-lhe: «Eis o teu filho», mostrando-lhe João; «já não sou o teu filho, pois a minha humanidade externa está transformada no Filho de Deus, e vive não mais aqui embaixo, mas em Deus. Mas como deves ainda ficar sobre esta terra, toma João, no qual a transmutação ainda não está operada; e tu, João, aceita esta mãe.»
— É também a imagem da Igreja cristã sobre a terra: nós, pobres filhos de Eva, devemos passar pela morte, deixar a Ira putrefazer os nossos corpos, enquanto o espírito repousará na morte de Cristo, até à ressurreição universal onde terá lugar a transmutação exterior da carne que se tornará um céu onde aparecerá o espírito dos milagres.
— Jesus ordena aos seus discípulos que se ocupem de sua mãe: ela é a Igreja onde os filhos de Deus nascem segundo o Espírito que os cuida e conduz até que o número da humanidade segundo a carne seja cumprido; nesse momento, o corpo espiritual começará a apodrecer e seguirá Cristo na sua morte e no seu combate contra a Ira; e após ter sofrido a provação, o reino das trevas será separado dele.
— Mas neste tempo, embora o Espírito possa transmutar, que o batismo interior virginal seja possível, o qual engendra o Cristo em nós, como o corpo de Vênus, Adão não é capaz disso, a menos que tenha passado pela transmutação crística que tem lugar na morte. No intervalo, o discípulo de Cristo deve ocupar-se da mãe externa e apascentar os cordeiros segundo o espírito crístico.
— Isto mostra-nos bem que o homem exterior não pode engendrar Deus, pois Cristo separa-se de sua mãe segundo a natureza e dá-a a João, após ter vestido a Natureza eterna; assim, aqueles que honram a mãe exterior de Cristo como mãe de Deus estão errados [94].

[94] Boehme quer dizer, embora exprima um pouco secamente a sua opinião por causa do seu protestantismo, que, na Virgem Maria, há uma criatura humana que, embora perfeitamente e excepcionalmente pura, não tem direito à adoração do homem, não deve ser um Deus visto que a sua alma é humana; e uma entidade espiritual de graça, de cuja real natureza não podemos conceber; é a esta última que se deveriam dirigir as orações dos católicos, embora a massa dos fiéis confunda as coisas e seja iconólatra. Aliás, não nos iludamos: o mistério da Virgem, como o mistério de Cristo, são incompreensíveis para o

homem; os mais altos adeptos, os santos mais puros só podem deles apreender um conjunto muito vago.
— A cristandade é a mãe de Cristo, e João representa os seus pastores. Assim, todos os discípulos de Cristo devem ocupar-se da cristandade, servi-la humildemente e constantemente, cuidá-la, consolá-la, nutri-la pelo espírito de Cristo.
— Enquanto os sacerdotes oprimem a cristandade, dela tirando honras, prazeres e boa mesa; todos esses, seja qual for o nome, não são joanitas, mas fariseus mercuriais e venenosos, nos quais habitam a angústia e a disputa; a sua raiz é a mesma, e só têm um desejo: sobrepujar o seu próximo.
— Nenhuma planeta se assemelha aos outros; têm cada um uma vontade diferente, e contudo no centro do Ser (Lua e Saturno), corporal e animicamente, não são todos senão uma mesma fornada.
— Os servos de Baal, parciais e mercuriais, são esses farisaicos que condenam Jesus nos seus membros; rosnam todos pela Igreja, e nenhum deles quer fazer algo pela pobre mãe de Cristo; são insensatos que, em vez de irem em espírito para o estábulo de Belém, correm como lobos, ursos, leões, raposas ou lebres.
— Vêm de Babel, onde se disputa, onde se dilacera, onde cada um quer reinar pela letra, pela honra, pelo prazer; não consideram que a mãe é uma viúva e que o seu defensor é o Cristo.
— Ó preciosa mãe, deixa correr esses animais, não te ocupes mais deles, toma João, o discípulo a quem ensinarás o amor e a humildade. Ó preciosa mãe, por que te deixas dilacerar pelos leões? Cristo é o teu único esposo, todos os outros são estranhos, a menos que se humilhem diante de ti e te cuidem com um amor filial; embora sejam milhares, nenhum deles vale mais do que os outros, a menos que vão na linha de João, senão, não é chamado por Cristo, é apenas um fariseu, um mercurial, uma raça de víboras, que crucifica Jesus nos seus membros.
— O filósofo notará que lhe é preciso ser também um joanita, que deve usar da mãe, e que a sua obra neste mundo não é inteiramente celeste; não pode manifestar o paraíso de tal sorte que na sua obra Deus apareça face a face; não, fica na mãe, atinge nela o universal, pois ela atingiu-o também, visto que lhe foi dito: «Bendita és tu entre todas as mulheres.»
— O filósofo chega também até à bênção neste vale de lágrimas; pode abençoar o seu corpo corrompido, isto é, tingi-lo e libertá-lo da doença, até à sua constelação mais alta segundo Saturno; para isso, que se guarde da avarícia, senão cairá na turba [95].
[95] A obra alquímica só atinge, pois, o mineral; mas, como se cumpre no plano espiritual da matéria, é influenciada pela emanação espiritual do corpo físico do artista. Este deve, pois, ser moralmente puro, não porque as suas virtudes ajam diretamente sobre a matéria em cocção, mas porque tingem o espírito das células físicas do seu corpo, e é esse espírito que irradia sobre o ovo filosófico, pelas suas mãos, pelos seus olhos, pela sua simples presença.
— Que conheça, por esta figura de João e da Virgem, que na sua obra o reino de Deus e o reino deste mundo permanecem distintos; o reino de Deus está encerrado na mãe, ele deve ser o seu servo e não o seu senhor, deve fazer esmola e não amontoar tesouros; aquele que não quer ser este servo não atingirá isto e não nos compreenderá. O Altíssimo colocou uma fechadura na inteligência da loucura, para que permaneça cega até que se canse de procurar; digo isto segundo o fundo da verdade.
— Quando Jesus confiara a sua mãe a João, voltou de novo o seu desejo para a propriedade humana e disse: «Tenho sede.» Estava sedento dos homens e desejava a sua

salvação para que se tornassem sãos nascendo Nele; e os judeus deram-lhe vinagre e amargor a beber.
— Isto é ainda uma imagem do interno: o nome de Jesus, tendo penetrado na humanidade e tendo-se unido a ela, estava sedento dela segundo o Amor e teria bebido de bom grado a sua água límpida; mas a ira furiosa, acesa na propriedade humana, foi com esta última para a sede do amor; e o amor, após a ter provado, não a quis beber; mas abandonou-se inteiramente a ela, e deu-se essencialmente à ira de Deus em toda a obediência.
— A fúria espantou-se então do Amor, a terra tremeu, pois a morte teve medo da vida. A fúria, despertada no centro, ou primeiro princípio, foi rompidas e saiu da propriedade humana, impelida pela fome da regeneração; do apetite da morte elevou-se o apetite da vida, o Amor tingiu a Ira e a cobiça ígnea para a impressão tenebrosa tornou-se um desejo da vida.
— Compreendei bem isto: Deus o Pai, que dera ao gênero humano o seu coração bem-amado como ajuda, estava sedento do homem que continha o Verbo da sua potência; e o desejo no homem, ou coração do Pai, desejava o Pai; o Amor, essência da Luz, buscava a essência do fogo. Em Adão, esta essência do fogo ou da alma saíra do Amor em que consiste o Paraíso; em consequência, a Luz ou o Amor ou a vida vegetativa, o verdor celeste morreu e o mundo terrestre nasceu.
— Então, o Pai conduziu a alma, entrada em Sua fúria e manifestada em Sua ira, para o Amor, imagem desaparecida do paraíso. O mundo tenebroso tremeu diante do raio produzido pela entrada do Amor na morte; e este estremecimento de alegria penetrou os cadáveres dos justos de Israel que tinham esperado o Messias, e despertou-os da morte.
— Esta explosão rasgou o véu do Templo que ocultava a presença de Deus, e diante do qual eram oferecidos os sacrifícios como figuras da visão final de Deus manifestado no gênero humano. As pré-figurações foram despedaçadas, Deus tornou-se visível e o tempo uniu-se à eternidade.
— Tudo o que os judeus fizeram a Jesus foi uma imagem do que se passou interiormente entre Deus e o homem, entre o eterno e o temporal.
— O fel e o vinagre representam Mercúrio no enxofre de Saturno, na impressão, imagem da alma fora do Amor.
— Deus deu de novo à alma esta última propriedade desaparecida, revivida pelo seu Verbo em Maria e recolocada no centro ígneo tenebroso da alma, para aí produzir uma vida beatífica, paradisíaca. Aqui o cavaleiro zombou do inferno anímico dizendo: Morte, onde está o teu aguilhão? Inferno, onde está a tua vitória? na fúria da angústia envenenada segundo o Verbo pronunciado ou Mercúrio. Morte, eu sou a tua morte; inferno, eu sou o teu vencedor, tu serás o meu servo no reino da beatitude, acenderás com a tua fúria a chama do Amor e serás a causa do verdor no paraíso.
— Damos, por conseguinte, ao filósofo uma vista profunda sobre a Natureza, se quer procurar e manifestar a essência apagada da terra prisioneira na morte da maldição. Se quer rasgar o véu do templo que lhe oculta o tabernáculo, ser-lhe-á um trabalho sério [96].
[96] Contudo, o método alquímico de que se fala em todo o curso desta obra é apenas o trabalho do fogo físico sobre uma matéria escolhida e com as precauções convenientes; este método pode ser mal empregado; e, além disso, há outros meios de transmutação, mas que são ainda menos lícitos do que esse; por isso só os mencionamos por memória.
— E da mesma forma que o Amor e a Ira se uniram na humanidade de Cristo, o Mercúrio venenoso, no Enxofre de Marte e de Saturno, dá o seu mênstruo assassino, o maior veneno das trevas, à propriedade de Vênus; quando Vênus está sedenta do fogo do Amor, entrega-se a este veneno completamente, como se morresse; daí vem, na obra, que a

matéria aparece negra como um corvo; da mesma forma, vê-se que quando Cristo morreu, o sol se velou e grandes trevas se espalharam (Lucas, 23, 45).
— Pois quando o sol interior se entregou à Ira, o sol exterior, que recebe do primeiro a sua força e a sua potência, não podia mais brilhar; pois a raiz de onde vem o seu brilho entrara nas trevas, neste mundo, para as recolocar na Luz e fazer do Lugar de aqui embaixo um paraíso.
— O Sol externo teve, pois, de se esconder, como fazia o Sol universal, da sexta à nona hora, lapso durante o qual Adão, adormecido, fora, pela cobiça, ao Centro da Natureza eterna, lá onde o Amor e a Ira se separam, para provar o fogo frio consumidor: mas este apanhou-o e inqualificou-se nele [97].
[97] Inqualificar: operar na essência, mover, provocar à geração, ou engendramento, ou crescimento; procriar, engendrar, ou dar à luz em espírito.
— Este número das três horas, segundo a Trindade, pré-figura os três dias passados no sepulcro, segundo a humanidade. Adão, quando era ainda a imagem de Deus, andrógino, permaneceu quarenta dias no Paraíso sem vacilar; quando caiu, esteve quarenta horas no sono, enquanto Deus extraía dele a mulher.
— Israel foi tentado 40 dias no Sinai, quanto à sua obediência; e Deus deu-lhe a Lei da sua aliança, como espelho das suas promessas. A tentação do corpo durou 40 anos durante os quais só recebeu o maná; e como o corpo não pôde resistir, Josué conduziu-o para os sacrifícios, imagens do cumprimento final. O Cavaleiro lutou 40 dias no deserto e soube conservar o estado primitivo de Adão no Paraíso; e as três horas de trevas no Calvário são as três horas durante as quais o diabo tentou o Cristo.
— Por outro lado, as 40 horas passadas no sepulcro são os 40 dias de Adão no Paraíso, e os 40 dias de Moisés sobre a montanha, e os 40 anos no deserto, e os 40 dias decorridos entre a Ressurreição e a Ascensão são a mesma coisa: Quando o Cavaleiro recobrou o estado de Adão, a alma na propriedade humana foi tentada 40 dias contra a obediência e o abandono à vontade de Deus, a fim de que possa tornar-se uma imagem perfeita da potência divina, na eternidade insondável, segundo o ternário divino.
— O filósofo notará que o ser do tempo está no mesmo caso, visto que o homem é criado dele, como resumo de todas as essências, como imagem do tempo e da eternidade, entre os quais se encontra o seu lugar, como obra de Deus, do qual é o instrumento pelo Seu Espírito.
— É pelo homem que Deus revela o seu segredo, na sua própria qualidade humana, e em seguida pelo gênero humano, produto da mãe de todos os seres no grande mistério, ou alma do grande mundo.
— O homem tem o poder, se permanece na obediência e sob a direção do Espírito de Deus, de mudar a maldição da terra em bênção, na mãe exterior, de a fazer gerar a alegria fora da angústia: pois nada faria por si mesmo, mas a sua vontade trabalha com a sua inteligência para reunir as matérias análogas, onde a vida e a morte estão em face uma da outra, observando como Deus uniu o tempo e a eternidade pelo e no Homem-Cristo, com todos aqueles que lhe entregam a sua vontade.
— O filósofo verá no seu trabalho tudo o que Deus fez na humanidade para a recolocar no universal ou paraíso; verá como a fúria devorará a bela Vênus na sua essência espinhosa e pungente, como Vênus desmaiará, como se tornará toda negra pela agonia da fúria: lá estão juntas a vida e a morte na obediência a Deus, imóveis, deixando o Espírito fazer delas o que Quer para as reconduzir na vontade eterna que as criou. O ser retornou então à ordem primitiva, deve permanecer no Verbo fiat, na impressão da potência divina, até ao dia do julgamento, em que Deus mudará o tempo em eternidade.

— Quando Jesus provou exteriormente o fel e o vinagre, e interiormente, pelo amor virginal, a ira furiosa, a sua humanidade disse: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?» o Verbo falante estava mudo então na propriedade humana, o ser recém-nascido, que morrera em Adão e que acabara de renascer em Cristo, clamava para Deus, pois a Ira entrara pela alma na imagem divina e a devorara; é esta imagem que se queixava; Adão deixara-a desaparecer, ela era renegada pela encarnação de Cristo; devia esmagar a cabeça da Ira na alma ígnea e transformá-la em sol; o Verbo falante deixara-a, ela caíra na fúria, e sentia a Ira divina; este Verbo falante conduzia-a então na agonia e daí para a vida solar eterna. Como a vela se consome no fogo e produz ao morrer a luz e a grande vida não sensível, assim da morte de Cristo devia sair o sol eterno na propriedade humana.
— Mas a egoidade humana ou a vontade própria da alma ígnea deve ser afogada no Amor; e a imagem do Amor deve entregar-se à fúria da Agonia: tudo deve cair na morte, para renascer, na vontade e na compaixão divinas, no paraíso segundo o abandono, a fim de que o Espírito de Deus só seja tudo em todos. O olho do inferno deve olhar pelo Amor, a luz sai do fogo e o fogo das trevas nasce do desejo eterno.
— Da mesma forma que Adão transformou a imagem de Deus em uma forma morta e tenebrosa, Deus recolocou esta imagem na luz aquando da morte, como uma flor sai da terra.
— Na obra filosófica, Vênus é abandonada às três formas furiosas que devoram a sua vida; ela perde a sua cor, mas faz morrer as suas formas afogando-as no Amor; a vida é assim a morte da morte; repousam ambas na eterna natureza ou Verbo fiat, e a via divina abre-se diante delas como acontecera na essência, no começo da criação.
— Nesse momento, o paraíso ou Universal estava manifesto e o Amor resplandia através da Ira; Vênus deve tornar-se de novo o olho da fúria; Saturno, Marte e Mercúrio produzem um Júpiter, Marte um Sol e Saturno uma Lua; Marte luz com o Sol fora de Saturno lunar pelo olho de Vênus; todos os sete não fazem mais do que um, o combate está terminado e tudo está cumprido até à ressurreição.
— Jesus disse em seguida: «Tudo está cumprido da obra da salvação humana», depois: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu Espírito.» Aqui, a sua vida inteira entregou-se no desejo do Pai ou vontade da natureza eterna, e a sua vontade própria, o seu brilho criatural reentrou na sua mãe primitiva central, no grande mistério da eternidade de onde a alma saíra. A Vontade própria devia retornar ao fim da natureza para que o eu morra inteiramente, que a Vontade divina seja tudo no homem, seu instrumento.
— O Pai reúne assim o nosso eu em Sua vontade pela morte de Cristo; e para isso tingiu previamente o humano pelo divino, a fim de que a potência da Natureza humana lhe seja um sacrifício de agradável odor.
— O Amor quebrou a morte e rompeu o selo a fim de que a vontade pudesse retornar lá onde estava antes da criatura.
— Devemos todos Segui-lo no Caminho que ele abriu; ninguém pode ver a Deus, antes que Deus esteja encarnado nele, o que acontece pelo desejo da fé; e em seguida a vontade corrompida, encerrada na ira, que floresce na essência terrestre e que frutifica na morte, deve morrer e cair no livre abandono à misericórdia divina.
— A vontade própria chega assim com Cristo ao fim da natureza no grande mistério divino, na mão de Deus, que é o desejo imutável eterno. Assim morre o eu criado, vai inteiramente para o Nada e não vive mais senão em Deus.
— O artista observa do mesmo modo na obra os grandes milagres que opera a vontade natural na força de Vênus; quando julga estar perto da meta, a natureza morre e a sua obra

torna-se uma noite obscura; todas as formas caem do seu centro no fim da natureza; tudo morre, tudo se esfacela em mil pedaços.
— É o mesmo estado que no mistério antes da criação, isto é, a cobiça essencial ou Mercúrio pronunciado deve chegar ao fim do seu eu e entregar-se no Verbo falante.
— A Essência corporal permanece no centro dos quatro elementos até ao julgamento de Deus que reside na morte do centro solar ou compactação de Vênus e de Mercúrio; esta compactação cai na morte e torna-se aí uma potência de Júpiter, um centro de liberdade.
— Aqui apaga-se o desejo do frio e do quente; toda a vontade terrestre e todo o desejo das qualidades mortais aniquilam-se.

Capítulo XII

Das sete formas no reino da mãe; como a sétima forma, solar, é revivificada, à imagem da ressurreição de Cristo
Sumário: O mistério da morte de Cristo: operações da natureza divina e da natureza humana Nele — Como essas operações devem igualmente ter lugar em nós — Relações entre Adão, Jesus e o pecador — Plano geral da marcha da humanidade — Indicações analógicas sobre a Grande Obra mineral.
— Se Cristo morreu quanto à sua natureza humana, não se deve pensar que Ele morreu também segundo a sua alma e ainda menos segundo a sua essência divina ou tintura celeste. Foi apenas o eu, a vontade própria, as forças naturais, o regime exterior, que reinavam outrora no homem e eram desobedientes a Deus, que Ele entregou nas mãos do Pai no grande mistério.
— Não que tudo isso tenha sido aniquilado, mas o Espírito de Deus devia ser o único a ser a sua vida, e a potência divina a agir sozinha em Cristo; é por isso que Deus resolveu fazer com que o juízo final fosse realizado por Jesus.
— Tudo é efetuado não pelo que há de criatural em Cristo, mas por Deus, agindo na criatura, sua imagem, por meio do Espírito eterno dos três princípios, que é a vida de todas as essências em cada coisa segundo a sua propriedade.
— Quando Cristo morreu na cruz, não foi o nome de Jesus, Verbo pronunciado do Amor, forma divina, tingindo a alma, que a morte quebrou: não, isso não pode ser; a eternidade não morre; é o Verbo pronunciado que reside no desejo da pronunciação, o seu fiat, que se transforma em si mesmo e que o seu desejo próprio conduz a uma outra forma diferente daquela a que o Verbo pronunciador o destinara. Foi o que fizeram Lúcifer e Adão ao passarem do abandono para a propriedade: o operário quisera ser o mestre.
— A vida exterior operante e sensível morreu; ela não se tornou um nada, mas caiu no Nada, na vontade e na operação divinas, inteiramente fora da vontade exterior, que é boa e má; não foi mais a constelação no meio dos quatro elementos, mas a natureza do Pai eterno no puro elemento divino.
— A vida humana retornou ao paraíso de onde Adão a fizera sair, assim como o diz o Cristo ao bom ladrão (Lucas, 23, 43). Esta vida, caída na morte de Adão, aí verdejou, como a planta sai da semente, na força do Verbo falante, retornado por graça à essência celeste do homem, e penetrando no centro anímico, no meio da carne, para mudar a Ira em Amor e tingir novamente o sangue corrompido.

— A tintura divina, o sol divino entraram na tintura e no sol humanos, na noite e no sono de Adão; Deus entrou pelo nome de Jesus na humanidade, na pessoa do Cristo, no meio da morte adâmica.
— Adão morreu para a sua egoidade ao mesmo tempo que Cristo; é o nome de Jesus que esmagou a serpente em nós; Cristo entrou na imagem de Adão, que foi assim, pela humanidade de Jesus, o vencedor da serpente; não foi a mesma criatura, mas a mesma qualidade anímica e corporal.
— O primeiro Adão caiu no sono e na morte para o mundo divino; o segundo Adão aprisionou a morte; matou-a e conduziu a vida à liberdade eterna; manteve-se, pela potência divina, na essência do primeiro Adão; é o espírito de Deus pelo Verbo falante que tirou Adão da morte na humanidade do Cristo. Assim, todos os filhos de Adão participam do reino do Cristo e estão compreendidos Nele, em sua carne, sua alma e seu espírito; mas cada um conserva a sua forma criatural na morte do Cristo. Cada um é um ramo, mas só há um tronco que é Cristo em Adão, e Adão em Cristo, o mesmo para todos os cristãos.
— Devo dizer aqui como morri para o mundo em Cristo: Eu sou este Cristo como um ramo é a árvore; mas como ainda vivo, por minha individualidade exterior, devo morrer com o homem exterior, com Cristo, e ressuscitar com Ele. Vivo atualmente em Cristo pela fé, apreendo a sua humanidade e lanço-me em sua morte por minha vontade; assim, o meu homem interior não vive mais segundo o eu, e, abandonado em Cristo, está enterrado em Sua morte.
— Mas como Ele ressuscitou na vontade de Deus, vivo em sua ressurreição; mas o meu corpo terrestre vive da vida terrestre até que entre inteiramente pela morte no abandono e no aniquilamento; então Cristo o despertará por meu homem interior. Da mesma forma que Ele se levantou de entre os mortos, eu, que devo morrer Nele para o terrestre, me levantarei Nele como em meu primeiro pai Adão, pelo nome de Jesus.
— O ramo corrompido pelo pecado que eu sou receberá, por este nome, a seiva e o vigor; por ele, que é uma potência segundo o meu pai Adão, a minha humanidade verdejará e dará frutos para a glória de Deus. O espírito da minha vontade, que está agora na humanidade do Cristo e que vive por seu Espírito, dará por Sua virtude a seiva ao ramo ressequido, a fim de que, no último dia, ao som das trombetas celestes, que são a voz do Cristo e a minha própria Nele, ele ressuscite e verdeje no paraíso.
— O paraíso estará em mim mesmo; tudo o que Deus o Pai é, todas as cores, as forças e as virtudes de sua eterna sabedoria aparecerão em mim como Sua imagem; serei uma manifestação do mundo espiritual divino, um instrumento do Espírito de Deus do qual ele tocará com a minha própria sonoridade que será a sua assinatura; serei a viola do seu Verbo pronunciado, não somente eu, mas todos os meus irmãos, o Espírito de sua boca nos fará vibrar.
— É para isso que Deus se fez homem; a fim de que o magnífico instrumento que construíra para o seu louvor, e que não queria servir ao seu concerto, seja retificado e que o canto de Amor ressoe sobre as suas cordas. A harmonia que se desdobra diante dele entrou em nós. Ele tornou-se o que sou e fez-me o que Ele é; assim, posso dizer que, por meu abandono, tornei-me uma voz da sinfonia divina; me rejubilo com isso com todos aqueles que estão ocupados comigo na obra eterna do louvor.
— Sabei, caros companheiros que fazeis a vossa parte neste concerto espiritual, que tudo o que Jesus fez por Cristo, por sua humanidade e pela minha, Ele o faz ainda hoje em vós e em mim. Ele morreu por minha egoidade e eu morro também para a minha egoidade por sua morte; Ele abandonou-se inteiramente ao seu Pai e o seu Pai o ressuscitou por seu

Espírito, e deu-lhe uma forma real, segundo a Santa Trindade, pela qual e com a qual Deus julgará todas as coisas no lugar deste mundo.
— Deus igualmente ressuscitou o meu espírito e a minha alma em Cristo pelo grande nome de Jesus. Assim, abandonando-me a Ele, não morrerei, visto que Ele morreu por mim; a sua morte, da qual Ele ressuscitou, tornou-se a minha vida eterna; estou agonizante Nele, não há contudo morte Nele, e por Ele morro para o eu e para o pecado. Assim que a minha vontade sai do eu para entrar Nele, morro todos os dias para mim mesmo até atingir a meta do eu e que ele desapareça inteiramente com todos os desejos terrestres; então tudo o que, em mim, se busca a si mesmo, cairá na morte do Cristo, como em sua primeira mãe, de quem Deus o tirou. A minha egoidade será um nada, repousando no abandono como um instrumento do qual Deus se serve conforme Lhe apraz.
— A minha alma e o meu espírito vivem em sua ressurreição e a sua harmonia está em mim segundo o abandono, como diz São Paulo: a nossa cidadania está nos Céus (Filipenses, 3, 20); o seu Verbo, que sou eu, já que não sou mais eu mesmo segundo a minha egoidade, despertará até mesmo o meu corpo morto, que lhe entrego, e o recolocará na primeira imagem, na qual foi criado.
— Vivo em Deus, mas o meu eu não o sabe, já que vive em si mesmo; Deus está bem nele, mas ele não o concebe, e esconde a pequena pérola, que sou em Cristo, por sua humanidade. Assim, falo e escrevo sobre o Grande Mistério, não que o meu eu o tenha apreendido, mas ele grava a minha assinatura por causa do meu desejo que penetra nele. Conheço-me não em meu eu, mas na imagem deste mistério que se reflete em mim por graça, para atrair este eu a si pelo abandono: O mesmo se dá convosco, caros irmãos, em quem este mistério se representou por minha concepção.
— O enxofre, o mercúrio e o sal agem em suas propriedades, pela maldição de Deus; tudo aí se opera segundo a propriedade do primeiro princípio. Se Deus não tivesse criado o sol como deus da natureza exterior, tingindo toda vida vegetativa, seria a impressão da morte no abismo infernal.
— Para que uma coisa possa ser liberta do eu, da morte furiosa, e reintegrada no universal ou perfeição, é-lhe preciso morrer para si mesma, no silêncio do abandono, no fim da natureza. Marte deve perder a sua força ígnea, Mercúrio a sua vida venenosa, Saturno fazer-se morrer, de modo que o artista não veja mais do que a grande treva; então aparece a luz, segundo o que diz São João: «a Luz resplandece nas trevas.»
— As trevas não podem compreender a Luz segundo a sua vontade própria, mas no abandono, o nada radia como a liberdade de Deus, manifestando-se fora da morte; pois não quer nem pode ser um nada; não pode manifestar-se de outro modo senão pelo livre desejo fixo, que é também um nada, visto que não contém nenhuma turba: a fome própria está morta e o desejo da liberdade eterna é a sua vida.
— A mais alta essência moveu-se e tornou-se um ser visível e compreensível; ela se configura saindo de si mesma em direção ao nada, para reproduzir a mesma essência que era antes do tempo; mas como o Verbo fiat cria ainda hoje o ser corporal, ele produz na obra filosófica uma essência fixa e perfeita que sai da morte com uma nova vida, como Deus ressuscitou em Cristo, quando morremos para o eu e nos abandonamos inteiramente a Ele.
— Assim, quando o Mercúrio pronunciado no Enxofre de Saturno abandona a sua propriedade em Vênus, o Verbo fiat o transmuta, segundo o desejo da liberdade. O cadáver levanta-se com um corpo novo de uma bela cor branca, mas que não se pode reconhecer bem porque está velada; a matéria leva muito tempo para se resolver e, quando se torna novamente desejosa, o sol se levanta nela, segundo o Verbo fiat, no centro de Saturno, com

Júpiter e Vênus e as sete formas; é uma criação nova, solar, branca e vermelha, majestosa, luminosa e ígnea.
— Após a sua ressurreição, Cristo percorreu durante quarenta dias o mistério dos três princípios, na propriedade do primeiro Adão, antes do seu sono e antes de Eva; fez-se ver aos seus discípulos, segundo a sua humanidade exterior, e fez-lhes reconhecer o seu corpo. O artista compreenderá da mesma forma que a matéria primeira desaparece na morte da sua vida, que é a Ira furiosa, e ressuscita na essência que era antes da maldição; ela está então fixa ao fogo, visto que está morta para o regime dos quatro elementos e que vive na quinta-essência; não que seja essa quinta-essência, mas nela repousa; o espírito do corpo novo verdeja aí com o seu esplendor, como o primeiro Adão na inocência e na perfeição.
— A nossa humanidade corrompida, cujo Mercúrio se tornara um veneno, foi tingida pelo Cristo, por meio do sangue celeste da Virgindade divina; o abandono levantou-se, o desejo Saturnino, Marciano e Mercuriano morreu no sangue de Vênus, e renasceu na Vontade e no Amor uns.
— O artista notará que a tintura é mais nobre para o homem, neste vale de lágrimas, do que o corpo que dela ressuscita, pois o espírito é a vida da qual o corpo não é senão uma figura.
— O artista saberá que o sangue é a casa do Espírito; isso se reconhece quando a pérola do noivo derrama o seu sangue sob os golpes dos três assassinos, quando o cavaleiro se mergulha nos infernos e o eu humano se rende, quando o leão branco mostra a sua cor vermelha [98]: nisso reside a cura da doença e a morte da morte.
[98] Cf. o Cântico dos Cânticos, passim.
— O corpo material resolve-se em celeste na morte pelo sangue do Amor. A tintura encarna-se e vai-se quando o corpo se levanta no esplendor solar; ela se infunde inteiramente na essência corporal, da qual é o esplendor e a cor; o artista não os pode mais separar, pois estão unidos na quinta-essência, no mistério do Verbo fiat, até à manifestação do Juízo Final. Em seguida, virá o tempo do mar de cristal, diante do trono do Antigo (Apocalipse, 4, 2 a 8).
Breve exposição da obra filosófica [99]
[99] Aquele que quisesse trabalhar no laboratório segundo as indicações abaixo, encontrá-las-á muito vagas: ser-lhe-á preciso então pesquisar nos escritos dos alquimistas propriamente ditos, a menos que uma iluminação especial lhe seja concedida.
— O nosso discurso pode parecer obscuro ao leitor, embora lhe exponhamos Cristo em detalhes; não há que se espantar com isso, não buscamos nem o ouro nem os bens temporais, não queremos induzir o homem em curiosidades indiscretas; dirigimo-nos apenas aos filhos que Deus escolheu para Si, pois chegou o tempo em que a ovelha perdida será reencontrada, não somente quanto ao universal, na matéria deste mundo, mas também quanto às almas.
— Dos dois lados, o processo é breve e único: A árvore divide-se em sete ramos: é a vida. A maldição de Deus abateu-se sobre as sete formas; elas combatem umas contra as outras, maleficiam-se reciprocamente e só se podem pacificar entregando-se todas na morte da vontade própria.
— Mas isso não pode ter lugar sem que a morte entre nela assim como a divindade fez em Cristo para o eu humano, e matou as sete formas da vida humana para as fazer retornar à vida: a vontade foi transmutada em Deus, por Cristo, sol eterno, por meio do abandono. Assim, na obra, todas as formas devem mudar-se em um sol único; permanecem todas as sete, mas não têm mais do que um desejo, cada uma delas dando-se às outras no Amor.

— O artista buscará como matar a morte pela vida pura e como despertar essa vida celeste, extinta e prisioneira na maldição, para que receba de novo o fogo anímico; se chegar a isso, realizou a sua própria grande obra.
— Quando a virgem aceita de novo o seu noivo infiel, este último só tem um método à sua disposição; a imagem celeste de Deus em nós não pode ser restituída sem que o Espírito de Deus a anime a ela própria e se renda com ela no fogo anímico, na fúria da morte, para matar esta última e para afogar a Ira no sangue da essência celeste; e, embora não haja aí separação nem destruição, a fúria morre contudo e muda-se em alegria e em amor.
— A obra do artista não consiste em outra coisa, pois o homem compreende todas as essências do céu e da terra; mas como se tornou terrestre, a maldição que incorreu atingiu também a sua parte terrestre; o céu interior foi-lhe fechado, do mesmo modo que o céu da terra, dos metais, das árvores e de tudo o que servia para a sua recreação.
— A alma da terra, como propriedade do fogo do primeiro princípio, entrou na Ira; o seu céu está aí aprisionado; o artista deve portanto reunir essa alma e esse céu e recolocar a primeira no segundo; para isso, não pode deixar à alma a sua maldade, pois ela não se quer deixar fazer; é o céu que se deve introduzir na alma, para que ela dele se alimente mal grado, bem grado, para que ele aí se deixe morrer, sem que ela se possa dele desembaraçar, por mais violentamente que contra ele se debata, até entrar nele, para o matar, como os judeus fizeram ao Cristo; quando a imagem celeste, extinta, cai assim sob a raiva do assassino infundindo-lhe o seu desejo, este assusta-se com o Amor e eleva-se por esse espanto até à essência celeste.
— Esta última recebe portanto o raio do fogo e dá-se a ele; ele é forçado a alimentar-se dela e a abandonar o centro; a essência celeste é a sua vida como a luz sai do fogo; como um pedaço de ferro, aquecido ao rubro, ilumina tudo conservando a sua matéria, assim o céu desaparecido faz-se ver no fogo mercuriano marciano da alma, e unifica as sete vontades fazendo cessar a sua luta, sem as destruir.
— Isto é um universal que transmuta também o combate das doenças no corpo humano em uma só vontade; quando a raiva das sete formas se acalma, a fome da vontade cessa também: tal é o processo geral. Não tenho a intenção de o explicar mais claramente. Que aquele que não quer buscar por aí como tornar-se um homem regenerado em Deus, deixe os meus escritos de lado.
— Aliás, não os compreenderá completamente e, se não se exercitar sem cessar no abandono em Cristo, não conceberá o Espírito do Universal. Se não ceder a uma curiosidade indiscreta e puser a mão à obra, encontrará sem buscar muito, pois a coisa é infantil [100].

[100] Encontrar-se-á, sem dúvida, que o nosso autor se repete muito; podamos contudo bastantes redundâncias, mas, pensando que, apesar da sua pouca cultura, Böhme tinha julgamento suficiente para se aperceber das suas longuras de estilo, respeitamos as repetições de ideias; elas não deixam, aliás, de apresentar variantes que podem esclarecer o pesquisador: um sinônimo colocado a propósito pode ajudar o intuitivo; e não é certamente sem razão que o nosso autor retorna sem cessar às mesmas descrições.

Capítulo XIII

Do antagonismo do espírito e do corpo e da sua cura

Sumário: Relação do invisível com o visível — As faculdades orgânicas — O ser pensante — Os dois princípios no macrocosmo e no microcosmo invisíveis e visíveis — Nascimento das formas, dos elementos, do óleo, do 7, do 4, do 3 — Cura das doenças.

— O corpo em si mesmo está morto e mudo, ele é a manifestação do espírito que contém e que o assina: o que o espírito é em sua ação incompreensível, o corpo o é visivelmente. Nele, uma das sete formas da Natureza domina as outras, e cada uma colabora segundo a sua força essencial; elas se figuram no corpo segundo a sua ordem, em cada coisa segundo o seu gênero: é a manifestação da sabedoria divina no Verbo pronunciado segundo o Amor e a Ira [101].

[101] Este capítulo é o mais claro de todo o livro: recomendamo-lo vivamente à atenção do leitor.

— Cada coisa possui, segundo a sua qualidade, uma alma que é a semente de um outro corpo; tudo o que vive contém o seu germe; Deus expressou todas as coisas em uma forma por seu Verbo. O pronunciado é um molde do pronunciador e contém o verbo que é a semente de uma outra imagem semelhante à primeira: o pronunciador e o pronunciado operam ambos.

— Em si mesmos: o pronunciador é a eternidade: é o mestre do pronunciado que é o tempo e o operário. O pronunciador produz a Natureza eterna, e o pronunciado é a Natureza temporal; cada um cria em sua concepção duas propriedades: luz e trevas onde reside o elemento essencial que é um no pronunciador e quaternário no pronunciado.

— Em si, o elemento não é nem frio nem quente, nem seco nem úmido; é uma vontade desejosa onde a sabedoria eterna diferencia as cores segundo a qualidade do desejo; nele, não há nem número nem fim; mas, nos quatro elementos, há um número, pois eles se individualizaram no momento da pronunciação e se tornaram um molde do tempo que forma, edifica e destrói.

— Este relógio do tempo consiste em sete formas que exalam um triplo espírito: vegetativo, sensível e racional. O primeiro encontra-se nos quatro elementos, o segundo nas sete formas, o terceiro nas estrelas; mas o entendimento vem de Deus pela eterna Natureza.

— Toda vida, vinda do Verbo pronunciado, consiste em Sal, Enxofre e Mercúrio onde se encontram as sete propriedades da vida deste mundo, o triplo espírito supracitado.

— O Enxofre é a mãe de toda espiritualidade e de toda corporalidade; o Mercúrio detém a sua direção, e o Sal é a sua casa que Mercúrio constrói no Enxofre.

— O entendimento nasce no óleo do Enxofre onde as estrelas derramam os seus desejos, como em sua essência: daí vêm as faculdades sensoriais e mentais; mas a razão sai do óleo elementar no livre desejo do Mercúrio falante.

— É portanto necessário aos pobres filhos de Eva saber a causa da doença, por que somos o nosso próprio inimigo, por que nos torturamos a nós mesmos, que medicamento empregar para curar o nosso egoísmo e para encontrar enfim o repouso. Se alguém deseja buscar isso, dir-lhe-emos de onde vêm o bem e o mal, a dupla vontade para um e para o outro e como são reciprocamente a morte um do outro.

— Se considerarmos a vida mercuriana, vemos que ela consiste no Enxofre; este Enxofre é uma fome árida em direção à matéria e que produz uma impressão severa; esta contém fogo e óleo onde queima a chama da vida. Esta impressão produz o frio; o aguilhão ou atrator em si produz o calor: cada coisa contém portanto um fogo frio e um fogo quente; o frio é duro e sombrio e o calor é luminoso; mas não haveria luz se o óleo do Enxofre não morresse na angústia ardente, como uma vela acesa.

— O enxofre possui portanto duas mortes de onde saem duas vidas. A impressão atrai, encerra, endurece, gela, petrifica e produz uma morte da essência aprisionada, embora o

espírito não seja dela uma morte, mas uma vida ígnea, picante, furiosa, ansiosa e fria, que é a vida das trevas, nascendo com a impressão.
— Por outro lado, desta mesma angústia vem o fogo quente que consome a essência produzida pela fria impressão do desejo em direção à Natureza. O combate entre o quente e o frio perpetua-se portanto no fogo e o frio deseja a vida segundo a sua qualidade e buscando-a ele se acende; o calor tira-lhe a sua força e consome-lhe a essência, mas o espírito ígneo não pode durar se não tem mais alimento, de sorte que deve morrer sem cessar na angústia; enquanto pode consumir a essência do frio, vive, sendo contudo destruidor, e a sua ignição é a maior apetência em direção ao ser; ela atravessa então de lado a lado a agonia do fogo e dirige-se para o Nada. Mas não pode aí permanecer, não pode ser um nada; o desejo deste espírito ígneo leva-o em direção à sua mãe, o fogo; mas como morreu uma vez por ele, é invulnerável ao quente e ao frio, sai assim do fogo e nele reentra sem cessar, é a vida do fogo, o espírito chamado, segundo o fogo, vento moderado, por causa da sua força, e fora do fogo: ar moderado, por causa da sua doçura.
— O óleo que, morrendo no fogo, lhe dá o esplendor é a sua vida verdadeira; pois o que sai da agonia ígnea é o desejo da doçura, nascido da vontade primitiva quando o Nada eterno se introduz em um desejo.
— Este desejo passa através da dupla morte fria e quente para retornar à liberdade após ter-se manifestado como princípio pelo fogo, na impressão severa; não se tornou nem o quente nem o frio, mas manifestou-se por eles.
— Visto que o desejo eterno se introduziu na Natureza, não pode morrer nem no frio, nem no quente, dos quais não procede, mas no Nada. Após ter agonizado no fogo, torna a ser um desejo e imprime-se, pois adquiriu no fogo a impressão.
— Apesar disso, não pode conceber senão uma essência análoga a si mesmo: segundo a impressão tenebrosa, será água; segundo a impressão ígnea, será óleo; e segundo a impressão fria, inteiramente aprisionada na dureza pela fúria, será terra.
— A cobiça ígnea engendra perpetuamente essa água, esse óleo e esse ar e devora-os, de sorte que o espírito do fogo toma uma aparência por meio desses três produtos, pois o Nada não deseja outra coisa senão a potência e o esplendor.
— O espírito que sai da ignição do óleo, como uma luz, dá o entendimento e a compreensão: vem do Nada, foi o desejo em direção à Natureza, passou por todas as propriedades desta por meio do frio e do quente, apareceu na luz após ter sofrido a morte ígnea, e reside de novo no Nada.
— É uma pedra de toque de todas as qualidades, pois todas o engendraram; é como um nada e possui tudo, atravessa o frio e o quente e nenhum deles o apanha: vê-se, com efeito, que a vida criatural habita no frio e no quente e a vida verdadeira não é contudo nem fria, nem quente.
— Compreendei bem que, segundo a eternidade, essa geração é espiritual, mas segundo o tempo, é material; não posso dizer de Deus que Ele consiste em treva ou em fogo, em ar, em água ou em terra; mas por seu desejo, Ele concebeu-se pelo tempo, no lugar deste mundo, em uma essência à qual deu qualidades por meio do Mercúrio pronunciante e por meio do Verbo pronunciado, produziu formas segundo as propriedades do desejo da Natureza eterna ou verbo fiat.
— O Verbo pronunciado, qualidade da Natureza eterna, é o Enxofre, contendo a óctupla/séptupla roda da geração, que no espírito, conceito primitivo da Natureza, é uma constelação; ela divide-se de si mesma em sete qualidades, depois em quatro elementos.
— Esta constelação é um caos, corpo primitivo espiritual onde tudo está oculto. A roda séptupla é o primeiro arranjo do caos, o seu corpo, o seu entendimento; este corpo

igualmente espiritual manifesta o primeiro. O terceiro corpo é elementar, visível, perceptível e contém os dois outros.
— O primeiro corpo é o Verbo pronunciado do conceito eterno; possui a sua linguagem que é a roda mercuriana das sete formas, no Enxofre; profere os quatro elementos.
— Antes do caos [102], o desejo da eternidade no abismo concebe em si mesmo a vontade de se manifestar: é Deus. A vontade concebe um desejo: é o caos, primeira constelação, onde reside a Natureza eterna, que, desejando por sua vez, se forma em sete modos e manifesta assim a sabedoria eterna, oculta no caos; o elemento é concebido pela cobiça na roda mercuriana; é o corpo espiritual da vida mercuriana.
[102] Compare-se com a teogonia de Hesíodo e a dos Puranas. Veja-se também a teoria taoísta do «Céu» (Matgioi, La voie métaphysique).
— Tudo isto é duplo. A cobiça produz, pela impressão em si mesma, as trevas onde se encontra a poderosa força da combustão da Natureza: é a dor. O desejo livre produz em si, pela combustão da cobiça, a luz e o borbulhar. A luz é potência e esplendor e o elemento é o seu corpo ou essência espiritual; assim, a cobiça ígnea é uma alegria na liberdade e um tormento nas trevas.
— O homem foi extraído de todas essas essências, à imagem de Deus. Foi criado sob o regime do elemento; a roda mercuriana do enxofre, que girava na luz e no desejo livre, quis ir mais longe nos quatro elementos, no centro das trevas, de onde nascem o quente e o frio. Em primeiro lugar, o seu desejo estava dirigido em direção à liberdade divina no elemento; abandonava-se a Deus e o desejo livre do Amor o governava; ele saiu daí para criar no centro da natureza uma vontade própria de onde nasceu a dor, quente e fria, adstringente e amarga, com todas as qualidades da impressão tenebrosa.
— Ele caiu desde então em uma agonia eterna; o homem foi envenenado pela luta recíproca das formas desta roda mercuriana. O desejo livre apagou-se nele, com o elemento puro ou corpo divino; os quatro elementos do sofrimento externo saíram daí; a imagem de Deus foi amaldiçoada, isto é, a vontade de amor que a regia fugiu; o homem caiu sob a potência da Natureza; e como os quatro elementos têm um começo e um fim temporais, o corpo humano, tornado terrestre, deve retornar a eles e aí corromper-se.

— Vamos ver qual é a sua cura, como o libertar da morte, como o recolocar no elemento puro e o seu espírito sob a dependência da vontade divina.
— Não se encontrará outro método senão o de retornar em espírito à vontade originária que o tirou na origem do caos sob a forma de uma imagem deste último; — de fazer sair o nosso espírito, insuflado na imagem criada pelo espírito divino, do seu eu, da sua vontade criatural; de morrer para esse egoísmo interno pelo qual vive, segundo os seus desejos pessoais, da vida elementar exterior; de lançar-se inteiramente na vontade e na compaixão divinas, de modo que não seja mais ele quem viva e queira, mas Deus, e Sua vontade originária que se manifestou criando-o à sua imagem. Então, reencontrará o seu lugar primitivo na primeira constelação, ou o caos.
— O eu luta contra este procedimento e não quer, por nada neste mundo, morrer para a vontade exterior dos astros e dos elementos; em consequência, é preciso dar à vontade interior do espírito um alimento divino, a fim de que não deseje mais o exterior, que quebre sempre a vontade do eu terrestre, até que este último se deixe livremente morrer com o seu corpo; deste modo, o corpo desaparecido, formado do elemento puro, tornar-se-á de novo a casa paradisíaca do espírito, após a alma ter aí aceso o archote da vida verdadeira segundo o espírito de Deus.

— Se a vontade própria da alma pudesse fazer isso, se pudesse quebrar o seu eu, morrer voluntariamente para si mesma e tornar-se um nada, a vontade divina (que é o desejo eterno em direção ao caos anímico ou o Mercúrio eterno) animaria de novo a sua imagem pura, ou vida virginal, dar-lhe-ia por graça a corporalidade celeste do elemento puro para dela se nutrir, e a água dessa mesma Tintura da vida eterna para dela se dessedentar; é com esse fim que a vontade divina tomou uma forma humana e se ofereceu de todo o seu desejo a todos os homens; se a alma morre em seu eu, se dirige a sua fome em direção à misericórdia, pode provar desse alimento pelo qual se tornará de novo a criatura do Amor.
— Consideremos como vive a pobre alma presa nas necessidades e nos cuidados da vaidade, na ira de Deus. O corpo terrestre vive na mesma pena, até que a alma, por meio do elemento puro, o dominar e reduzir à impotência o seu regime exterior astro-elementar, na roda mercuriana envenenada, segundo a impressão tenebrosa, a fim de que não resista ao Universal [103]. Ele deve, enquanto o interno penetra o externo e o tinge, permanecer no repouso. Não há perfeição na Tetrasomia [104] até que o corpo seja transmutado no elemento puro: é preciso que ele retorne àquilo de onde os quatro saíram.
[103] É toda substância uma que, na origem de um plano vital, se diferencia para povoar esse plano. No mineral, é a matéria primeira; no mundo, é a matéria cósmica primitiva; no espírito, é o Paraíso.
[104] Os quatro elementos do hermetismo.
— O plano destes quatro elementos não é senão vaidade dolorosa; a alma apaixona-se nele pela constelação externa, que penetra nela e aí produz uma imaginação falsa; a roda mercuriana envenenada faz nascer a doença no corpo; a alma deve curar-se pela perfeição interior, que é o Verbo pronunciante, por quem ela repousa em Deus, e que só pode tingi-la. O Corpo terrestre deve ser tratado pelo Mercúrio pronunciado [105].
[105] Segundo a língua da natureza, língua de revelação, é Marcurius que se deveria dizer antes do que Mercurius.
— Como o Mercúrio exterior está também na maldição da roda venenosa, deve ser tingido com a sua própria luz, em sua primeira mãe, no corpo do enxofre. A sua fome própria deve ser quebrada, pois é inimiga, e substituída por uma fome de amor.
— Para saber como isso se produz, estudemos a geração do enxofre, de onde vêm a alegria e a dor; pois nada mais pode ser oposto primeiramente ao Mercúrio venenoso, e nada lhe pode resistir senão Sua mãe, em cujo corpo ele repousa. Da mesma forma que nada pode vencer o frio senão o calor, que é contudo a filha do frio, assim, não se pode opor ao Mercúrio venenoso senão o seu próprio filho, que ele procriou no seio de sua mãe pelo quente e pelo frio; assim, o Amor filho de Deus pode só resistir à Ira divina e tornar o Pai misericordioso; o mesmo se dá no Verbo pronunciado ou Mercúrio.
— Não que se possa matar o veneno frio do Mercúrio com fogo ordinário; a medicina deve ser da mesma natureza que o mal; mas é preciso primeiramente libertá-la da fúria fria e banhá-la na doçura; então, ela pode apaziguar a fome da cobiça fria na doença física.
— Se se despeja calor aceso sobre o frio aceso, este último assusta-se e entra em agonia; nessa morada da morte, o calor torna-se uma vida venenosa, um aguilhão de angústia, e a Roda mercuriana cai em uma tristeza, em um ressecamento onde afunda toda alegria.
— A vida deve conservar os seus direitos; o quente e o frio devem poder coexistir em uma mesma essência, sem que nenhum dos dois se irrite ou se enfraqueça: é preciso que permaneçam unidos na mesma vontade.
— O frio não pede calor, mas frio; toda fome reclama um alimento análogo à sua natureza; embora se a fome do frio é imperiosa demais, não lhe se deve dar de novo ainda frio, mas enfraquecê-la, a fim de que não seja mais do que como a sua própria mãe, não segundo a

fonte [106] venenosa, mas segundo a alegria: a doença ou o veneno da angústia é então mudado em uma alegria semelhante.

[106] Fonte, em alemão, Quelle, encontra-se escrito por Böhme, nos manuscritos, de três maneiras: Quall, é a fonte fecundadora, luminosa, doce e beatífica. Quahl, é a fonte tenebrosa e dolorosa. Quaal, é a fonte mista na Natureza exterior. Estas diferenças não foram respeitadas pelos impressores.

— É então que a vida retoma a sua propriedade primeira. Não é o corpo bruto que recebe a Cura, mas o seu óleo, bonificado pelo princípio de Amor que contém, isto é, pela essência doce análoga. Pois as sete formas da Natureza não são senão uma no Centro; o óleo deve portanto circular através da roda, até entrar em seu mais forte desejo de Amor; a cura está pronta então; não há coisa tão má que não tenha do bom em si, e esse bem resiste ao seu mal.

— É esse bem que resiste, na doença, à fúria acesa no corpo; quando o poison frio aí se eleva, o bem cai e permanece inativo enquanto não encontra uma essência semelhante para se reconfortar; a fúria consome-se a si mesma, depois cai também, e o corpo morre. Mas se se pode restabelecer uma harmonia, ele retoma forças, e a fome mórbida cessa.

— Por conseguinte, o calor não deve ser tratado pelo frio, mas por um outro calor liberto previamente da fúria e recolocado em sua mais alta alegria, a fim de que esse calor medicinal não qualifique [107] nem no quente, nem no frio, mas em seu próprio desejo de amor; o calor do coração será arrastado em direção a esse mesmo desejo. Toda corrupção orgânica vem do frio; quando o Enxofre está aceso demais, a propriedade do frio morre.

[107] Opere essencialmente, evertue; leve a frutificar.

— Mercúrio é em toda coisa a vida movente; a sua mãe é o Enxofre onde residem a vida e a morte segundo a revolução da roda mercuriana. Há no enxofre fogo, luz e trevas; a impressão [108] dá as trevas, o frio, a dureza e a grande angústia; dela nasce o Mercúrio, que é o aguilhão do atrator em si, a mobilidade, a inquietação; é um fogo frio e sombrio, segundo a frieza da impressão; é um fogo consumidor segundo o aguilhão da angústia; é uma dor quente e fria, uma exasperação venenosa destes dois contrários, torbilhando como uma roda; produz contudo o movimento, a vida; mas é preciso libertá-lo da angústia e levá-lo, através da morte, até à alegria.

[108] A atração dura e concentrada.

— Toda doença vem de que o Mercúrio queimou demais no frio ou no quente a essência ou a carne que atraíra a si por seu desejo, em sua mãe o Enxofre. A terrestridade consiste em água e em carne. A matéria bruta da terra e das rochas não é senão um Enxofre calcinado e uma água segundo a propriedade mercuriana cujo Salniter [109] foi queimado no estalido do torvelinho mercuriano: todos os sais vêm daí, assim como os maus odores e os maus sabores.

[109] Salniter, ou Salitter fisicamente, o salitre; espiritualmente, a raiz ígnea de todos os sais, tanto físicos como invisíveis.

— Se o Mercúrio qualificasse no óleo sulfuroso de modo a poder atravessar a impressão da morte pelo quente e pelo frio, a terra tornar-se-ia de novo um Paraíso [110] e o desejo de alegria verdejaria através da angústia da impressão.

[110] O jardim onde verdejam as forças celestes antes da maldição ou após o seu anulamento.

— Quando Deus amaldiçoou a terra, o amor dela se retirou, a roda mercuriana foi despojada do bem que havia nela, isto é, desse desejo de amor, que nasce da liberdade eterna, que se manifesta por essa roda em frio e em quente, que sai com o fogo e produz a luz.

— Este Mercúrio, amaldiçoado, permanece presa da angústia do frio e do quente, em sua mãe sulfurosa, e aí produz, no borbulhar salnítrico, sais à sua imagem, segundo o modo como vive em cada lugar e em cada corpo; esses sais são os sabores das sete propriedades.
— Se este Mercúrio está aceso demais no frio, dará um sal frio, duro, roedor, produzindo as trevas, a melancolia e a tristeza no fogo vital; pois tal é o sal, em cada coisa, tal é o esplendor do seu fogo e a sua qualidade de vida.
— Se o Mercúrio sofreu um calor excessivo, consome o frio, engendra uma raiva e uma picada, segundo a impressão, que aquecem o enxofre e ressecam a água; a sua fome, não encontrando mais alimento, engendra um sal venenoso que torna o corpo doente.
— Mas se pode recobrar a sua identidade, tal como no começo, no centro de sua mãe o Enxofre, quando veio à vida com as duas tinturas [111] macho e fêmea, é liberto de toda angústia e retorna à harmonia do frio e do quente. E se é verdade que os gêmeos se combatem desde o ventre de sua mãe, não começaram contudo senão após terem recebido a vida. Em sua aurora, a vida está em sua mais alta beatitude, pois as portas dos três princípios lhe estão abertas em toda igualdade, mas a luta vem logo em seguida entre as luzes e as trevas.
[111] Deve-se ter compreendido já que Böhme distingue várias Tinturas. Não é nem o elemento puro, nem o espírito, nem o Espírito Santo, nem Deus. No mineral, ela está encerrada na quinta-essência do Enxofre; produz o metal e a flor. Na alma, ela é ígnea no homem e aquosa na mulher; é o corpo da alma, o sangue do Cristo, Sophia. No corpo humano, está oculta no sangue. Cada um dos três princípios tem uma Tintura que tem as suas correspondências em toda a escala dos seres. Quanto mais uma criatura é venenosa, mais a tintura que encerra é alta; mas todas as tinturas provêm de uma só, que está colocada entre todos os princípios e que não se pode compreender sem ser regenerado.
— Busquemos o que se poderia fazer ao Mercúrio da matéria quando, aceso no frio ou no quente, engendrou a doença. Seria muito útil possuir o verdadeiro remédio, mas permanece oculto por causa da maldição da terra e dos pecados do homem que despertou, por seus desmandos, o veneno em seu Mercúrio interno. Os pobres prisioneiros precisam contudo de um alívio, e visto que se pode atingir o sublime Universal que atacaria o centro e reconduziria a roda da vida à sua primeira propriedade, cumpre-nos utilizar o fruto da fermentação mercuriana da terra; o corpo humano tornou-se terrestre, é preciso buscar-lhe uma concordância, um sal semelhante à combustão salina que o afeta; segundo o Enxofre aí queime no frio ou no quente, na melancolia ou na febre, se é calcinado ou corrompido, é preciso escolher um vegetal ou um sal análogo; a fim de que o frio ou o calor estranhos, que se lhe administram, não se assustem no salniter, e, produzindo um sal mórbido, não reforcem a doença.
— Mas não é suficiente tomar o remédio ao estado bruto, onde o borbulhar terrestre no-lo oferece: ele poderia então não dominar a raiz do Mercúrio no Enxofre, mas ao contrário excitar ainda mais a sua combustão na mesma pena.
— Aquilo a que queres que o corpo resista, desembaraça disso o remédio de que te serves. Uma decomposição orgânica pede um Enxofre fétido como medicamento, frio ou quente. O grau ao qual o Mercúrio está aceso ou gelado, aquela das sete formas na qual se encontra, aquele dos sete sais que queima indicam o sal análogo que é preciso escolher.
— A doença é uma fome que só quer comer o que lhe é semelhante. A raiz da sua vida é a qualidade que recebeu na alegria, em sua criação; a doença não é senão uma combustão exagerada que lhe destruiu a harmonia; assim, a raiz deseja a harmonia que a combustão

lhe fez perder; se essa combustão é mais forte do que a Natureza, é preciso apaziguá-la dando-lhe o seu semelhante.
— Mas como Deus nos cura por seu amor e deu de novo a saúde às nossas almas que queimavam no Mercúrio envenenado de Sua ira, esse medicamento semelhante deve ser primeiramente purificado, desviado da roda mercuriana e aliviado do quente e do frio sem disso ser separado, o que não seria útil. Introduzido desse modo em sua mais alta alegria, determina no corpo doente, no Mercúrio do Enxofre e do Sal, uma propriedade análoga; a raiz da vida aí repousa, eleva o seu desejo primitivo e a fome da combustão desaparece assim.
— O médico deve saber como reconduzir o seu medicamento à harmonia, sem lhe infundir uma propriedade estranha; isso assemelha-se ao modo da vida humana; para que retorne ao seu posto, é preciso saber como era originariamente em sua mãe, pois nenhuma coisa pode elevar-se mais alto do que o centro oculto de onde foi generada.
— Se se quer contudo fazê-la subir mais, é preciso dar-lhe uma qualidade nova, mas então, ela perde o seu direito de natureza em quem residia a sua beatitude, e não pode mais operar nada de válido [112].
[112] O alquimista ou o espagirista faz portanto mal à Natureza, em vez de a aperfeiçoar como pretende, se não conhece a fundo a raiz real das matérias orgânicas ou inorgânicas que manipula. As essências metálicas aperfeiçoam-se lentamente, segundo a sua lei, no seio da terra; o homem pode apressar essa evolução, mas em uma medida muito mínima, embora o artista presunçoso creia o contrário.
— É por isso que não há nada melhor do que deixar cada coisa em sua virtude nativa, substituindo esta como diretora, pela transformação da sua qualidade colérica na alegria correspondente; a sua harmonia é então bastante poderosa, sem outra immixtão. A raiz vital não busca uma multiplicidade, mas uma semelhança, para poder residir, viver e queimar em sua potência particular.
— O Todo-Poderoso deu a todas as coisas segundo a sua propriedade uma perfeição fixa, pois tudo é bom, segundo o que diz Moisés (Gênesis, 1, 31). Mas a turba veio com a maldição e as qualidades caíram no combate do Mercúrio; mas em toda planta, em tudo o que pode nascer na fermentação dos quatro elementos, está oculto um fixo; pois todas as coisas saíram do elemento eterno, onde não há nem combate, nem quente, nem frio, mas uma proporção igual de todas as propriedades, em um concerto de amor paradisíaco: tal era o verdejar neste mundo antes que a terra fosse amaldiçoada.
— As criaturas encerram ainda esse paraíso; ele pode ser aberto pela inteligência e pela arte, e a virtude primitiva pode vencer o mal ulterior. Se os homens não quisessem conservar em próprio a potência, a misericórdia de Deus desceria em nós e abriria de novo o conceito do Paraíso.
— Deus deu-nos o poder de nos tornarmos seus filhos e de governarmos o mundo; por que não superaríamos a maldição da terra? Ninguém deve ter isso por impossível; basta uma compreensão divina, que florescerá no tempo dos lírios e não no de Babel, para quem não escrevemos, aliás.

Capítulo XIV

Da roda do enxofre, do mercúrio e do sal, da geração do bem e do mal; como eles se transformam um no outro e se manifestam um pelo outro, permanecendo na primeira criação do milagre de Deus, para a sua manifestação e a sua glória

Sumário: Explicação detalhada da gênese das sete formas na Natureza eterna e nas Natures temporais — O mineral — As fomes de cada uma das sete propriedades — O elemento um — O desgosto — A sua cura.

— Cada um diz: mostra-nos o bom caminho. Querida razão, tu deves tornar-te tu mesma o caminho, o entendimento deve nascer em ti, eu não posso fazer nada mais; é preciso que busques para que o entendimento te seja aberto; eu descrevo, segundo o espírito da contemplação, a gênese do bem e do mal, e abro a fonte; cabe àquele a quem Deus predestinou fazer jorrar a água; eu só posso mostrar como gira a roda da vida.

— Ao tratar do Enxofre, do Mercúrio e do Sal, não pretendo falar senão de uma única coisa, espiritual ou corporal; todas as criaturas são essa coisa única [113]; mas as propriedades a diferenciam quando falo de um homem, de um animal, de uma planta, ou de um ser qualquer, tudo isso é a mesma coisa única.

[113] Cf. Tábua de Esmeralda, especialmente no Amphitheatrum de Khunrath.

— Tudo o que é corporal é uma mesma essência, plantas, árvores e animais; mas cada um difere segundo o modo como, no começo, o Verbo fiat nele imprimiu uma qualidade. Tudo se reproduz de modo semelhante, segundo a sua semente, e não há nada que não tenha um fixo em si, oculto ou manifesto, pois tudo deve dar testemunho da glória de Deus.

— O que provém do fixo eterno, como as almas dos anjos e dos homens, permanece imutável. O que provém do movimento temporal retorna à mutabilidade de onde tomou nascimento, e é dela um molde como o reflexo inanimado em um espelho. O que vem da eternidade foi conduzido pelo Altíssimo à vida natural concebível para que possamos contemplar as maravilhas da Sabedoria na essência criatural.

— Consideremos a mãe única; ela produz a multiplicidade inumerável; ela engendra na vida e na morte, no bem e no mal; todas as coisas devem retornar ao seu princípio, ao lugar de onde partiram: o mistério deste retorno é a morte.

— Nenhuma coisa pode retornar ao seu lugar primitivo, tal como a sua mãe a engendrou em sua raiz, sem que morra nessa mãe; ela está então, de novo, no Verbo pronunciante fiat, como antes de ser corporal.

— Tal é a origem das coisas; não se pode dizer que este mundo proveio de alguma coisa; ele é uma cobiça vinda da liberdade onde se espelham o abismo, o bem supremo, a vontade eterna; esta última tomou essa cobiça, imprimiu-a, figurou-a e corporificou-a, em corpo e espírito, segundo esta ou aquela forma; assim, as possibilidades tornaram-se uma Natureza.

— Esta impressão é a única mãe da manifestação do Mistério; chama-se-lhe Natureza ou essência [114], pois ela realiza o que existe na vontade eterna de toda a eternidade. Na eternidade, encontra-se uma natureza, uma alma de volição, mas apenas como um espírito, e as suas potencialidades permanecem no espelho da vontade ou Sabedoria eterna [115]. Lá, todas as coisas deste mundo diferenciam-se em dois centros, um de fogo e de luz, o outro de trevas e de essências; o movimento da vontade eterna em tudo isto entrou pelo desejo, em um mistério manifesto, e introduziu-se em uma possibilidade visível.

[114] Traduzimos por ser, ou essência, o que Böhme chama Wesen ou Ens. Cada plano do omniverso é para ele uma natureza, e ele conta além disso uma, antes de toda criação: a

Natureza eterna. De sorte que, quanto mais uma criatura está longe do centro, próxima da matéria, mais ela é complicada, mais contém naturezas.

[115] Cf. sobre a Sabedoria unida ao Verbo, o livro de Salomão em primeiro lugar, os de Suso e de Khunrath; a aproximar da Sakti brahmânica. Böhme chama Sophia a emanação individualizada dessa Sabedoria na alma humana.

— Tal é a essência pronunciada, tal como sai da eternidade, para entrar no tempo; ela consiste nas três formas do Enxofre, do Mercúrio e do Sal; elas não estão separadas; é uma essência única, que toma figura nas propriedades do desejo, segundo o potencial da manifestação. É preciso compreender que uma propriedade não pode existir sem a outra, todas juntas não são mais do que uma única possibilidade. Vamos tratar agora da sua diferenciação, em bem ou em mal, em paz ou em luta.

— Encontramos sete propriedades principais na Natureza, que opera tudo por meio delas; são: 1º a cobiça áspera, fria, dura e sombria; 2º a amertude, aguilhão da aspereza, atrator em si, causa do movimento e da vida; 3º a angoScoped, fúria da impressão, produzida pela dureza atacada pelo aguilhão; 4º o fogo, onde a vontade eterna se torna um raio faiscante nessa angoScoped e aumenta a ânsia das trevas que, consumindo a dureza, dá um espírito corporal abundante [116]; 5º a vontade livre sai das trevas do fogo e da sua morada em si; ela irradia como a luz de uma chama e o seu poderoso desejo, aguçado no fogo, consumido na obscuridade da primeira forma, produz-se agora na luz, fora da agonia ígnea: segundo a sua fome, é água; segundo o seu esplendor, é a tintura do fogo e da luz, o desejo de amor, a beleza, de onde nascem todas as cores, como explicamos no livro da Tríplice Vida do Homem; 6º a voz, ou o som que, em sua primeira forma, não é senão um choque da dureza, ao fogo da qual morreu para renascer na 5ª forma segundo a luz da Tintura; nele nascem os cinco sentidos; 7º A menstruação ou semente de todas estas formas, que o desejo imprime em um corpo concebível, que contém tudo; o que as seis formas são espiritualmente, a sétima o é essencialmente.

[116] No sentido químico da palavra.

— Tais são as sete propriedades da mãe universal de onde nasceu tudo o que existe neste mundo. O Altíssimo deu-lhes a forma de uma roda; elas são como a alma desta mãe por quem ela cria sem cessar. As estrelas e os planetas estão dispostos sobre o modelo da constelação eterna, que é um espírito ou a alma da Sabedoria divina, ou a Natureza eterna, de quem as forças da eternidade se tornaram criaturas.

— Além disso, o Altíssimo deu a esta roda quatro chefes que dirigem a geração da mãe; são os quatro elementos, a quem a constelação infunde um desejo, de modo que este ser inteiro não constitui senão uma única coisa, organizada como a alma do homem. Do mesmo modo que a alma e o corpo não fazem senão um indivíduo, tudo isto não é senão um único ser, imagem da eternidade segundo a sua alma, e imagem do tempo segundo a sua forma exterior; e as duas imagens obedecem à vontade eterna.

— Consideremos com cuidado esta roda sulfurosa de todos os seres cujas qualidades entram no bem e no mal e dele reaparecem.

— A primeira forma, a impressão, que se chama também o fiat, toma o desejo nas sete formas, de modo que do nada sai uma essência análoga à propriedade. A sua qualidade primeira própria, enquanto cobiça, é sombria e produz um choque, causa do som que se endurece ainda na quarta forma; a sua grosseria aí morre, para ser retomada na quinta forma, de onde sai como sexta, fora do fogo e da água.

— Este som chama-se Mercúrio na primeira forma por causa do atrator em si que produz o movimento e o aguilhão; este último é a segunda forma, filho da primeira e residindo nela.

— Esta segunda forma é o delírio e a dor da amertude que conglomera a cobiça em uma essência; nessa essência, a atração é como um aguilhão que a dureza não pode sofrer; ela exalta-se ao querer conter este aguilhão que só se torna por isso mais picante; daí nasce a primeira inimizade; estas duas formas que não são senão uma lutam uma contra a outra e sem isso não haveria nem essência, nem corpo, nem espírito, nem manifestação do abismo.

— Como a amertude não pode dominar e como a aspereza não a pode refrear, elas trespassam-se mutuamente como uma roda torbilhante, em uma essência medonha, conservando contudo cada uma a sua propriedade: assim é produzida a terceira forma, a grande angoScoped, da qual a vontade primitiva pede para sair para retornar ao repouso eterno, à liberdade, ao nada. Aqui, ela manifestou-se a si mesma e não pode nem dobrar-se, nem fugir.

— Esta angoScoped é a mãe do Enxofre, pois o aguilhão a tormenta e a aspereza a imprime. É uma agonia e é contudo a mãe da existência. Possui duas propriedades; segundo a impressão, é sombria e dura e segundo o desejo que tende para a liberdade, é espiritual e luminosa; o aguilhão quebra a essência que a dureza forma nela, é por isso que é quebradiça e variegada como um raio.

— O ser destas três formas é um espírito furioso, a cobiça imprime-as e faz delas essências. Segundo a primeira, o grande movimento inicial tornou-se a terra; segundo a segunda, a essência é uma paixão que torna a matéria amarga; e segundo a terceira, é um espírito sulfuroso, que não é ainda um ser e que é contudo o pai de todos os seres.

— A quarta forma nasce por um lado da impressão tenebrosa e do aguilhão da angoScoped: é o jogo sombrio e o tormento do grande frio. Nasce por outro lado da vontade em direção à Natureza, que sai deste frio e retorna a si mesma em direção à liberdade; a sua acuidade acende o desejo livre eterno, que recebeu na impressão; é por isso que é uma aparência movente e móvel.

— A liberdade não é nem sombria nem luminosa; o movimento torna-a luminosa, pois o seu desejo concentra-se para se manifestar no esplendor. Isto só se pode produzir pela ação das trevas que fazem com que a luz se manifeste e que a alma eterna se encontre a si mesma; uma vontade não é senão uma essência, que recebe uma forma pela multiplicidade, até ao infinito; o nosso escrito não é senão o balbucio destas grandes maravilhas.

— A liberdade jaz nas trevas, opõe-se à sua cobiça e toma-as com o concurso da vontade eterna; por sua vez, as trevas querem tomar a luz livre, mas não podem lá chegar, pois esta última encerra-se em si mesma e torna-se pouco a pouco uma treva; da reação recíproca destas duas tendências nasce, na impressão, o raio ou princípio do fogo; a angoScoped aprisiona a liberdade aparecida na impressão como um raio. Mas, como esta liberdade é inalcançável, como é anterior e exterior à impressão, e como não tem base, o seu adversário não a pode reter, rende-se a ela e deixa engolir nela a sua essência obscura: por este movimento, a liberdade reina sobre as trevas sem ser compreendida por elas.

— O fogo é consumidor; a sua acuidade vem da impressão severa, fria e amarga na angoScoped: a sua propriedade combustível vem da liberdade que faz de alguma coisa um nada. É preciso compreender que a liberdade não tende para o nada, pois o seu desejo dirige-se para a Natureza para aí se manifestar em potência e em essência. Ela apropria-se das qualidades da impressão fria, pela acuidade, depois queima no fogo a essência tenebrosa e sai do fogo e da angoScoped sob forma de luz com as propriedades espirituais: como vemos fisicamente que a luz sai do fogo sem dele ter o tormento. A luz manifesta as

propriedades das trevas em si mesma; ela permanece luminosa e as trevas permanecem em sua obscuridade.
— A liberdade, que é Deus, é a causa da luz e a impressão é a causa das trevas e da dor. Estes dois princípios são eternos, e habitam cada um em si mesmo.
— É assim que eles se abrem e se manifestam em sete propriedades. Não há começo na eternidade, mas esta geração é perpétua; opera-se por seu próprio desejo, até a este mundo visível que é uma imagem temporal do espírito eterno.

— Quanto ao fogo, ele é o princípio de toda vida; ele dá a essência às trevas; sem ele, elas não conteriam inimizade, nem espírito, mas somente dureza e um aguilhão agudo, rudo e amargo, como se vê na noite eterna. Tão longe quanto pode atingir o fogo ardente, a propriedade obscura exalta a sua essência, como uma loucura medonha: pode-se reconhecer aqui o que são a sabedoria e a insanidade. O fogo produz também a luz, como desejo da liberdade.
— Esta liberdade, enquanto é um nada, não possui essência; é a impressão severa que produz a essência; o espírito da vontade livre apodera-se desta essência, manifesta-se em si pela cobiça e atravessa o fogo, enquanto a grosseria aí morre.
— Quando o raio ígneo atinge a essência obscura, produz-se um grande estalido onde o fogo frio morre e se afunda. Isto tem lugar no momento em que o fogo se acende na angoScoped; por um lado, a essência afunda-se na morte onde o fogo frio agoniza, daí vêm a água e a terra; por outro lado, esta essência dirige-se para a liberdade, e eleva o esplendor do reino da alegria.
— Quando o raio se produz entre a liberdade e o fogo frio, eles formam uma cruz e circunscrevem todas as propriedades, exalando o espírito na essência (isto é figurado pelo signo astronômico da terra). Se és inteligente, não perguntarás mais o que são a eternidade e o tempo, o amor e a ira, o céu e o inferno. O semicírculo inferior é o primeiro princípio, a Natureza eterna na ira, o reino das trevas. O semicírculo superior com a cruz é o salniter. A cruz é o reino da glória manifestado pelo esplendor da liberdade saindo do fogo; o espírito aquoso, que se eleva com ela, é a corporalidade do livre desejo na qual o brilho combinado do fogo e da luz forma uma tintura, um verdejar, um crescimento e uma manifestação das cores.
— Esta separação da essência viva e da essência morta é a quinta forma, o Amor. O seu princípio é a liberdade que se eleva como uma chama na exaltação do reino da alegria; ela imprime, às propriedades que recebeu da vontade eterna, atravessando o jogo, o seu desejo de amor: assim, a alegria sai da angoScoped.
— Sem a angoScoped, não se poderia saber o que é a alegria; nesta forma, as propriedades dividem-se em cinco: a água do Amor impregna-se da tintura: é a visão. O aguilhão que trespassa a dureza produz a audição que se torna um som que a tintura toma no nada pacífico e livre. A acuidade da fúria produz o tato que faz com que as propriedades se percebam uma à outra; a reação mútua das propriedades, pela qual elas se modificam, dá o gosto, e o espírito que elas desprendem saindo uma para a outra dá o olfato.
— Estas cinco qualidades compreendidas na quinta forma constituem a sexta, o som em quem elas se encontram todas envolvidas pelo espírito aquoso do desejo ígneo de luz. Este desejo forma para si mesmo uma essência na qual opera e que é a sétima forma, habitáculo das outras seis, de quem proveio o regime deste mundo visível, à imagem da geração eterna.

— Tudo isto não é a divindade, mas a sua manifestação, que se reconhece no ternário. A divindade é o abismo livre, sem fundo, fora de toda natureza; mas ela manifesta-se a si mesma em um fundo pelo milagre da sua Sabedoria.
— O Pai manifesta-se pelo fogo, o Filho pela luz do fogo, e o Espírito Santo pela vida e pelo movimento saindo do fogo, como uma chama de amor: nós só dizemos isto de uma maneira simbólica e criatural.
— A divindade é universalmente tudo em tudo, mas somente segundo a luz do amor; segundo o espírito da alegria chama-se Deus; segundo a impressão tenebrosa, chama-se a Ira divina e segundo o espírito eterno ígneo, chama-se um fogo consumidor. Tudo isto se entende do Ser dos seres, cujo princípio é um, mas cuja manifestação é múltipla para a sua maior glória. Queremos mostrar-vos o que é a vida criatural segundo esta essência universal.
— O Enxofre, o Mercúrio e o Sal são espíritos na eternidade; quando Deus moveu a Natureza eterna, Ele extraiu da essência espiritual uma essência manifesta, e pôs na criação as propriedades eternas. Não quero falar senão do reino exterior ou terceiro princípio; neste mundo, a luz e as trevas estão misturadas; Deus cometeu o Sol como deus das forças exteriores, mas é Ele quem o governa; o externo é Sua obra que Ele rege pela harmonia, como o mestre faz o seu trabalho por meio das suas ferramentas.
— Neste mundo, o Enxofre representa o mistério da manifestação divina, da primeira mãe, pois procede das trevas, do fogo e da luz; ele é, por um lado, amargo, segundo a impressão; e por outro, como imagem da Divindade, fogo, luz e água; ele separa-se no fogo em duas formas: em água, segundo a agonia, e segundo a vida, em óleo, que é a verdadeira vida das criaturas físicas.
— Mercúrio é a roda do movimento no Enxofre; segundo a impressão, ele é o grande agitador, o hossamento; o fogo sulfuroso da sua mãe divide-o em uma água dupla: um regime de alegria luminosa que, combinando-se com o enxofre, produz a prata na sétima forma da Natureza; no fogo, esta água torna-se o mercúrio metálico; na aspereza, é uma fuligem ou uma fumaça. É por isso que se se põe sobre o fogo a matéria exterior aquosa do mercúrio, ele foge como uma fumaça, pois o fogo restitui cada coisa na primeira essência de onde veio, onde tudo era um só espírito; por outro lado, o fogo resolve para cada propriedade o Mercúrio na água da impressão tenebrosa, em um tormento envenenado; não é uma água a rigor, mas uma essência corporal do espírito; tal é a qualidade espiritual, tal é a água depois do raio ígneo.
— No estalido do Salniter, nascem muitos sais; o movimento do Ser dos seres corporificou as qualidades do espírito, tornou-as visíveis, concebíveis.

— Este estalido tem lugar quando o fogo se acende; imprime-se também quando o fogo morre, ao nascimento da água; esta água contém muito fogo, mas a sua essência morta é da mesma qualidade que o estalido; ela circunscreve todas as qualidades e recebe tanto as da luz como as das trevas, torna-as todas ígneas, segundo o frio ou segundo o quente, mas sobretudo segundo o Mercúrio indefinido que é a vida universal, no bem e no mal.
— O salniter é o princípio de todos os sais que se encontram nas plantas, nas árvores e nas criaturas, onde quer que se encontrem o odor e o sabor: ele é aí a raiz primeira. Nas coisas boas que o amor faz crescer no óleo do Enxofre, ele é bom, amável e poderoso; nas coisas más pela angoScoped sulfurosa, ele é mau; nas trevas, ele é o pavor perpétuo, que busca fugir fora do fogo; disto vem a vontade diabólica e o orgulho que só ele escapa ao humilde desejo de amor. O fogo é a sua prova, como se vê no raio onde ele se consome com a rapidez do pensamento; pois a sua essência não vem do eterno, mas da combustão do fogo

temporal; ele é perceptível no espírito eterno por causa da exaltação do reino da alegria; na agonia, encontra-se no fogo visto que nasce da primeira cobiça, da primeira impressão; é o Saturno dos sábios; é por isso que tem uma grande quantidade de sais.

— Todo sabor é salino; os bons sabores nascem de um sal oleoso do mesmo modo que os bons odores que são a sua exalação onde a Tintura [117] aparece como cor.

[117] Físico: tudo isto até ao § 46 diz respeito à constituição do mineral.

— O estalido do salniter é a divisão das propriedades em morte e em vida: a vida toma uma essência pelo Amor, e quando o estalido agoniza pela congelação, o seu desvanecimento dá a densidade; a sua subtileza dá a água, a sua grosseria dá a terra, o Enxofre e o Mercúrio aí produzem a areia e as pedras, a subtileza deste enxofre e deste Mercúrio dá a carne, e a angoScoped tenebrosa deposita uma fuligem; a qualidade oleosa segundo o Amor produz uma essência dotada cujo espírito é o perfume agradável; a reação do fogo e da água produz o elemento, e o brilho da luz faz dele a nobre tintura, que em todos os sais oleosos dá o bom gosto e o bom odor.

— O estalido salnítrico é, na essência, borbulhamento de onde resulta o crescimento; a sua impressão, ou o sal, é a conglomeração que corporifica as essências, o que retém juntos o Enxofre e o Mercúrio.

— Estes três estão em toda coisa; o salniter divide em quatro o elemento um que não é, em si mesmo, senão um movimento cheio de vida nos corpos. Do mesmo modo que o espírito eterno de Deus o Pai sai do fogo e da luz como movimento vital da eternidade, o espírito aéreo sai do brilho salnítrico da angoScoped sulfurosa em direção à roda mercuriana, que faz girar todas as formas; é o filho e a vida destas qualidades; o fogo delas dá-lhe a vida e lha retira; a água é o seu corpo pelo qual produz o borbulhamento, e a terra é a sua força na qual se acende.

— Esta combustão do elemento um no Salniter produz quatro partes: o fogo consumidor tenebroso, e o frio que vem da morte aquando do estalido; a obscuridade divide-se além disso em sua subtileza em água, em sua grosseria em terra, em sua mobilidade em ar; este último é o mais semelhante ao elemento um, embora este não seja nem frio nem quente, nem impulsivo, mas borbulhante.

Do desejo das propriedades

— A propriedade é uma fome que se toma a si mesma e forma uma essência semelhante a si mesma e produz nos quatro elementos um espírito análogo pelo borbulhamento salnítrico. O elemento um é o princípio do borbulhamento, é o Salniter que o divide em quatro.

— Todo corpo, por sua vida interior, reside no elemento e por seu crescimento nos quatro; mas os espíritos elevados, os anjos e as almas dos homens vivem sós pelo elemento um, porque vêm do primeiro princípio. No terceiro princípio, ele conduz secretamente, como a mão de Deus, os quatro elementos por meio dos quais opera e edifica.

— Cada propriedade busca nos quatro um alimento conveniente à sua fome, cada espírito nutre-se do seu corpo e os quatro são o corpo das propriedades. Elas alimentam-se primeiramente da impressão tenebrosa e amarga, depois da impressão luminosa, do mal e do bem.

— A fome tenebrosa busca as coisas terrestres; a fome amarga tira dos elementos os venenos picantes; a fome da angoScoped busca a angoScoped no Enxofre, a melancolia, a tristeza, o desejo da morte; o fogo toma a ira, o orgulho, a dominação, a devastação; a amertude vai para a inveja e a odiosidade; a aspereza para a avarícia e o fogo para a fúria.

— Tal é a verdadeira apetência dos diabo e de tudo o que é contra Deus e contra o amor; isto pode ver-se nas criaturas e nas plantas.

— O raio ígneo do primeiro desejo é a finalidade da natureza tenebrosa; ele dirige-se para o fogo que consome a grosseria da primeira forma e a joga na morte; lá, ela separa-se em duas vontades: uma é obscura e retorna na morte, é o que os diabos fizeram quando, querendo dominar no raio do borbulhamento salnítrico sobre o tempo e sobre a eternidade, o espírito de Deus os repeliu e os rejeitou fora do Amor; é o que acontece aos homens ímpios.
— Tal é o fim da eleição da graça, da qual a Escritura diz que Deus reconhece os seus: o desejo da liberdade toma o espírito volitivo, que nasceu no centro tenebroso e reconduz o seu espírito pela morte do fogo, no elemento um.
— No brilho do Salniter, se a vontade retorna para trás, torna-se terrestre neste mundo e cai na ira divina, no mundo eterno; não poderá ver a Deus a não ser que, convertendo-se, morra inteiramente pelo fogo para o seu eu, e reentre pelo abandono no elemento um ou corporalidade celeste, da qual se nutrirá: não terá mais outro desejo, visto que estará morta para a fome má tenebrosa.
— A luz nasce desta morte ígnea, porque a liberdade aí se acende e se afana do Amor. Exteriormente, é a luz do Sol segundo os elementos; é o amor animal segundo a essência sulfurosa, de quem vêm a reprodução e a vida vegetativa; a ação do Mercúrio no Salniter produz a vida sensorial à qual as estrelas dão o entendimento segundo as propriedades do Salniter.
— A constelação inteira é um Salniter do fiat tomado no movimento da essência de todas as essências, no momento do raio ígneo, sob a propriedade salina; todas as forças elementares aí se encontram; ela infunde-se nos quatro elementos como de um sal salnítrico, e faz passar o seu desejo por intermédio deles nos corpos, como se pode notar observando o reino vegetal.
— O segundo centro, a luz que sai da agonia do fogo, faz passar a liberdade abissal na base da Natureza, tanto para o reino interior da eternidade como para o reino exterior do tempo.
— Este centro, que possui também as propriedades do desejo, nasce do primeiro princípio; não é propriamente a morte ígnea; é a essência tenebrosa que morre, o espírito sai dela na luz com a vontade eterna, por uma transmutação que excita uma apetência em direção à liberdade, um desejo de Amor.
— Na alma do homem, este centro atrai o elemento divino ou Salniter celeste e com ele os sais ou potências divinas. No mundo exterior, ele engendra o óleo do Enxofre que alimenta a chama da vida mineral ou vegetal.
— O sol cumpre a transmutação exterior e o sol divino a interior, segundo a ordem de cada coisa a sua fome apodera-se desta ou daquela propriedade temporal ou eterna.
— A fome eterna nutre-se da eternidade, a fome temporal nutre-se do tempo; a vida verdadeira das criaturas nutre-se do Mercúrio espiritual ou sexta forma, onde estão em essência todos os sais; o espírito nutre-se dos cinco sentidos que são o seu corpo; a vida vegetativa nutre-se do Enxofre e do Sal; pois o Cristo diz: «O homem não se nutre somente de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus.»
— A sexta forma é o verbo espiritual pronunciado; ela contém o verbo espiritual pronunciante; na impressão tenebrosa, é o verbo da ira divina; no mundo exterior, é o Mercúrio envenenado, causa da vida e da sonoridade; o espírito do Mercúrio e o espírito do Enxofre não são duas coisas distintas, mas duas propriedades.
— O que nasce de um só princípio não tem senão um regime, mas duas tendências para o bem e para o mal. O que sai de dois princípios, como o homem, tem dois apetites e dois regimes, um do centro exterior, o outro do centro tenebroso; mas se o homem morre para si

mesmo e tende para o reino de Deus, a sua alma poderá nutrir-se do Mercúrio divino (os cinco sentidos de Deus e o elemento um). Contudo, o homem exterior neste mundo não o poderá fazer senão pela imaginação; o corpo interior penetrará o corpo exterior, como quando o sol ilumina a água, esta permanece sempre ela mesma.

— Pois antes da queda, o elemento um penetrava os outros quatro e dominava no homem; mas a maldição separou-o na alma.

— E esta última está encerrada nos quatro Elementos até que morra para a vontade terrestre para reverdecer no um.

— O corpo exterior está na maldição, e nutre-se do Salniter terrestre, pelas propriedades terrestres amaldiçoadas; os apetites terrestres lutam uns contra os outros, pois a maldição é um desgosto em todos os sais; esta luta repercute-se no corpo, como um borbulhamento, e para dela ser liberto, é preciso que passe pela morte do fogo.

— O processo é o mesmo que para a cura da vida verdadeira. Este desgosto provém de uma oposição entre o Sal e o óleo vital, acende-se nos elementos e exalta-se no Salniter como uma vida estranha.

— Esta última obscurece e quebra a verdadeira vida, se não se lhe aplica remédio, e não há nenhum outro senão o de dar a este desgosto um alimento análogo.

— Ele deve ser levado na morte elementar e o seu espírito deve ser tido na quinta forma, pelo desejo de Vênus, para que o Mercúrio espiritual se eleve na propriedade de Júpiter. É preciso que passe pela putrefação elementar: o fogo fá-lo morrer para a terrestridade, a fermentação aquosa desembaraça-o da terrestridade aquosa, do mesmo modo para o ar; passa em seguida a Vênus e daí a Júpiter, e enfim levanta-se o sol do desejo de amor.

— Todas as outras curas são más; se se opõe o calor ao frio, ou o frio ao calor, isso produz um estalido ígneo, o fogo cessa a sua ação, o ser cai na morte e a raiz do desgosto torna-se um Mercúrio venenoso; se se tempera o quente ou o frio por Vênus e Júpiter, o desgosto apazigua-se no borbulhamento salnítrico, mas a sua raiz persiste até que a vida se tenha tornado forte. O médico notará facilmente que as plantas grossas não atacam esta raiz que permanece como um mal oculto, enquanto a melhora não se faz sentir senão nos quatro elementos.

— A mesma coisa se produz para os astros no corpo elementar dos quais o borbulhamento tem lugar; se são libertos deste desgosto, o seu desejo vai para o bem, e o seu corpo cura-se sendo liberto da vaidade (Romanos, 8, 19 a 22). Tal é a maldição da terra onde a constelação joga a sua cobiça vaidosa; se ela pode saborear uma vida pura, rejubila com isso e rejeita o desgosto.

— No óleo vital, o desgosto provém do Mercúrio e do Enxofre interior; o Mercúrio venenoso, dirigindo-se para a egoidade, aquando do raio ígneo, ao nascimento do salniter, produz o pecado e a vida venenosa.

— Para ser sem mancha, toda vida deve passar por meio do seu espírito volitivo pela morte ígnea da primeira impressão e aí abandonar-se até à luz do amor; quer seja celeste ou terrestre, o método é o mesmo, se quer chegar à sua mais alta perfeição.

— Para o homem, é preciso que o centro do Amor reentre nele e que a vida própria ou egoísmo dela saia; para os elementos, é preciso também que passem pela morte ígnea, isto passa-se assim no borbulhamento salnítrico terrestre para os metais e as plantas boas. Toda propriedade deseja o seu semelhante e só o encontra no Amor, do mesmo modo a liberdade eterna é introduzida pelo fogo, na natureza eterna, em potência e em majestade.

— Tudo segue a mesma lei, pois tudo veio de uma só essência misteriosa que é a manifestação do abismo em uma base.

— Se a criatura permanece em seu lugar, não colhe o desgosto, quer seja vegetante ou vivente, pois cada forma nutre-se da sua qualidade e não sofre com isso.
— Mas se a vontade entra em uma propriedade estranha, torna-se desejosa, o desejo produz uma fome, e a fome absorve a essência estranha, e como isso é contra o curso da natureza, o desgosto e a turba nascem, a essência estranha e a vontade lutam uma contra a outra.
— A Ira levanta-se, as propriedades reentram em seu centro da primeira impressão para aí buscar a força do fogo: daí resultam o quente e o frio nos corpos; a primeira mãe é despertada por esta luta em sua maldade mais furiosa, o combate prossegue e aquela das propriedades que é vencida consome-se na morte.

Capítulo XV

Da vontade do Grande Mistério segundo o bem e segundo o mal, de onde vêm a boa e a má vontade e como elas influenciam uma à outra
Sumário: Da dupla vontade que atua no homem — A regeneração — O falso cristianismo e o verdadeiro — O espírito e a letra — Do valor real do homem — Seu papel neste mundo — O julgamento — A reintegração universal.
— Toda propriedade vem do Grande Mistério, que é o desejo em direção à Natureza; ela sai dele como o ar se exala do fogo; o irradiar de uma vontade é inconsistente, pois não possui qualidade; o primeiro princípio permanece em si, e sai sob a forma de vontade.
— Nesses caminhos da eternidade, não há ruptura, pois toda coisa aí permanece em si mesma; quando a forma do Grande Mistério se manifesta, ela se perpetua com a sua raiz na eternidade.
— Mas assim que ela se introduz em direção a outro desejo, essas duas propriedades produzem a luta; na eternidade, não há senão o elemento um e o livre desejo cujo estremecimento é o Espírito de Deus.
— Mas quando o Grande Mistério se move e o desejo cobiça a essência, o combate começa; os quatro elementos nascem com as suas múltiplas cobiças para reger um único corpo: daí o quente e o frio, o fogo e a água, o ar e a terra, que são a morte um do outro.
— A criatura submetida a esse regime só aí encontra uma agonia perpétua, a menos que retome uma vontade única; mas então a multiplicidade das vontades deve desaparecer e a cobiça deve morrer, de onde vieram os elementos, para que a vontade se torne novamente o que era na eternidade.
— Reconheçamos que nós mesmos estamos sob o regime dos quatro elementos na luta, na contrariedade, no desgosto, no desejo da morte, sendo para nós mesmos os nossos próprios inimigos. Se a vontade que Deus soprou por Seu Espírito à Sua imagem, fora do eterno mistério, quer reaparecer, é preciso que morra para os quatro elementos para retornar àquele de onde saiu; é preciso que aceite a herança eterna em vista da qual foi criada; tudo o que vive na vontade de Deus não vem da cobiça própria, ou nela morreu, se dela procedeu.

— Toda vontade que reentra em seu eu e que busca a base de sua vida, arranca-se do grande mistério e o ataca; a criança é má visto que desobedece à sua mãe, mas se muda e executa os desejos desta, nada poderá fazê-la cair na turba, e ela reentrará na essência de onde saiu.
— Compreende, ó homem, o que tens a fazer; contempla em ti mesmo o que és, se cumpres a vontade de tua mãe; senão, és uma criança indócil que fez de si mesma o seu próprio inimigo; não podes mais habitar senão em ti; o que te faz doente és tu mesmo, pois te suicidas.
— É preciso abandonar tua própria cobiça, tornar-te para ela como um nada, levar todos os teus desejos para o Eterno e para a vontade de Deus pelo abandono; fora disso, tudo não passa de vaidade, pena e agonia perpétuas.
— A escolha da graça está fundada na vontade humana; se ela quer bem morrer para si mesma, sua primeira mãe a elege, a adota e a une à vontade divina; mas quem permanece no eu, permanece no pecado, visto que é inimigo de Deus.
— Nada pode realizar de bom no exterior, visto que, no interior, só realiza a morte; daí vem também a mentira, visto que a criatura renega a unidade divina e se coloca em seu lugar; se ela reconhecesse a essência universal como sua mãe, se dela não se apropriasse, não produziria a avareza, a inveja nem o ódio.
— Todos os pecados vêm do eu; ele quer atrair tudo a si e se faz o inimigo de toda essência estranha; de sorte que o pecado luta contra o pecado, o desgosto contra o desgosto, em abominação diante da Mãe eterna.
— A vontade regenerada, que sai de si mesma para entrar no abandono, é inimiga do eu, como a saúde é inimiga da doença; elas travam uma guerra sem trégua.
— O eu só busca o que lhe pode servir; o abandono só deseja a Mãe eterna. O primeiro lhe diz: «És louca de te abandonares à morte, viverias magnificamente em mim.» E o segundo lhe responde: «És o meu desgosto e o meu tormento, só podes me conduzir fora da eternidade, para a miséria, para dar o meu corpo à terra e a minha alma ao inferno.»
— O verdadeiro abandono é a morte do desgosto de Deus; aquele que deixa o seu eu e se rende, de todo o seu coração, de todos os seus sentidos e de toda a sua vontade à misericórdia divina, na morte de Jesus Cristo, está morto para a terra; é um homem duplo; o desgosto se suicida nele e a vontade abandonada vive e ressuscita com o Cristo; e, embora o desejo próprio peque visto que não pode fazer outra coisa, a vontade abandonada vive, não no pecado, mas na terra dos vivos pelo Cristo, enquanto o eu vive no país dos mortos.
— O homem terrestre é, pela maldição, um horror à santidade de Deus; ele só pode buscar a si mesmo, e se faz algo de bom, é a vontade abandonada que o força a isso; ela se serve dele, como ela mesma serve de instrumento à vontade divina [118].
[118] Cf. para todo este capítulo, a doutrina mística dos Pais da Igreja, da Imitação, de Mme Guyon, dos Sufis e do Brahmanismo pré-védico.
— Aquele, pois, que quer chegar ao reino de Deus, deve tirar a sua alma do eu, como o médico liberta o seu doente da dor e transforma a doença em prazer de amor; do mesmo modo, a vontade terrestre tratada pela alma torna-se a serva da vontade abandonada.
— O homem elementar e sideral não deve ser senão o instrumento do homem anímico, foi para isso que Deus o criou; em Adão, a alma o tomou por mestre e se tornou sua prisioneira; se ela quer se fazer filha de Deus, deve morrer para os desejos terrestres, renascer para a vontade de Deus pela morte do Cristo, reinar sobre o eu e mantê-lo na rédea, pois o eu tende sempre para a luz própria, para a multiplicidade, para a inveja e para a ira, se não pode atingir os seus desejos, e para a mentira.

— Mas a vontade abandonada esmaga sem cessar a cabeça dessa serpente e lhe diz: «Nasceste do diabo e da Ira, não te quero»; e, embora tenha estado até então presa nos falsos desejos quando o diabo oprimia a sua imaginação, ela clama a Deus para que Ele a liberte do opróbrio da morte.
— Ela não tem repouso nesse combate, pois habita uma falsa casa; em si mesma, está bem na mão de Deus, mas fora de si mesma jaz no abismo da Ira e no reino do diabo, que está sempre lá a cobiçá-la como o centro. Mas os bons anjos a protegem contra as imagens venenosas e os dardos inflamados, como diz São Paulo (Ef., VI, 16).
— O Amor e a Ira disputam o homem; eles estão nele; ele é tomado por aquele desses dois princípios eternos para o qual se dirige. Se a alma permanece no eu, está ligada pela Ira; se se lança na misericórdia, nos sofrimentos do Cristo, em sua ressurreição e em sua ascensão, se só quer o que Deus quer, morre para a Ira e para o eu; o diabo nada pode sobre ela; não é ela que vive, mas a eternidade vive nela; ela retorna ao ponto em que estava antes de ser uma criatura; ela é um instrumento da sinfonia divina que só o Espírito de Deus faz ressoar para a Sua glória.
— Todo movimento próprio é vão, a vontade própria nada concebe de Deus, mas a vontade abandonada nada faz senão pelo Espírito, no qual repousa e do qual é o instrumento.
— Embora o eu possa aprender e fazer muitas coisas, a sua concepção não reside senão no verbo pronunciado, na forma das letras, e nada compreende do verbo pronunciante, pois nasceu do exterior e não da Mãe universal que não tem fundo, nem começo, nem fim.
— Aquele que nasceu do Verbo pronunciante é livre, acima de qualquer base; não está ligado a nenhuma forma, pois é a vontade eterna que o conduz, segundo apraz a Deus.
— Mas aquele que se apega à letra nasceu na forma do Verbo pronunciado, caminha segundo o eu, e abandona o espírito que fez a forma.
— Um tal doutor é Bábula; ele disputa sobre a forma segundo a sua compreensão pessoal; não passa de um metal que ressoa, nada compreende do espírito e discute sem termo nem medida; a reputação e as concepções próprias exteriores não são o Verbo de Deus, mas aquilo que procede da vontade abandonada segundo o espírito ao Verbo falante, e que modela no coração a forma pela qual a alma é atraída a Deus.
— O verdadeiro pastor é aquele que entra pela porta do Cristo, que ensina pelo espírito do Cristo; fora disso, só há a forma histórica, que pretende bastar para consolar; mas ela permanece de fora, pois não quer morrer para si mesma pela graça.
— Tudo o que fala da redenção do Cristo sem ensinar a verdadeira base (que é morrer para o eu e abandonar-se à obediência como uma criancinha) é exterior e não vem da porta do Cristo.
— Não são as consolações hipócritas que servem para alguma coisa, é o morrer, com o Cristo, para a falsa vontade, o matar sem cessar o eu terrestre e o apagar o mal que está semeado no ar.
— A verdadeira fé não é falar do Cristo, isso é apenas exterior; é precisa uma vontade convertida, que rejeita o mal, que se afasta dos desejos terrestres, que se afunda em Deus, que não quer sair da morte do Cristo, que clama sempre: «Querido Pai, aceita por mim a obediência do Teu Filho, faze com que eu viva em Sua morte, que eu viva em Ti por Sua humanidade, toma-me com Ele em Sua ressurreição, dá-me a Sua vida, que os Seus sofrimentos sejam meus, que eu tome a Sua força na morte e que eu esteja diante de Ti como um broto da árvore que Ele é.»
— Tal é a verdadeira fé; o seu desejo atinge os sofrimentos do Cristo, prostra-se diante Dele, afunda-se na maior humildade, suporta tudo para receber a graça, toma a cruz e despreza a zombaria do egoísmo universal.

— Esse desejo cresce da morte do Cristo; floresce em sua ressurreição e produz, na paciência, frutos ocultos em Deus, e que o homem exterior não percebe.
— O verdadeiro cristão é um cavaleiro imitador do Cristo na terra. Jesus venceu a morte e introduziu a vontade humana na verdadeira obediência: é o que deseja também o verdadeiro cristão.
— É por isso, queridos irmãos, guardai-vos do manto de purpura; sem abandono, sem arrependimento, sem conversão, esse manto não passará de uma chacota; guardai-vos dos ensinamentos pessoais e das obras de justificação particular.
— O verdadeiro cristão é ele mesmo a Grande Obra que opera sem cessar na vontade de Deus, contra o desejo pessoal, embora seja frequentemente contrariado pelo eu; mas ele o quebra e reverdece como uma bela flor no Espírito divino.
— A cristandade deve saber e bem compreender que, se quer sair das vãs consolações sem mudar a sua vontade, terá apenas uma forma exterior da regeneração. Um cristão só deve fazer um único espírito com o Cristo; nem a forma nem as boas palavras o ajudam, mas a morte da má vontade; a ciência de nada serve tampouco; a sutileza das discussões é apenas um impedimento: o pastor está tão perto de Deus quanto o doutor.
— A verdadeira vontade entra no Amor, não busca forma alguma, mas cai aos pés do seu Criador e pede a morte do eu; busca a obra do Amor contra todos, só quer florescer em Deus; toda a sua vida não é senão penitência e arrependimento, não busca o brilho, mas a humildade; considera-se indigna e o seu cristianismo lhe está oculto em seu eu.
— Ela diz: «Sou uma serva inútil, e ainda não comecei seriamente a fazer penitência.» Busca a porta da graça como uma mulher nas dores do parto. O Senhor se esconde dela para que a sua operação cresça; ela semeia nas lágrimas e não vê os frutos que estão ocultos em Deus; corre para o objetivo como uma mensageira, mas não encontra o repouso até que perceba a perda; e quando esta se apaga diante do eu, a aflição da alma recomeça, ela pede dia e noite, e só cessa quando as trevas se esvaem aos primeiros raios do sol nascente.
— Guardai-vos, pois, queridos irmãos, das discussões eruditas; o verdadeiro cristão está morto para os desejos do seu entendimento, só busca a ciência do Amor e da graça; o Cristo construirá Ele mesmo a forma nele; a forma exterior é apenas uma introdutora, Deus deve tornar-se homem, sem o que o homem não pode tornar-se Deus.

— É por isso que um cristão é o homem mais simples do mundo, como diz Isaías (XI, 19). Todos os pagãos cobiçam a propriedade e se precipitam sobre o poder e sobre as honras; mas um cristão só pede morrer para isso, só busca a honra do Cristo. Tudo o que se disputa pelos prazeres da vida é pagão e mais do que pagão, diabólico; o que saiu de Deus para entrar no egoísmo, cobrindo-se com o manto do Cristo, é o homem da falsidade.
— Se quer ser um Cristão, é-lhe preciso morrer para esse eu e rejeitar a vestimenta deste mundo, onde não passa de peregrino; deve lembrar-se de que é o servidor de Deus e não de si mesmo. Tudo o que age por si mesmo, sem a ordem de Deus, pertence ao diablo e o serve; adorna-te como quiseres, nada vales diante de Deus, tua grandeza de nada te serve diante Dele; és para ti mesmo o teu próprio julgamento, que te conduz à morte; fosses tu rei, não és senão um servidor e deves passar com os mais miseráveis pela regeneração, sem o que não verás a Deus.
— Todo poder próprio, pelo qual os pobres são oprimidos, pertence ao egoísmo e nasce da forma pronunciada que se particularizou e saiu de Deus. Tudo o que não serve a Deus é falso, seja alto ou baixo, sábio ou ignorante; somos todos servidores de Deus; nada se torna algo pessoal sem que nasça pela Ira de Deus na impressão da Natureza.

— Se um cristão possui algo de verdadeiro em próprio, não é por isso outra coisa senão o mordomo do Senhor; tudo o que quisesse reportar ao egoísmo o conduziria à prisão da avareza, da inveja, da carne, e o tornaria concussionário dos bens cuja gestão Deus lhe confiou.
— O verdadeiro cristão nada tem em próprio; quer busque, quer plante, quer construa, quer faça o que quiser, deve saber que é a Deus que o faz, e a Ele que deve prestar contas; se se preocupa com o que fazem os seus companheiros nos prazeres deste mundo, está ainda longe do reino de Deus, não pode dizer-se em consciência um cristão, está ainda apenas na forma do cristianismo e não no Espírito do Cristo; a forma desaparecerá com o tempo, só o Espírito permanece eternamente.
— O verdadeiro cristão deve sê-lo em espírito; deve trabalhar para dar uma forma a esse espírito, não somente por palavras, mas por obras; não basta pregar, é preciso ainda morrer realmente para o eu, para renascer, pela vontade de Deus, no Amor, como artesão de Seus milagres; é preciso fazer a sua parte no concerto divino, no Verbo perpetuamente criador, é preciso operar o que Deus faz e cria.
— Olha, pois, cristandade, se operas segundo o Verbo ativo de Deus, se não estás simplesmente na forma do cristianismo, enquanto o teu eu age na vaidade. Vê como te tornaste uma abominação diante do Altíssimo, cujo Verbo perverteste, cobrindo-te com ele; descobrir-se-á esse manto de falsidade. Será preciso que quebres essa forma falsa; o Céu te ajudará a destruir a obra que realizaste na turba, adornando-te erradamente com o verdadeiro Nome, enquanto só servias o homem terrestre.
— O servidor verdadeiro será buscado, o Senhor reunirá as Suas ovelhas, os orgulhosos aprenderão o que é o julgamento do Senhor, toda esperança ateia será quebrada, pois o dia da colheita se aproxima. O temor do Senhor faz tremer o mundo, a Sua voz ressoa até às extremidades da terra, e a estrela dos Seus milagres se levanta. Ninguém prevê isso, pois esse segredo está encerrado no conselho dos vigias.
— Que cada um se examine, pois, porque o tempo avança. Todos os falsos desejos foram encontrados na turba; e o grande motor de todos os seres descobre o que estava oculto nessa turba, e cada coisa retornará ao seu guardião eterno. Tudo veio do desejo, tudo terminará no desejo, e todo desejo colherá o seu grão. O milagre da eternidade tomou a forma temporal e reentrará em seu primeiro lugar. Todas as coisas retornarão lá de onde partiram, mas conservando a forma própria que criaram para si no Verbo pronunciante: é o fim do tempo. E como todas as coisas foram engendradas desse Verbo, que assinou a sua forma interior e a sua forma exterior.
— A vontade própria dá uma forma própria, a vontade abandonada tem uma forma segundo a eternidade; como a Sabedoria divina age antes da criação, a vontade eterna produz uma forma para a glória de Deus. O que é individual modela-se a si mesmo, mas o que é livre recebe a vontade livre; a forma própria não pode herdar do Ser Único, pois onde há duas vontades em um único ser, há luta.
— Visto que Deus é Um, tudo o que quer viver Nele deve submeter-se à Sua vontade. Uma viola deve ser afinada, embora cada uma de suas cordas renda um som diferente, o mesmo acontece com a harmonia humana; e se um espírito volitivo não quer se submeter ao acordo, será rejeitado para aqueles que lhe são semelhantes.
— Se um espírito se tornou mau, irá com os maus, pois toda fome busca o seu análogo. A manifestação eterna não é outra coisa senão uma fome; tal é essa fome, tal é o seu cumprimento; ela é o começo da criatura, e é também a sua reintegração. Pela fome, o espírito se engendra com o corpo; por ela, reentra na eternidade, morrendo para si mesmo, e a morte é o único meio pelo qual o espírito pode mudar de forma. Se morre para si

mesmo, produzirá um novo broto, não mais segundo a sua fome primeira, mas segundo a sua fome eterna; se uma coisa reentra em seu nada, retorna ao Criador que faz dela aquilo para o que a vontade eterna a tinha destinado: tal é o verdadeiro objetivo da eternidade.
— Tudo o que circula na Natureza se tormenta. Mas o que chega ao fim da Natureza atinge o repouso e age na unidade do desejo. O que produz o combate na Natureza produz em Deus a alegria, pois todo o exército Celestial está ordenado em uma única harmonia. Cada reino angelical é um instrumento e todos juntos constituem a sinfonia do Amor divino. O que Deus é em si mesmo, a criatura o é nele: Deus-Anjo, Deus-Homem, Deus tudo-em-todos, e fora Dele não há nada mais. Como tudo era antes do tempo, toda a criação permanece Nele na eternidade: tais são o começo e o fim.

Capítulo XVI

Da assinatura eterna e da alegria celeste, por que todas as coisas são levadas para o bem e para o mal
Sumário: Da razão do mundo — Da liberdade que receberam as criaturas — Prova dessa liberdade — Resultado dessa prova — Seus símbolos bíblicos: Adão, Esaú, Jacó, o Cristo — A vida dos anjos e a vida dos diabos, de Lúcifer em particular.
— A criação inteira manifesta o bem onipresente; tudo o que ele é em seu regime sem começo, a criação também o é, não como onipotência, mas como uma maçã cresce na árvore: todas as coisas jorraram do desejo divino, embora, no começo, não houvesse essência alguma, mas somente o mistério do engendramento eterno em sua perfeição.
— Deus não fez a criação para se tornar mais perfeito, mas para manifestar a Sua magnificência: a Sua beatitude não começou com a criação, ela existia de toda a eternidade no Grande Mistério, mas somente como um movimento espiritual. A criação é a exteriorização desse movimento, como a harmonia grandiosa de uma multidão de instrumentos.
— O Verbo eterno, que é um espírito, expressou-se por formas: a Sua obra é semelhante ao jogo do Espírito, Ele é o Verbo pronunciado, Ele dirige a harmonia viva, como o tocar de um órgão no qual um pouco de ar faz com que cada tubo renda um som particular e concorra para constituir a melodia completa.
— A obra da manifestação divina inteira é apenas um único espírito que realiza, pelo Verbo pronunciante ou pela vida, o Grande Mistério de onde tudo provém.
— Os Coros angelicais manifestam a voz divina, e são uma parte desse Grande Mistério; eles formam um todo, no Verbo falante, pois um único espírito os rege. Cada príncipe angelical é uma propriedade da voz divina e leva o grande nome divino. Temos disso uma imagem nas estrelas do firmamento e nos principados da terra, onde os subordinados levam o nome do seu chefe; as estrelas também não formam senão um único corpo; as maiores entre elas levam o nome do Mistério das sete formas, e as outras estão hierarquizadas como num reino; tudo está regulado como num relógio, as estrelas fixas têm

as suas propriedades particulares, e os sete planetas têm as suas, segundo as sete formas da Natureza, provindas do mistério eterno, pela ação do Espírito.
— A força geradora das estrelas age nos elementos, que lhe são o corpo; elas aí produzem o prazer ou a dor, e contudo em si tudo é bom; a mistura das criaturas vem do desejo que as exalta na ira do fogo e as faz sair da concordância.
— Nenhuma coisa é má se permanece na harmonia; o que se torna muito mau ao sair da concordância, permanece muito excelente ao aí permanecer: o mesmo móbile pode, pois, produzir alegria ou dor.
— Nenhuma criatura pode, portanto, acusar o Criador de a ter feito má; elas são todas muito boas, mas tornam-se más ao se exaltarem fora da harmonia, e ao passarem do Amor à dor.
— Em sua criação, o rei Lúcifer estava na mais alta beatitude; mas saiu da harmonia, elevou-se no fogo frio e sombrio, deixou o seu lugar, quis tudo dominar: tornou-se assim um instrumento da potência severa do fogo, que faz ressoar o espírito universal, mas segundo a furia. Tal é a harmonia ou a forma vital em cada coisa, tal é a sua ressonância no som eterno, santo com os santos e perverso com os perversos.
— Todo ser louva o Criador; os diabos O louvam na potência da Fúria; os anjos e os homens O louvam na potência do Amor.
— O Ser dos seres é um; ao engendrar, Separa-se em dois princípios: luz e trevas, alegria e dor, bem e mal, amor e ira, fogo e luz; e desses dois num terceiro começo que é a criação, na qual se reencontram os dois primeiros desejos.
— Cada coisa vive em sua harmonia, movida por um único espírito semelhante em cada uma à qualidade dessa coisa: tal é a ordenação do Grande Mistério eterno, regulado segundo cada princípio e segundo a propriedade particular de cada coisa.
— Em tudo o que é temporal, a morte é a separadora que quebra o mal. O que sai de sua vida primitiva para entrar em outra figura, deixa a ordem divina e é rejeitado como uma dissonância, e é levado para o lado das dissonâncias.
— O inferno tornou-se a morada do diabo porque ele se fez o instrumento do fogo eterno ao introduzir a sua vida na Ira de Deus e na fúria da Natureza eterna; o espírito da Ira o faz ressoar para a glória de Deus.
— Essa Ira é a sua alegria, não que ele vivesse antes na tristeza e na impotência, mas porque quis reinar pelo fogo, pela propriedade que ele mesmo é no primeiro princípio, no mundo tenebroso.
— Por outro lado, o mundo angelical é o outro princípio onde aparece a clareza divina em todas as essências, onde a voz divina se faz ouvir em todas as criaturas, onde o espírito produz a beatitude e o amor nos seres angelicais: como no fogo treme a angústia, no Amor treme a alegria que produz a beatitude nos anjos e nas almas dos homens.
— A voz de Deus faz descer a Sua beatitude na criatura, por quem ela se manifesta; o mundo é a imagem vivificada pelo espírito daquilo que Deus engendra por Seu Verbo eterno, fora do Grande Mistério, segundo a propriedade do Pai.
— Todas as propriedades desse mistério se reencontram nos anjos e nos homens; as criaturas não se regozijam em silêncio da majestade divina; mas o espírito eterno age de eternidade em eternidade e manifesta perpetuamente a Sabedoria infinita. Do mesmo modo, a terra produz sem cessar flores, árvores, metais e seres cada vez mais fortes e cada vez mais belos; quando um nasce, o outro desaparece; é um movimento e um trabalho contínuos.
— Do mesmo modo que, no mistério santo, os frutos se multiplicam, as luzes florescem, os odores do Mercúrio divino e os sabores do Amor se desabrocham sem cessar.

— Tudo aquilo de que o mundo é a imagem existe no reino de Deus ao estado espiritual perfeito; não somente como espírito ou como pensamento, mas como essência e sapidez corporais, embora incompreensível ao mundo exterior. O mundo visível nasceu dessas essências espirituais onde reside o elemento puro e da essência tenebrosa do mistério da fúria.
— Este mundo visível não é constituído pela essência eterna, mas de sua exalação de amor e de ira, de bem e de mal; ele é o produto de um princípio particular do espírito eterno.
— Tudo o que ele contém reproduz o mundo angelical; não que o mal que se vê neste mundo se encontre no céu; há dois princípios: no céu, tudo é bom e luminoso; no inferno, tudo é furioso e tenebroso.
— O inferno também produz frutos, como o céu, mas segundo a propriedade furiosa; pois o fogo torna nas trevas tudo mau, e na luz tudo é bom; e esses dois mundos eternos não fazem, em suma, senão um único.
— As trevas e a luz se separam e se odeiam para que se reconheça o bem e o mal.
— Na Natureza eterna, tudo é um em princípio; no mundo angelical, o fogo é o Amor, e é a Ira para o inferno; o primeiro é a morte do segundo, quer tirar-lhe a sua força, mas a fúria lhe resiste, pois se não houvesse fúria, não haveria fogo, portanto nenhuma luz; se não houvesse ira, não haveria alegria; esta se transforma naquela na luz; a essência do fogo tenebroso mata a si mesma e renasce no amor: assim, a luz se nutre da cera e na vela o fogo e a luz são uma só coisa.
— O Grande Mistério é também um em si mesmo, mas pelo seu desenvolvimento eterno, divide-se em bem e em mal; o que é bom para um é mau para o outro; o inferno não é bom para os anjos, visto que não foram criados para ele, mas é bom para os diabos.
— Por outro lado, para estes, o céu seria a sua morte; há, pois, uma inimizade eterna e só Deus é um. Segundo as trevas, Ele diz: Eu sou um Deus ciumento e um fogo consumidor; cada criatura deve permanecer no lugar onde foi criada e do qual é uma imagem, e não pode sair dessa harmonia sem se tornar um adversário ao Ser dos seres.
— O inferno é, pois, inimigo do diabo, visto que este não passa aí de um hóspede estranho, ele quer reinar onde não foi colocado. Toda a criação o tem por um espírito caído, saído do seu posto, inimigo da fúria, embora seja ele mesmo a fúria e parasita da Ira de Deus. Aquele que era demasiado rico tornou-se demasiado pobre; possuía tudo quando se mantinha na humildade, está na vergonha; é um rei que dilapidou o seu tesouro; o rei ainda está lá, mas o reino se foi; é juiz daquilo que a Ira de Deus agarra, mas só pode fazer o que o seu mestre quer.
— A razão contradiz a isso dizendo: Deus é onipotente e onisciente, Ele pode fazer de Sua obra o que quer; quem pode resistir ao Altíssimo? Sim, querida razão, tocas no ponto capital, mas aprende primeiro o A. B. C. do Mistério.
— Tudo o que vem da vontade eterna, os anjos e as almas, permanece em uma medida igual entre o bem e o mal, na Volontade livre como Deus mesmo. O desejo que supera o outro na criatura no momento da qualificação dá a sua qualidade à criatura; do mesmo modo que uma vela produz a chama e que da chama sai um ar, que o fogo atrai a si, e que dele sai novamente; quando esse espírito saiu do fogo e da luz, está desembaraçado dele e assume a propriedade que aceita.
— O primeiro mistério da criatura é o universal; o segundo, o seu espírito, é a sua vontade própria. Cada anjo possui o seu espírito próprio, vindo do seu mistério próprio; esse espírito tenta a Deus e prova o mistério universal que, então, o aprisiona, como aconteceu a Lúcifer. Ele tinha em si a fúria e o amor; por que o espírito provindo desses dois princípios, à

imagem do Espírito de Deus, não permaneceu na obediência e na humildade, como uma criança diante de sua mãe?

— Tu respondes: Ele não pôde. É inexato. Um espírito está em equilíbrio no lugar onde é criado e aí é livre; é um com o espírito universal, embora possa aí criar a seu bel-prazer um desejo no Amor ou na Ira; ele recebe no Grande Mistério a propriedade do desejo que emite. A potência geradora está em Deus; por que não estaria na criatura feita à Sua imagem? A criatura é dominada pela propriedade que evocou.

— A vontade de Deus para com a criatura é uma, segundo aquela das propriedades do Mistério eterno que foi apreendida. Lúcifer foi sim concebido como bom anjo, mas a sua vontade própria despertou nele a mãe eterna para dominar por seu meio; o espírito da vontade é o ponto de partida, é livre, faz o que quer.

— Provindo dos dois princípios, ele escolheu a fúria; esta se exaltou e o arrastou consigo: tal é a queda de Lúcifer e dos maus.

— A razão cita a Escritura: «Muitos chamados, poucos escolhidos» (Mt., XXII, 14). Item: «Amei Jacó e odiei Esaú». Item: «Não pode o oleiro fazer da argila o que quer?» (Rm., IX, 13 a 21). Há poucos escolhidos porque eles não querem; se colocam a sua vontade na Ira, tornam-se seus filhos; contudo, estão todos chamados à regeneração em Adão e em Cristo; o Amor só elege o seu semelhante e a porta está aberta, no entanto, aos ímpios, embora estejam aprisionados na Ira; o homem tem a morte em si, pela qual pode escapar do mal, mas não o diabo, pois ele foi criado na mais alta perfeição.

— Quanto a Jacó, representava a linhagem do Cristo, e Esaú a queda de Adão; o primeiro só fora prometido à humanidade para apagar a falta do segundo e libertá-la da Ira. Não sei se Esaú permaneceu pecador; a Escritura não o diz: a bênção lhe foi dada; ele a desprezou; ela foi então transferida a Jacó, isto é, ao Cristo, que abençoou mais tarde Esaú e Adão: a porta da graça ser-lhes-ia aberta assim.

— Jacó-Cristo falou como se segue quando entrou na alma e na carne de Adão: «Vinde a mim, todos vós que estais cansados, e eu vos aliviarei» (Mt., XI, 28). Item: «Vim para chamar o pecador ao arrependimento», não Jacó, mas Esaú, que dele tem necessidade; quando este último responde ao chamado, Cristo diz: «Há mais alegria no Céu por causa dele do que por noventa e nove justos que não precisam de penitência» (Lc., XV, 7). Há, de fato, mais alegria pelo pobre pecador que entra na morte do pecado.

— Mas quem são os justos? Em Adão, todos nos tornamos pecadores. Os justos são aqueles que apreenderam a linhagem do Cristo na humanidade; não que não possam cair em Adão, mas foram escolhidos pelo espírito do Cristo no ponto da roda onde o Amor e a Ira se equilibram. Foi assim para Jacó, Isaque e Abel; a sua linhagem teve de instruir a de Caim, de Ismael e de Esaú, para tirá-los da Ira, para quebrar o aguilhão do diabo pelo Amor; se, pois, eles querem se converter e entrar na morte do Cristo, poderão ser escolhidos pela Graça.

— Por que Jacó foi abençoado em lugar de Esaú? Nele estava oculta a semente de Abraão e de Adão pela qual a bênção devia descer sobre Esaú, o primogênito; pois é em nossa carne e em nosso sangue que o Cristo deve nascer para que a semente da mulher possa esmagar a cabeça da serpente.

— Ele deve apaziguar a ira na humanidade, não por um sacrifício propriamente dito, mas pelo abandono do Amor; Jacó-Cristo devia dessedentar Esaú com o seu sangue para que este se tornasse um Jacó em Cristo. Quando Esaú não quer reconhecer a primogenitura de Jacó, é Adão que não quer aceitar o Cristo, pois ser-lhe-ia preciso morrer para a carne pecadora; é por isso que Esaú combatia com o Adão terrestre contra Jacó.

— Quando Jacó veio ao seu encontro com presentes (Gn., XXXIII, 10, 11), é Cristo que se oferece à humanidade com o seu amor; Esaú chorou nos braços do seu irmão, é Adão que se arrependia nele do seu projeto fratricida; o Amor faz passar a compaixão para que uma porta de misericórdia seja aberta aos filhos de Adão; e, mergulhando na morte, quebra a Ira e traz a graça até ao pobre pecador.
— Este último deve, pois, entrar na morte pelo Cristo, para que o sangue divino o purifique e o eleve de novo como filho de Deus.
— Cristo nos chama à sua morte; e as duas sementes, a da mulher e a da serpente, lutam no pecador; e aquela das duas que triunfa engendra a criança. A vontade livre pode, pois, passar por uma das duas portas. Muitos daqueles que pertencem à linhagem do Cristo são conduzidos ao mal pelo desejo; são chamados, mas não resistem à prova; é-lhes preciso sair do pecado e ressuscitar com o Cristo. Aquele que aceita Deus-Cristo, não somente de boca, mas de toda a sua vontade, será escolhido. A ciência não apreende essa escolha, mas o desejo profundo e a ruptura do mal.
— O que a razão sabe da escolha da Graça não é suficiente; Adão foi bem escolhido; se um ramo murcha, a culpa não é da árvore que envia a todas as suas ramificações indistintamente a sua seiva; mas se o broto cresce numa vontade própria, é queimado pelo fogo do Sol antes de ter podido se refrescar na seiva natural. O homem se corrompe do mesmo modo; para que Deus lhe dê a sua graça, é-lhe preciso fazer penitência; mas a sociedade e o diabo o conduzem na via ímpia até que esteja estreitamente aprisionado na Ira; o trabalho é então muito mais difícil. É assim que a graça passa por cima de sua cabeça, a menos que ele se torne novamente pio.
— Muitos são chamados, mas não são capazes de receber a graça por causa de sua má vontade; é por isso que está dito: «Tocamos flauta para vós, e não dançastes, etc.» (Mt., XI, 17), e ainda: «Ó Jerusalém, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, etc.» (Mt., XXIII, 37); não está dito: «Não pudeste», mas «Não quiseste»; Deus não dará a sua pérola aos porcos, mas àqueles dos seus filhos que se aproximam Dele.
— Quem, pois, acusa a Deus, despreza a misericórdia que Ele mostrou para com o gênero humano e pendura ele mesmo o seu julgamento no pescoço.
— Representei fielmente ao leitor o que o Senhor me mostrou; se ele se olhar neste espelho, interior e exteriormente, aí encontrará a sua utilidade. É uma porta muito larga aberta sobre o Grande Mistério. As glosas de nada servirão; é a experiência mesma nas coisas naturais que aproveitará ao buscador.
— Pois os lírios florescerão sobre as montanhas e nos vales até às extremidades da terra. Quem busca encontra. Amém.
Fevereiro de 1622

PEQUENOS TRATADOS

transcritos em substância
A esfera filosófica
(Em Quarenta perguntas sobre a alma)

1. — O Abismo, o Nada é a primeira base, o meio omniversal.
2. — Nele se forma um algo, um fundo, o *Mysterium Magnum*, olho da eternidade, inicial, primeiro ser.

3, 4, 5. — Nele está a divindade fora da natureza: o Pai (desembocando no nº 6), o Verbo (fonte do nº 7), o Espírito.

1. — Tintura, *ens* da Vontade divina, começo da Natureza; médium entre o arcano da Trindade e o da Natureza.
2. — Fogo, princípio, resolutor.
3. — Essência, lugar das sete formas, produzido pela magia do desejo divino.
4. — O Pai fora da Natureza, centro do 1º princípio tenebroso, fonte da Natureza eterna.
5. — Espíritos eternos, almas dos anjos e dos homens, centro como o nº 9; produz:
6. — Vontade da alma, recebe a inteligência no 2º princípio luminoso passando pelo:
7. — Vontade, e o:
8. — Alma, para desembocar no:
9. — Espírito Santo, vindo do nº 9, desdobra-se na liberdade e na Natureza, embora a Natureza não o saiba.
10. — A imagem sobrenatural: desejos do amor divino.
11. — O abismo, desembocadura do nº 9; e dando à imagem a sua liberdade.
12. — A potência do Pai que se exerce na:
13. — A ira ou as 3 primeiras formas.
14. — A astúcia produto do nº 17 sobre o nº 18.
15. — O diabo vivendo pelo nº 18 e pelo nº 19.

21, 22. — Astúcia diabólica.

1. — Vontade colérica.

24, 25, 26. — Fogo e angústia das trevas, morada do nº 23, avareza essencial.

1. — Morte: fim dos precedentes.
2. — Vontade saída do nº 27 em direção ao 2º princípio.
3. — Luz divina.
4. — Espírito de Sophia.
5. — Homem regenerado contendo:
6. — Imagem divina e habitando em:
7. — Deus.
8. — Número nove: tintura divina, morada do regenerado.
9. — Morada eterna da alma.
10. — Mundo angelical cercando o nº 36.
11. — Demônio do orgulho.
12. — Lúcifer, vontade do diabo.
13. — Mundo tenebroso e

14. — Inferno eterno.
15. — O Filho, verbo eterno.
16. — Céu, lugar do desejo divino.
17. — Elemento puro, que se manifesta pela

44, 45, 46. — A Trindade na Luz.

1. — Desejo espiritual divino, proveniente do nº 46.
2. — Humanidade divina vindo do nº 44.
3. — Paraíso verdejante da eternidade ao tempo.

50, 51, 52. — Essência divina, e corpo divino do Cristo.

1. — Mistério da matriz da terra.

54, 55, 56. — Mistério angelical espiritual.

1. — Quatro elementos.
2. — Beatitude, vindo do nº 45.
3. — Morada do homem espiritual.
4. — A terra.
5. — O homem terrestre.

62, 63. — Milagre de Babel.

Abismo

1º princípio: Trevas	A Cruz, Filho	2º princípio: Luz
Trindade: 3 a 5	41 a 43	Trindade: 44 a 46
Qualidades diabólicas: 23 a 26	27	Regeneração: 28 a 36
O Pai; a alma	16	O Espírito: 9 a 15
Os Infernos: 17 a 22	49, 50 a 52, 53. Paraíso	Os Céus: 50 a 56, 59
6 a 8 Propriedades ígneas 37 a 40	57, 60 a 63 3º princípio	47, 48, 58, Propriedades luminosas

Abismo

Abismo

Abismo

As sete formas de Babel

(Apoc., I)

No 1º Princípio (Ira)

* — Acrede, cobiça, vontade, Sal.

* — Amargor, aguilhão da sensibilidade.

* — Angústia, alma, Mercurius.

Canal, resolutor, relâmpago:

4. — Fogo ou espírito.

No 2º Princípio (Luz)

* — Luz, Amor, Fonte da vida eterna.

* — Som, compreensão.

* — Corpo, seidade.

No mundo moral, essas sete tornam-se respectivamente:

Propriedades infernais (3 \frac{1}{2}):

* — Dureza, frieza, avareza.

* — Inveja, ciúme.

* — Inimizade.

* — Orgulho, fogo tenebroso.

Propriedades celestes (3 \frac{1}{2}):

4. — Amor, fogo luminoso.

5. — Doçura.

6. — Beatitude.

7. — Individualidade paradisíaca.

No 3º princípio, natureza naturada, criação temporal, compreendendo os planos físicos e os planos astrais, essas sete formas se manifestam respectivamente como:

* — Frieza, Dureza, ossos, pedras, sais.

* — Vida, crescimento, veneno, sentidos, enxofres.

* — Sensibilidade, torvelinhos, lutas, dores, mercúrios.

* — Espíritos, compreensão, desejo.

* — Organização, Vênus, luz vital natural.

* — Voz, órgãos, indivíduos, especialização.

* — Corpos físicos, invólucros materiais.

O 1º princípio (Fogo, Ira, Trevas) é como o acendimento de uma tocha; a quarta forma é o seu Fogo; o 2º princípio (Luz, amor) é o seu brilho.

As 1ª e 2ª formas são a raiz de fogo frio, princípio de todos os sais; as formas 3 e 4 são a raiz de fogo quente, infernal e diabólico.

Aqui está a tradução integral da página 174 e 175, incluindo a reconstituição exata da tabela em formato Markdown:

TABELA DOS PRINCÍPIOS

O 1º princípio é o mundo das trevas,

O 2º princípio é o mundo da luz,

O 3º princípio é o mundo elementar, astro-físico.

Primeiro, o que é Deus?

- **AD** | Pai | Vontade | **IE** |
- **O** | Filho | Desejo | **HO** |
- **N** | Espírito | Ciência | **VAH** |
- **A** | Potência | Palavra | **Vida** |
- **I** | Cores | Sabedoria | **Virtude** |

A é um **I** triplo que exprime o centro, a interiorização e a exteriorização.

D é o movimento do **A.**

O é a sua circunferência.

N é o triplo espírito.

O 2º A é a reação do primeiro.

I é a unidade do efluxo total.

O **Pai** é o eterno começo.

O **Filho** é a operação do Pai.

O **Espírito** é o movimento vivo.

A **Potência** é a vida sensível, compreensível.

As cores são o objetivo, pretexto da contemplação.

A **vontade** é a passagem do um ao três.

O **desejo** é o algo saído do nada.

A **ciência** é a consciência, raiz dos sentidos e da vida eterna.

A **palavra** (Verbe) é a expressão da vontade.

A **sabedoria** é o espelho do todo.

IEHOVAH exprime os três sopros da unidade equilibrando-se um ao outro.

O quadro a seguir é a exteriorização do Verbo divino. Na palavra Tinctur,

- T é o Pai;
- I é Jesus;
- N é o Espírito;
- C é o Cristo;
- T é o Pai no Cristo;
- U é o espírito do Cristo;
- R é o trono real.

Esta palavra representa o jogo das sete formas na harmonia, as quais estão enumeradas na segunda linha do quadro. As 49 casas restantes devem ser lidas como uma tabuada de Pitágoras. Assim, por exemplo, a Luz (5) agindo sobre o som (6 horizontal) produz a sabedoria, etc.

A ETERNA NATUREZA

	Primeiro Mundo: Trevas				Segundo Mundo: Luz		
	T 1	I 2	N 3	C 4	T 5	U 6	R 7
	Desejo Atração	Ciência Aguilhão	Angústia	Fogo	Luz	Som	Ser
1	Trevas	Movimento	Turbilhão	Vida dolorosa	Amor	Compreensão	Ação
2	Dureza	Inimizade	Ânima	Frio	Alegria	Cinco sentidos	Forma
3	Acutidade	Exaltação	Vida	Morte	Potência	Amor	Sêmen
4	Fúria	Orgulho	Tremor	Inferno	Glória	Dom	Concepção
5	Grande morte	Vontade falsa	Pequena morte	Diabo	Anjo	Língua	Propagação
6	Aplacamento de mim	Ruptura	Separação	Loucura	Sabedoria	Glória	Humildade
7	Queda	Vontade própria	Voo	Fantasia	Conhecimento	Força	Trono

O MACROCOSMO

Este é um quadro do terceiro princípio que compreende a criação material, astral e psíquica. As sete colunas verticais são as sete formas que assinam todo o restante.

Formas	1	2	3	4	5	6	7
Mundo	Terra	Ar	Fogo	Céu	Dia	Estrelas	Água
Planetas	♄	☿	♂	☉	♀	⚸	☽
Alquimia	Sal	Mercúrio	Enxofre	Salitre	Óleo	Força	Corpo
Cores	Preto	Malva escuro	Vermelho	Amarelo	Verde, branco por dentro	Azul	Azul, vermelho por dentro
Complexão	Melancólica	Colérica		Sanguínea		Fleumática	
Mineral	Pedra	Metais	Ferrugem	Maturação	Pérolas	Gemas	Menstruação
Metais	Chumbo	Mercúrio	Ferro	Ouro	Cobre	Estanho	Prata
Vegetal	Madeira, ossos	Plantas	Dureza	Tintura terrestre	Doce	Amargo	Ervas
Medicina	Ácido	Veneno	Dor	Abrir	Curar	Fortificar	Purificar
Sentidos	Paladar embotado	Sentir	Tocar	Ver	Gosto	Ouvir	Degustação
Sociedade	Morrer	Mentir	Guerra	Riqueza	Nobreza	Intelecto	Possuir
Poderes	Domínio	Astúcia	Força	Direito	Fidelidade	Verdade	Simplicidade
Sentimentos	Roubar	Enganar	Perder	Encontrar	Alegrar-se	Amizade	Obediência
Humor	Triste	Louco	Desanimado	Constante	Puro	Alegre	Tolo
Qualidades	Terrena	Animal	Mau	Celeste	Boa	Sensorial	Baixa
Animais	Lobo	Raposa	Cão	Leão	Pássaro	Macaco	Porco
Espécies	Vermes	Serpentes	Feras	Domésticos	Cervo	Grandes	Peixes
Estados	Avareza	Pecado	Damnação	Arrependimento	Renascimento	Amor	Sabedoria

O mundo astro-físico, o terceiro princípio, é uma imagem da Trindade divina. Cada planeta realiza uma das sete formas da Natureza, na seguinte ordem:

* Saturno representa a atração.

* A Lua — a corporificação (Estes dois formam o enxofre).

* Júpiter — o coração de Saturno, como um cérebro.

* Mercúrio — o som.

* Marte — a angústia.

* Vênus — a luz.

* O Sol — o fogo.

Mas, na realidade, não há hierarquia de cima para baixo; tudo é um torvelinho.

A terra é como a oitava esfera, o fogo central separador; em seguida vem a Tintura celeste; depois a Majestade divina; depois Deus.

O Zodíaco é o regime anímico, ou cordial; ele se divide segundo a tintura e segundo o astral.

O regime da tintura divide-se em 6 estrelas, ou letras, que ele extrai deste mundo; e em seis outras vindas do espírito tinctorial emanado do Centro eterno: são as doze estrelas que coroam a mulher vestida do Sol.

Esta mulher tem um reino abissal e um reino criatural; a décima segunda estrela é angelical e humana; em cada uma de suas metades ela tem um centro ígneo e um terrestre: o que faz 2 \times 2 \times 6 = as 24 letras das línguas terrestres.

No quadro acima, as três primeiras colunas verticais são a base da Natureza; a 4ª e a 5ª são o elemento puro, a harmonização no mundo interior espiritual, e que, no físico, se chama a quinta-essência. Por fim, as 6ª e 7ª colunas são o desabrochar na Luz daquilo que foi semeado nos elementos.

O microcosmo

Este quarto quadro compreende também as sete formas segundo as suas sete colunas verticais, comportando cada uma uma letra da palavra Tinctur, um planeta e um dia da semana. Böhme descreveu nas seis colunas horizontais um ternário estabelecendo o paralelo das qualidades em Adão antes de sua queda, em Satã e em Cristo; isto é, na alma em sua inocência, em sua queda e em sua regeneração.

Tabela — As sete formas e suas correspondências

Adão / Satanás / J.C.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**
Símbolo	♃*	☿	♂	☉	♀	♃	☽
Forma	**A**	**M**	**E**	**ES**	**PR**	**IT**	**CORPS**
1	Convite Acuidade Verbo	Movimento Cólera Vida	Sensibilidade Dor Aceitação	Ver Amargura Doçura	Amar Inimizade Glória	Alegria Temor Poder	Corpo celeste Sofrimento Essência divina
2	Imagem Egoísmo União	Exalação Vã ciência Abandono	Mobilidade Vontade própria Sofrimento	Altura Tirania Sacrifício	Vontade inferior Orgulho Desejo	Louvor Vergonha Harmonia	Unidade Loucura Sabedoria
3	Gosto Querela Batismo	Sentido Mentira Lei	Temperamento Angústia Apostolado	Compreensão Dúvida Esperança	Espírito Queda Humildade	Palavra Covardia Fé	Evestrum Vomissement Gênio

4	Força Reinar Baixeza	Penetração Força Obediência	Poder Maldade Compaixão	Santidade Suspiro Perdão	Conveniência Estouvamento Dom	Poder Loucura Criação	Trono Amor-próprio Honrar
5	Anjo Diabo Cristo	Servil Inimigo Introversão	Suave Ladrão Penitência	Animal Assassino Nova vida	Beleza Prostituição Santidade	Virtude Veneno Restituição	Carne Carne terrestre Sophia
6	Céu Inferno Apelo	Inocência Luta Escola	Oculto Doçura Libertação	Manifesto Queda Renascimento	Canto Loucura Alegria	Harmonia Confusão Oração	Paraíso Abismo Veracidade

“Jacob Böhme escreveu estas tabelas em fevereiro de 1624, a pedido de Johann Siegmund von Schweinitz e de Abraham von Franckenberg.”

A MANIFESTAÇÃO DIVINA

(47ª Epístola Teosófica)

Deus considerado em Si mesmo, acima da Natureza e da criatura, deixa entrever sete aspectos:

1. O abismo. Ain-soph
2. O nada e o tudo; o um; o Pai. Je
3. O desejo, conceptualidade do querer; o Filho. Ho
4. A ciência, o movimento, o Espírito. Vah
5. A Trindade, a razão eterna de todas as coisas.
6. O Verbo divino, o falar, a expressão.
7. A Sabedoria, o verbo pronunciado, espelho onde Deus se contempla.

Aqui começa o Grande Mistério (*Mysterium magnum*) ou a Natureza eterna, que é a diferenciação operada pelo Verbo ao pronunciar-se; ela ocorre primeiro em sete formas e depois subdivide-se indefinidamente. Ela parte de um estado de harmonia que forma a fronteira, se assim se pode dizer, entre Deus e a Eterna Natureza; este estado é a Tintura (10).

1. O 1º princípio compreende as três primeiras formas:
    - A cobiça, noite, dureza, astringência (sal).
    - O aguilhão, ciência, movimento, vida infernal, princípio da inimizade.
    - A angústia, essência, temperamento, sensibilidade (enxofre).

O fogo separa este 1º princípio do

1. 2º princípio (Deus segundo o Amor), que se compõe das três últimas formas:
    - A luz ou o amor.
    - O som, ou a diferenciação, a separação.
    - E o ser, ou a sabedoria essencial.
2. As três primeiras formas são a vida diabólica; e as três últimas, a vida angelical.
3. A matéria deste último mundo é o Elemento puro, de onde nascerão mais tarde, no 3º princípio, os quatro elementos.

DA ASSINATURA DAS COISAS

1. A vida própria, o crescimento, o movimento e todas as transformações, neste mundo angelical, interior e espiritual, é o Paraíso.
2. Aqui começa o mundo exterior temporal. Estes três mundos estão uns dentro dos outros; não estão nem no alto, nem embaixo, nem internos, nem externos; estão juntos; tudo está em tudo. Este terceiro princípio é o Verbo pronunciado, assinatura dos dois invisíveis que o regem; eis como se pode representá-lo:
3. O Verbo pronunciando no 1º princípio torna-se a alma humana no segundo princípio, e no 3º, o firmamento, água seca ígnea, com radiação estelar.
4. O Amor e a Ira lutando (no 1º princípio), Adão inocente (no 2º), tornam-se, aqui embaixo, a Quinta-essência, as estrelas, o astral, isto é, forças sutis diferenciadas em bem ou em mal, analogamente à diferenciação da Ciência divina. Esta quinta-essência é a vida boa das criaturas.

5. A lei de Deus aplicando-se à diferenciação (1º princípio), a vida humana na harmonia do paraíso terrestre (segundo o 2º princípio) produzem, no 3º, os quatro elementos terrestres, com seu veneno e suas impurezas.
6. O mundo material físico.

CORRESPONDÊNCIA DAS SETE FORMAS E DOS QUATRO ELEMENTOS

(47ª Epístola Teosófica)

A lei divina, promulgada segundo o Verbo criador, faz com que o homem caia fora da harmonia paradisíaca. A cobiça é o *fiat*, ou o começo da Natureza; ela se imprime em sua própria substância: daí vem tudo o que é astringente, pesado, duro, inerte, Saturno, a Terra.

A maldição divina, segundo a Natureza, faz nascer a distinção do bem e do mal e a materialidade do corpo. Da Ciência vêm o movimento, a diferença, a sensibilidade, a vida. Ela é a separadora do puro e do impuro; é por ela que, na quinta-essência, as terras brutas são rejeitadas, e a terra pura que resta é uma água seca, o Mercúrio, princípio do ar. Pois o Verbo exterior é a contrapartida do sopro de Deus. Tais são o planeta Mercure e o elemento Água.

A Ira divina, precipitando o homem no inferno, é a 3ª forma, a Angústia; ela produz em nós os cinco sentidos, a ideação; na terra, o Enxofre; e na quinta-essência, o *Spiritus Mundi*; nos planetas, Marte, reforçado por Saturno e envenenado por Mercúrio; nas trevas, o inferno; na luz, a Alegria. É o elemento Fogo.

Deus é perverso com os perversos, e bom com os bons (*Sl 18, 26*); o homem animal é, assim, bom ou mau, segundo as influências. Do desejo vêm a Natureza e a Essência; da Ciência vem a vida sensível, o ato, a evolução e a reprodução. Da angústia nasce o fogo, ou a vida compreensível; do fogo vem o ar, que é o movimento da Ciência; do ar vem a água úmida, e desta, o ser elementar corruptível nos planetas, o Sol. Tal é o elemento Ar.

O Cristo vem para salvar o homem morto para a vida divina.

A Vontade do Nada originário conduz todas as qualidades criadas à morte do Fogo para fazê-las renascer na Luz. Na terra é assim que nascem os metais preciosos. Este relâmpago do fogo é um estalido do *salniter*; no meio, vê-se o óleo, e abaixo dele, uma água espiritual, que é o corpo da Tintura. Esta é a força unida do Fogo e da Luz; ela vem do Verbo descido na Natureza; é Vênus.

O Cristo é o porta-voz de Deus contra a confusão de Babel. Assim, a 7ª forma, o Som, é o Verbo expresso, a vida em seu desabrochar; é a virtude de cada coisa, é a inteligência; Júpiter.

O Cristo encarna-se para se opor ao homem animal. A 7ª forma, Essência, Deidade, Corpo, é uma matriz da Quinta-essência, um mênstruo do princípio, uma água onde tudo se desenvolve, um centro bom e mau; a Lua.

VOCABULÁRIO DA TERMINOLOGIA DE JACOB BÖHME

O pequeno trabalho a seguir não é um léxico completo dos termos empregados pelo célebre teósofo teutônico. Quis-se simplesmente resumir em poucas linhas para cada palavra o sentido a ser atribuído às expressões raras, desconhecidas ou inusitadas que abundam na obra densa deste grande iluminado. Não se encontrará aqui uma exposição do seu sistema, mas um simples instrumento de trabalho para quem deseja estudá-lo; é uma tentativa de remediar a luxúria de palavras e imagens que, somadas ao arcaísmo da linguagem, desanimam muitos leitores.

A

- **A:** Na língua da natureza, esta letra representa o desejo da eterna vontade tendendo a sair de si mesma para manifestar algo; não possui qualidade e encerra todas.
- Abismo: Morada da unidade divina, o Nada eterno, ou seja, aquilo que não é nenhuma coisa particular**.**

- **Adonai:** Nome hieróglifo ao qual correspondem:
    - **AD — Pai — Vontade — IE**
    - **O — Filho — Desejo — HO**
    - **N — Espírito — Ciência — VAH**
    - **A — Potência — Palavra — Vida**
    - **I — Cores — Sabedoria — Virtude**

É o movimento próprio da eterna e insondável unidade.

- **Aether** (Éter): Cada coisa tem seu éter, isto é, seu princípio imaginativo, que foi essa coisa antes de receber sua forma.
- Alquimia: Böhme fala dela apenas segundo sua iluminação. Veja todo o *Signatura rerum*.

- **Aquaster**: Matriz do elemento água, que produz o lado feminino nas criaturas; o *aquaster* celeste é a essência da terra celeste ou do elemento santo.

- **Archée** (Arqueu) ou Separador: É o Mercúrio ígneo ou o Verbo exteriorizado em todas as coisas, o agente pelo qual os seres são formados; determina antes de tudo o espírito deles; dele vêm os quatro elementos.

- **Astral**: As virtudes dos corpos siderados entrelaçam-se no espaço; aquelas que podem se combinar substancializam-se por essa combinação e dão dois produtos: um corpo espiritual ou astral, e outro corpo material, elementar ou físico. Assim, o astral está em toda parte; o Sol é seu centro gerador; ele próprio é a alma do mundo. Seu ponto de perfeição é o elemento um, fixo e celeste.

- **Amor**: O coração de Deus, seu verbo, os nomes Jesus e Ieová; no homem, a morada de Deus; na criação, a quinta forma da natureza. É o meio, o fim e o processo da nossa regeneração e de todo o mundo.

- **Alma**: A alma do homem é o fogo central eterno da vontade própria: é, portanto, o primeiro princípio; é o resumo dos três mundos, possui em espírito as sete formas da natureza, é imortal e superior aos anjos. O espírito da alma é a luz central ou Templo de Deus. A alma possui um corpo no mundo da luz (o elemento puro), um corpo astral segundo o *spiritus mundi*, e um corpo físico. Localiza-se no coração; o cérebro é seu órgão, a Tintura do corpo é seu corpo, e o sangue é sua casa.

C

- **Ceia**: O corpo de Cristo está em toda parte; a ceia evangélica é o símbolo da ceia espiritual que se reproduz cada vez que um homem regenerado se alimenta da vontade de Deus (carne e sangue de Cristo). Esse corpo sagrado torna-se o novo corpo do discípulo que veste sua alma quando esta resiste ao fogo da Ira. A luz espiritual, como a material, é um agente de expansão; ao doar-se, doa sua vida e essência. A fé do comungante apreende a alma de Cristo, sua boca interior apreende seu corpo e sangue, e sua boca exterior apreende o pão e o vinho.

- **Cobiça** (V. Desejo, Formas): É a atração; sua mãe é a vontade, podendo ser dupla: na luz ou nas trevas. Sua ação é saturnina, seu meio é magnético; seu objeto é um gerar em qualquer mundo que seja.

- **Cerimônias exteriores**: Meios mnemônicos; quando o Espírito Santo não as vivifica, são anticristãs.

- **Constelação**: Aspecto das estrelas ou esquema das influências invisíveis (externa no *Spiritus Mundi*, interna para as almas).

- **Corpo do Cristo**: Composto do mesmo elemento puro de que é feito o Sol.

- **Cagastrum**: O fogo exterior da geração, o centro da Natureza.

- **Centros**: Há um centro que é Deus em si. Quando Deus se propõe a criar, há um primeiro centro (Verbo), um segundo (Verbo pronunciado ou Sabedoria) e um terceiro (Verbo Fiat). Os centros da Natureza são suas sete formas. O centro do homem é a vida ígnea da alma. Todos os centros contêm a pedra dos Sábios.

- **Chaos (Caos):** Sempre um abismo, um *mysterium magnum*. Em Deus, é o próprio Deus como essência das essências; na criação, é o olho da eternidade, o desejo em direção à natureza; é a raiz da Natureza (sétima forma).

- **Céu**: O reino da alegria; encontra-se entre o paraíso e o inferno, estando em toda parte até o dia do julgamento. Compreende a Tintura, o Mercúrio ígneo e a Matriz eterna. Há um céu exterior (estrelado) e um interior (sétima forma, corpo de Deus, elemento santo).

- **Ira (Colère):** Um dos três mundos/princípios que engendra as quatro primeiras formas da Natureza. Corresponde a Deus Pai e está no centro de todas as criaturas, combatendo o amor. No homem, é o inferno, o Dragão.

- **Corpo**: Assinatura do espírito. O corpo de Deus é o Santo Ternário, o elemento puro e este mundo. O corpo do homem é o filho de toda a natureza (corpo exterior = *mysterium* do 3º princípio; corpo interior novo = *mysterium* do 2º princípio; entre ambos está o corpo sidérico).

E

- **Inferno** (Enfer): Prisão construída pela queda de Lúcifer, compreendendo as quatro primeiras formas da natureza. Sua vida é a ira, centro do mundo visível. Interpenetra-se neste mundo (3º) com o céu.

- **Espírito**: Toda vontade que se exalta produz um espírito (Espírito Santo, espírito deste mundo e espíritos das criaturas). O Espírito Santo é o sopro de amor que une

o Pai ao Filho. O *Spiritus Mundi* é o espírito das estrelas, a alma do mundo no 3º princípio.

- **Éden**: O Paraíso na terra. Antes de Eva, Adão habitava o Paraíso no Céu; depois, foi-lhe dado o Éden terrestre, interpenetrado por forças celestes.

- **Egoísmo** (Propriedade, Si-mesmo): Imagem do diabo; constitui o tormento dos danados.

- **Elementos**: Têm uma mãe fixa oculta neles. Produzidos pelas quatro primeiras formas da Natureza, contêm o corpo astral, a quinta-essência e a Tintura.

- **Elemento santo**: Preenche o Céu; é sua corporeidade, a terra celeste, o corpo da Virgem, o Santo Ternário. É uma essência espiritual que se coagula ao redor do Verbo criador.

- **Ens**: A vida da sétima forma, sensível, vegetante, o verbo pronunciado que se coagula no crescimento. O verdejar.

- Essência: A ciência eterna atrai a vontade do Pai, constitui um centro no Ternário divino e o expressa por um verbo. Essa verbalização é a essência. No homem, a vontade e o desejo são duas essências eternas.

- **Evestrum**: Corrente astral de reação provocada por uma alma humana ou outra.

☐ **F**

- **Fogo:**
    1. Primeiro princípio: fogo interno, sombrio, frio e colérico (4ª forma).
    2. Segundo princípio: luz e amor, fogo do sacrifício (5ª forma) que transmuta o fogo colérico.
    3. Terceiro princípio: fogo elementar ou material.
- Fiat: O verbo criador; separa as formas e atua pelo desejo e pela luz essencial.
- Formas da natureza (Qualidades, Propriedades, Rodas): São sete; cada uma engendra as outras seis.
    1. Desejo atrativo (amargura).
    2. Aguilhão/movimento.
    3. Angústia rotatória (soufre, mercúrio, sel).

4. Relâmpago do fogo.
5. Luz/amor.
6. Som/forma compreensível.
7. Essência/corpo. As três últimas formam o 2º princípio (o Filho).

- **Fúria**: Raiz de todas as coisas, alimento do Diabo e princípio de todo movimento.

G

- **Geração** (Engendramento): Há uma geração interior de Deus (incompreensível) e uma exterior (sétupla forma da Natureza). O mundo possui uma tripla geração (exterior, astral e interior). Na geração humana, o homem traz a alma e a mulher o espírito.

H

- **Óleo**: Designa a força da Tintura nos seres dos três mundos; gerado pela combustão da Tintura que se queima sem se diminuir.

I

- **Ieová** ou **Tetragrammaton**: Sustento de toda palavra. *Ie* é o Pai; *Ho*, o Filho; *Vah*, o Espírito. Deus onipresente, tendo Jesus como sua força.

- **Iliaster**: O começo da Natureza, estado semi-paradisíaco da essência divina fora da Natureza compactando-se para tornar-se Natureza.

- **Imaginação**: Tem princípio na primeira forma (desejo) e propaga-se até a quarta (fogo), onde se torna espiritual. Onde o homem coloca sua imaginação, aí ele se encontra.

- **Impressão**: Resultado da Cobiça.

- **Inqualificar**: Movimento pelo qual uma força entra em um organismo, o vivifica e sai (função respiratória estendida a todos os planos).

L

- **Limbus**: Matriz da forma ígnea (princípio dos seres machos no físico).

- **Línguas**: Cinco alfabetos principais: da natureza, hebraico, grego, latim e do espírito.

- **Limus**: A terra vermelha do Gênesis. O *Limus* celeste é o *Ens* do Verbo do Senhor; o terrestre é o *Ens* da Serpente.

M

- **Magia** (Magia): Sai do Pai e é concebida pelo desejo. Aplicada ao 3º princípio, pode alterar suas formas.

- **Matriz**: Tripla: do fogo (1º princípio), da luz (2º princípio) e deste mundo (3º princípio).

- **Magnet**: A cobiça essencial da natureza.

- **Mens**: Reside no *Ens* como a alma expressa pelo corpo a palavra mental.

- **Mercúrio**: O Mercúrio interior é o Verbo expresso na ignição da luz (som, música dos Anjos). O Mercúrio exterior é o separador, o arqueu, o artesão da natureza física.

- **Mesch:** Na língua da natureza, a terra vermelha, o *Limus* de todos os seres.

- **Minerais**: Metais não fixados.

- **Mundos**: Interpenetram-se. Os minerais correspondem ao primeiro mundo (Trevas/Fogo), os vegetais ao segundo

- (Luz/Amor), os animais ao terceiro (Físico), e o homem é destinado a ser seu Deus.

- **Múmia** (Mumie): Corpo balsâmico, imutável e incorruptível.

- **Mistérios**: Os dois eternos são o do Amor e o da Ira. O princípio de todos é o *Mysterium magnum*.

N

- **Natureza**: A Eterna Natureza é a operação das sete fontes espirituais; a Natureza temporal é o nosso mundo físico.

- **Necrolice**: O mundo tenebroso (três primeiras formas).

- **Necromancia**: O espírito do Fogo.

- **Nada ou Nenhum (Rien):** Deus oposto às criaturas; incompreensível antes do começo.

- **Nigromancia**: Magia negra, taumaturgia do Inferno.

- **Bodas do Cordeiro**: União da alma e do Verbo por meio de Sophia.

P

- **Fantasia** (Phantaisie): A vontade de todo centro que deseja a vida ígnea; pertence aos infernos.

- **Princípios**: Neste mundo chamam-se Sal, Enxofre e Mercúrio (pervertidos).

Q

- **Qualidades**: Ver *Formas*.

- **Quinta-essência**: Raiz dos quatro elementos ou elemento puro; sua cor é o branco. Contém a tintura.

R

- **Regime**: O do céu é triplo (regido por Miguel, Rafael e Gabriel); o da terra é corrompido; o espiritual do homem reside na humildade.

- **Rodas**: O movimento das sete formas girando umas nas outras.

S

- **Salitter** ou **Salniter**: Divino ou terrestre, segundo seja a força das sete fontes-espíritos em Deus ou na natureza.

- **Scienz**: A vontade eterna saindo do abismo (conhecimento no amor, ciência diabólica no fogo).

- **Sal**: A primeira das sete formas; princípio de toda corporeidade.

- **Enxofre** (Soufre): A segunda forma; fogo central agindo nas criaturas.

- **Sophia:** O espírito do elemento puro, o espelho de Deus, a força da tintura, o amor essencial. Seu esposo é a alma do homem.

T

- **Trevas**: Morada do fogo frio dos diabos.

- **Tintura**: Seu princípio é o fogo e seu corpo é a luz. Habita entre os três mundos; é o perfume, a esplendor e a suavidade.

- **Turba ou Turba Magna**: Oitava forma que reside na multiplicidade das vontades; oficina do diabo.

V

- **Vida**: Toda vida é um fogo ou uma tintura saindo de um fogo. A vida masculina tem uma tintura de Sol e Marte; a feminina, de Vênus e Mercúrio.

- **Virgem Celeste**: Contemporânea da Santa Trindade, tornando-a compreensível à alma (Ver *Sophia*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jacob Böhme não merece a dupla reputação que lhe foi feita**:** nem de loucura incompreensível, nem de sublimidade absoluta. Quando se dedica o esforço para aprender sua língua e enxugar as redundâncias, ele se torna claro, profundo e luminoso. Contudo, não possui a verdade única nem a ciência total. Sua obra grandiosa evoca a antiga teosofia brahmânica, mas seu alimento exige discernimento para a busca da imortalidade celeste.

AGRADECIMENTOS FINAIS

A você, leitor, que percorreu este longo e denso caminho até a última página, o meu mais sincero agradecimento. Debruçar-se sobre os mistérios, os ensinamentos e conhecimentos dados a nós por Boehme exige coragem, paciência e uma busca genuína pela Verdade.

Agora que concluiu esta leitura, não guarde apenas para si o conhecimento adquirido. Seja um portador ativo da luz da sabedoria onde quer que esteja. Nunca desista de praticar o bem, de exercitar a caridade e de viver no amor consciente — as maiores forças de transformação do espírito.

Mantenha-se firme no propósito da Verdade e não se deixe corromper pelas seduções e ilusões passageiras do mundo exterior. Lembre-se sempre de cuidar do seu templo nesta existência: preserve com zelo a sua saúde física e a sua paz mental, pois elas são a base necessária para que a alma cumpra sua missão terrena com equilíbrio e firmeza.

Que a sua jornada seja repleta de paz, clareza e constante elevação. Tenha uma boa e abençoada vida.

Mateus R. Faganelli (ObemEleito), 2026.